

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS UNIDADE UNIVERSITÁRIA ANÁPOLIS DE
CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO, LINGUAGEM E TECNOLOGIAS

ELLEN RISIA DE SIQUEIRA FREITAS

**A RELAÇÃO ENTRE DUAS PERSONAGENS FEMININAS
MACHADIANAS E A MULHER CONTEMPORÂNEA NO
CONTEXTO SOCIOEDUCACIONAL**

Anápolis

2023

ELLEN RISIA DE SIQUEIRA FREITAS

**A RELAÇÃO ENTRE DUAS PERSONAGENS FEMININAS
MACHADIANAS E A MULHER CONTEMPORÂNEA NO
CONTEXTO SOCIOEDUCACIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias, da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Área de concentração: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias.

Linha de pesquisa: Linguagem e Práticas Sociais.

Orientadora: Prof. Dra. Olira Saraiva Rodrigues

Anápolis

2023

ELLEN RISIA DE SIQUEIRA FREITAS

**A RELAÇÃO ENTRE DUAS PERSONAGENS FEMININAS MACHADIANAS E A
MULHER CONTEMPORÂNEA NO CONTEXTO SOCIOEDUCACIONAL**

Banca examinadora

Orientadora Profa. Dra Olira Saraiva Rodrigues
Presidente
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Professor Dr. Helvio Frank de Oliveira
Membro Interno
Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Professora Dra Carina Luisa Ochi Flexor
Membro Externo
Universidade de Brasília (UnB)

Professora Dra Cláudia Helena dos Santos Araújo
Membro Extra
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
de Goiás (IFG)

Anápolis, 20 de março de 2023

Dedico este estudo a todas as mulheres, em especial a Angelita, minha mãe, visto que sempre foi e é uma grande guerreira, mulher de valor e muita força.

AGRADECIMENTOS

A Deus, maior fonte de força espiritual que o homem tenha conhecido. Exemplo mais nobre de um desejo de tudo dar sem nada pedir em troca.

À Vida, maravilha para todos aqueles que sabem viver e conhecem o verdadeiro pulsar da vida eterna que jamais se acaba.

Disse Fernando Guimarães: "O importante não é chegar até aqui, mas ser. E ser é uma ciência delicada de pequenas e grandes observações. Se não executamos essas observações, não chegamos a ser, apenas existimos"

Muito embora uma dissertação seja, pela sua finalidade acadêmica, um trabalho individual, há contribuições de natureza diversa que não podem nem devem deixar de ser realçados. Por essa razão, desejo expressar os meus sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, Valci Antonio e Antonia Angelita sempre presentes seja fisicamente ou no coração, pelo amor, carinho, apoio e dedicação que sempre recebi. Pela crença e confiança em mim, muitas vezes maior que a minha.

À minha irmã Angélica Siqueira, pela eterna presença em minha vida, sempre me ajudando a ser uma pessoa melhor.

Agradeço ao meu esposo, Franklin Hiroshi, por sua paciência e por seu auxílio em diferentes momentos dessa jornada. Obrigada!

Aos meus amigos que sempre me apoiam em minhas decisões e acompanham meu trajeto. Agradeço aos meus companheiros de mestrado pelo apoio, cooperação e incentivo nos mais diversos momentos. Levarei todos em minhas lembranças!

Agradeço aos professores do PPG-IELT que me transmitiram tanto conhecimento nesse percurso, em especial à Prof. Dra. Olira Saraiva Rodrigues, minha orientadora.

Agradeço às professoras Dra. Cláudia Helena, Dra. Carina Flexor e Dra. Debora Cristina, que em minha banca de qualificação me acolheram e auxiliaram imensamente no processo com orientações valiosas. E um agradecimento singular à Dra. Mariana Furio, que contribuiu significativamente para este estudo, com uma revisão linguística em olhar acadêmico e rigor científico.

Por fim, aos professores Dr. Helvio Frank, Dra. Cláudia Helena e Dra. Carina Flexor que aceitaram o convite para participar da banca de defesa. E à Universidade Estadual de Goiás pela bolsa concedida. Muito obrigada!

RESUMO

FREITAS, Ellen Risia de Siqueira. **A relação entre duas personagens femininas machadianas e a mulher contemporânea no contexto socioeducacional.** 2023. 97f. Dissertação (Mestrado em Educação, Linguagens e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023.

No âmbito socioeducacional, promover discussões referentes à leitura e ao texto literário possibilita espaços de reflexão sobre as constantes mudanças em sociedade. As personagens femininas machadianas, Capitu e Sofia, nas obras “Dom Casmurro” e “Quincas Borba”, são pontos de partida para a elaboração de reflexões sobre o que denominamos ser mulheres – na medida em que são não-ficcionais – na contemporaneidade e no contexto da educação. Buscamos analisar de que maneira o conjunto da produção cultural, em diferentes textos, práticas e padrões se ampliam e se diversificam para responder ao questionamento: quais elementos da narrativa literária delineados, em duas personagens femininas machadianas, estabelecem uma relação com a mulher contemporânea no contexto socioeducacional? Objetivamos compreender os elementos da narrativa literária delineados em duas obras de Machado de Assis: “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” e sua relação com o contexto socioeducacional da mulher contemporânea. Para tal, estabelecemos como objetivos específicos da pesquisa: contextualizar o tempo histórico das obras literárias analisadas, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” de Machado de Assis, em âmbito socioeducacional; analisar as personagens femininas, Capitu e Sofia, contextualizando-as no momento histórico da cultura brasileira do século XIX; e estabelecer a relação entre duas personagens machadianas e a mulher contemporânea no contexto socioeducacional. Para tal, metodologicamente, seguimos em uma pesquisa exploratória, de abordagem qualitativa, com uma pesquisa bibliográfica e estudo de duas obras literárias, na propositura de um ensino literário. Como referencial teórico utilizamos autores de campos interdisciplinares (CHARTIER, 1990; SANTOS, K., 2015; COSTA, 2012; SCHWARZ, 1997; SAFFIOTI, 2015; BEAUVOIR, 2009; LOURO, 1997, 2000, 2004) para descrever o contexto da mulher do século XIX; para a análise literária no século XIX, fundamentamo-nos em D’Incao (2011), Castello (2008), Eagleton (2003), Pound (2006), Passos (2003) e Candido (1968) para a relacionar o papel feminino entre os séculos XIX e XXI. Ao examinar as narrativas literárias de “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” e as personagens femininas de Capitu e Sofia na literatura machadiana, estabelecemos a relação com a mulher contemporânea no contexto socioeducacional. Reforçamos que o ensino de literatura é fundamental para o desenvolvimento de movimentos igualitários e pensamento crítico sobre as mulheres. Ao analisar essas personagens, contextualizamos a cultura brasileira do século XIX, mostrando as restrições nas escolhas das mulheres e a pressão da sociedade sobre seus comportamentos. O percurso da dissertação, baseado na educação, literatura e ensino de literatura, mostrou a necessidade de continuar a discussão sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea em distintos contextos.

Palavras-chave: Contexto socioeducacional; Narrativa literária; Capitu e Sofia de Machado de Assis; Mulher contemporânea.

ABSTRACT

FREITAS, Ellen Risia de Siqueira. **The relationship between two female characters from Machado and the contemporary woman in the socio-educational context.** 2023. 97f. Masters Dissertation (Mestrado em Educação, Linguagens e Tecnologias) - Universidade Estadual de Goiás, Anápolis, 2023.

In the socio-educational scope, promoting discussions related to reading and the literary text provides spaces for reflection on the constant changes in society. Machado's female characters, Capitu and Sofia, in the works "Dom Casmurro" and "Quincas Borba", are starting points for the elaboration of reflections on what we call being women – insofar as they are non-fictional – in contemporary times and in the world. context of education. We seek to analyze how the set of cultural production, in different texts, practices and patterns, expands and diversifies in order to answer the question: which elements of the literary narrative delineated, in two female characters from Machado, establish a relationship with the contemporary woman in the context socio-educational? We aim to understand the elements of literary narrative outlined in two works by Machado de Assis: "Dom Casmurro" and "Quincas Borba" and their relationship with the socio-educational context of contemporary women. To this end, we established the following specific research objectives: contextualize the historical time of the analyzed literary works, "Dom Casmurro" and "Quincas Borba" by Machado de Assis, in a socio-educational context; analyze the female characters, Capitu and Sofia, contextualizing them in the historical moment of Brazilian culture in the 19th century; and establish the relationship between two characters from Machado and the contemporary woman in the socio-educational context. To this end, methodologically, we followed an exploratory research, with a qualitative approach, with a bibliographical research and study of two literary works, in the proposition of a literary teaching. As a theoretical reference, we used authors from interdisciplinary fields (CHARTIER, 1990; SANTOS, K., 2015; COSTA, 2012; SCHWARZ, 1997; SAFFIOTI, 2015; BEAUVOIR, 2009; LOURO, 1997, 2000, 2004) to describe the context of women of the 19th century; for literary analysis in the nineteenth century, we base ourselves on D'incao (2011), Castello (2008), Eagleton (2003), Pound (2006), Passos (2003) and Candido (1968) to relate the female role between the 19th and 21st centuries. By examining the literary narratives of "Dom Casmurro" and "Quincas Borba" and the female characters of Capitu and Sofia in Machado's literature, we established the relationship with contemporary women in the socio-educational context. We reinforce that teaching literature is fundamental for the development of egalitarian movements and critical thinking about women. By analyzing these characters, we contextualize the Brazilian culture of the 19th century, showing restrictions on women's choices and society's pressure on their behavior. The course of the dissertation, based on education, literature and literature teaching, showed the need to continue the discussion about the role of women in contemporary society in different contexts.

Keywords: Socio-educational context; Literary narrative; Capitu and Sofia by Machado de Assis; Contemporary woman.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 12 |
| 1 O CONTEXTO HISTÓRICO DE DUAS OBRAS LITERÁRIAS DE MACHADO DE ASSIS EM ÂMBITO SOCIOEDUCACIONAL | 20 |
| 1.1 Sociedade Portuguesa em uma relação brasiliense | 22 |
| 1.2 O contexto educacional brasileiro | 26 |
| 1.3 Escola brasileira e a mulher | 34 |
| 2 CAPITU E SOFIA: O CONTEXTO LITERÁRIO DE DUAS PERSONAGENS MACHADIANAS NO SÉCULO XIX | 41 |
| 2.1 Dom Casmurro: o romance da dúvida..... | 49 |
| 2.1.1 A dúvida: Bentinho e Capitu | 50 |
| 2.2 Quincas Borba: um romance de interesses..... | 59 |
| 2.2.1 A tríade: Sofia, Palha e Rubião | 61 |
| 3 A RELAÇÃO DE CAPITU E SOFIA COM A MULHER CONTEMPORÂNEA | 66 |
| 3.1 Um convite para o olhar | 69 |
| 3.2 Capitu e Sofia: século XIX ou século XXI? | 77 |
| 3.3 O contexto educacional da mulher do século XXI..... | 82 |
| (IN)CONCLUSÕES | 88 |
| REFERÊNCIAS | 92 |

QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1: Cartografia da dissertação..... | 19 |
|--|----|

SIGLAS

| | |
|----------|---|
| DC | Dom Casmurro |
| QB | Quincas Borba |
| BNCC | Base Nacional Comum Curricular |
| PPG-IELT | Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias |

INTRODUÇÃO

Encetar discussões referentes à leitura e ao texto literário, no âmbito educacional, significa criar possibilidades de reflexão sobre a relação destes com as mudanças que ocorrem constantemente em sociedade. A contemporaneidade de tais mudanças nos orienta a abordar a relação entre figuras femininas machadianas e mulheres reais – na medida em que são não-ficcionais. Entre os séculos XIX e XXI, uma série de transformações favoreceram abordagens que se importem analisar de que maneira o conjunto da produção cultural de uma sociedade, seus diferentes textos, suas práticas e os seus padrões se ampliam e se diversificam.

Entender as relações interdiscursivas de uma obra literária é fator fundamental para compreender os diálogos que se estabelecem entre textos e contextos, adentrando novas visões reflexivas daquilo que se escreve, seja realidade ou ficção. Nesse sentido, a pesquisa busca apresentar uma possibilidade outra de leitura das obras de Machado de Assis, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba”. Essas obras apresentam similitudes: pertencem ao mesmo período de produção e refletem sobre a sagacidade da condição humana através de suas personagens femininas. Ademais, “Dom Casmurro”, publicado em 1899, e “Quincas Borba”, publicado em 1892, primam pela ambiguidade, pela impossibilidade de se assegurar uma verdade factual e têm como problemática central: o casamento e o adultério.

Machado de Assis trouxe para as suas obras o contexto social em que vivia, o Rio de Janeiro da segunda metade do século XIX. Todavia, ele lança mão desse contexto, contrariando as expectativas dessa sociedade, para que, pela voz de seus narradores, as personagens femininas pudessem, de forma fluida, figurar nesse universo social, marcado pelo poder masculino. Desse modo, ele constrói Capitu e Sofia com perfis singulares e as insere nesse cenário, atribuindo-lhes beleza, simpatia e apelo erótico, num jogo duplo de sedução. Machado concebe essas personagens dotadas de personalidade marcadamente forte, caracterizando traços dominantes – antagonizando o *status quo* do contexto em quadro. Assim, são personagens que, mesmo sob um véu encobridor, conseguem atravessar por entre o dito e o não-dito e se apresentam como seres da palavra, inclusive ocupando os espaços de poder reservado ao homem.

Em síntese, concernente à estrutura das obras e à construção da representação da mulher, entendemos que esses romances atuam, constantemente, despistando o leitor ao procurar restaurar o vivido falsamente pela mediação de uma narrativa subjetiva das figuras machadianas Capitu e Sofia. “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” apresentam fragmentos do suposto real, de uma verdade elaborada, em que a memória está mais para a construção do que

para a recordação. Denotamos que a forte presença das figuras machadianas, Capitu e Sofia, captam a atenção do leitor, pois, ainda que silenciadas pelas construções do contexto do século XIX, são essas personagens que protagonizam as obras. Capitu e Sofia são figuras femininas que transgrediram uma interdição do código moral no plano do gênero, realizando assim uma ruptura, que supõe a subversão da ordem, assim elas conseguiram sair do lugar de não protagonismo e interrompem o cenário de domínio masculino.

Nesse sentido, essa pesquisa propõe situar as personagens femininas, Capitu e Sofia, nos contextos em que são inseridas nas obras em quadro, de modo a estabelecer uma possível relação entre elas e o papel desafiador e inovador que figuram na sociedade carioca do século XIX, em que somente homens poderiam ser considerados senhores de suas próprias ações. Complementar a esse movimento, entendemos que Machado de Assis é, sem dúvida, considerado o maior escritor da literatura brasileira, ele desenvolveu as suas figuras conforme as condições humanas.

Consequentemente, um dos autores mais estudados em diversos campos disciplinares. Temas que têm sido primados nas orientações para a Educação Básica, em especial, no ensino de literatura e linguagens. Na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a literatura enfatiza a formação de leitores “fruidores”, como é possível observar nas competências sobre Linguagens, na Língua Portuguesa, para o Ensino Fundamental¹. Outrossim, para o Ensino Médio, em que o protagonismo do leitor é enfatizado. Na competência sobre Linguagens e suas Tecnologias². Dessa forma, essa pesquisa propõe ampliar o escopo da relação entre as personagens e o contexto do século XIX para estabelecer diálogo com a mulher contemporânea que atua na Educação.

Centramos a pesquisa nos modos de representação das principais figuras femininas, Capitu e Sofia, dentro dos romances “Dom Casmurro” e “Quincas Borba”, considerando a ambiguidade narrativa atrelada a elas. Nesse sentido, a pesquisa tece análises sobre Capitu e Sofia, buscando esclarecer como se portavam, usavam a linguagem corporal para expressarem seus sentimentos e se posicionavam como mulheres diante das circunstâncias

¹ Para que a função utilitária da literatura – e da arte em geral – possa dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora, é preciso supor – e, portanto, garantir a formação de – um leitor-fruidor, ou seja, de um sujeito que seja capaz de se implicar na leitura dos textos, de “desvendar” suas múltiplas camadas de sentido, de responder às suas demandas e de firmar pactos de leitura. (BRASIL, 2018, p 138).

² Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 481).

vivenciadas naquele período. Desse modo, a pesquisa visa compreender as aproximações e distanciamentos entre duas figuras femininas machadianas e a mulher contemporânea no contexto da educação.

Nesse sentido, somos guiadas pela seguinte problemática: Quais elementos da narrativa literária delineados, em duas personagens femininas machadianas, estabelecem uma relação com a mulher contemporânea no contexto socioeducacional?

Dessa forma, objetivamos compreender os elementos da narrativa literária delineados em duas obras de Machado de Assis: “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” e sua relação com o contexto socioeducacional da mulher contemporânea. Em torno desse objetivo geral, elencamos os seguintes objetivos específicos: contextualizar o tempo histórico das obras literárias analisadas, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” de Machado de Assis, em âmbito socioeducacional; analisar as personagens femininas, Capitu e Sofia, contextualizando-as no momento histórico da cultura brasileira do século XIX; e estabelecer a relação entre duas personagens machadianas e a mulher contemporânea no contexto socioeducacional.

Metodologicamente, tendo em vista o escopo da dissertação, esse estudo é definido, quanto aos objetivos, como uma pesquisa exploratória que, segundo Gil (2002, p.41), objetiva proporcionar maior familiaridade com o problema em quadro, explicitando ou construindo hipóteses sobre ele. Incluem-se nesses movimentos os procedimentos de uma pesquisa bibliográfica e estudo de duas obras literárias. Desse modo, ainda com base em Gil (2002, p. 42), propõe-se um estudo de cunho descritivo que objetiva, primordialmente, a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

Além disso, a pesquisa articula métodos ligados à natureza qualitativa, que contempla a interpretação da realidade que, para além de unidades mensuráveis e quantificáveis, permite abordar o contexto de vida dos sujeitos (ANDRÉ, 2005). Em concordância desse ponto de vista, Flick (2009) demonstra como esse tipo de pesquisa tem particular relevância nos estudos das relações sociais; devido à pluralização das esferas de vida, especialmente, diante das mudanças sociais e diversificação dessas esferas, que exigem o enfrentamento de novos contextos e perspectivas por parte dos pesquisadores.

Corroboramos com Flick (2009), que assevera que em pesquisa qualitativa o objeto de estudo é o fator determinante para a escolha de um método, prontamente é possível utilizar métodos abertos à complexidade do tema pesquisado, estabelecendo critérios que evidenciam as perspectivas dos participantes sobre suas histórias de vida e sua diversidade.

Assim, compreendemos que o caminho científico percorrido envolve percepções e detalhes de apresentação deste estudo sobre as escolhas empreendidas desde seu

início até a etapa final. Tal percurso discorre a respeito da escolha do tipo, do método e dos instrumentos empregados no processo de composição do corpus metodológico.

Nesse sentido, pela análise da representação da mulher no século XIX e a partir de duas personagens femininas machadianas, denotamos fortes indicativos para a compreensão do processo de formação humana. Ressalta-se que, estando inseridas em contextos históricos e socioculturais próprios, essas figuras são construídas em um universo literário que, caminhando junto às conquistas das mulheres, serve de inspiração para que elas sejam impulsionadas a tomarem decisões, na obtenção de voz e vez.

Enfatizamos que a interpretação de obras como, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” (doravante DC e QB), através de uma perspectiva reflexiva, permite contemporizar aspectos socioculturais específicos do contexto carioca no século XIX em diálogo com a contemporaneidade do contexto educacional. Além disso, ao demonstrar o envolvimento das personagens com a realidade, inferimos a significativa importância para que essas obras sejam condutores de reflexões tais como as orientadas pela BNCC (BRASIL, 2018).

Desse modo, retomando o aspecto bibliográfico desse trabalho, com base em Severino (2007), Cerro, Bervian e Silva (2007) e Gil (2002, 2008), a pesquisa envolve dados passados, ou seja, registros realizados por estudos anteriores que servem como base para o pesquisador compreender determinado tema ou problema. Segundo os autores, esses estudos podem ser decorrentes de conteúdos publicados em formato de livros, artigos científicos, teses, dissertações. Assim, iniciamos pela revisão de literatura, em que buscamos conhecer e analisar o tema das problemáticas em pauta. Ela nos auxilia na identificação de trabalhos científicos sobre o assunto em quadro, colaborando na definição do problema e do método adequado ao escopo.

Dessa forma, seguimos o rito prescrito por Lakatos e Marconi (1985) que, embora a pesquisa bibliográfica se fundamente em estudos já realizados, ela deve se constituir em um novo enfoque ou abordagem, abarcando contribuições que diferenciam a discussão do que já foi dito ou escrito sobre o tema por outros autores. De acordo com Gil (2008), a pesquisa bibliográfica permite atingir um espaço amostral maior, inviável a partir de uma pesquisa de campo, sob a qual o investigador teria que percorrer um longo território, coletando dados diretamente com os sujeitos. Ademais, uma pesquisa bibliográfica envolve procedimentos endereçados ao pesquisador na busca de obras já estudadas na solução da problemática através do estudo do tema.

Consideramos que os escritos refletem e propagaram uma realidade idealizada para as mulheres contextualizadas na sociedade do século XIX. Idealizadas, pois as

atitudes, os comportamentos e as formas de pensar das personagens se orientam através de uma lógica argumentativa moralizadora dos costumes de tal sociedade – são, portanto, as mais adequadas posições no caminho do amor e da felicidade conjugal – e, em contrapartida, têm-se duas personagens femininas que rompem essa lógica, atravessando o tempo em que estavam inseridas.

Em vista disso, visualizamos a possibilidade de lançar mão da análise comparativa. O método comparativo consiste em investigar coisas ou fatos e explicá-los segundo suas semelhanças e suas diferenças. Permite a análise de dados concretos e a dedução de semelhanças e divergências de elementos constantes, abstratos e gerais, propiciando investigações de caráter indireto. Desse modo, ressaltamos que as personagens femininas machadianas são criações fictícias, todavia, representam a vida das mulheres do século XIX.

Para descrever o contexto da mulher do século XIX, utilizamos autores de campos interdisciplinares (CHARTIER, 1990; SANTOS, K., 2015; COSTA, 2012; SCHWARZ, 1997; SAFFIOTI, 2015; BEAUVOIR, 2009; LOURO, 1997, 2000, 2004). Por sua vez, para a análise literária de duas mulheres machadianas no século XIX a pesquisa foi fundamentada em D'Incao (2011), Castello (2008), Eagleton (2003), Pound (2006), Passos (2003) e Candido (1968).

Ser mulher e estudar outras mulheres faz com que essa pesquisa se torne pessoal e especial. Vivenciamos hoje diversos retrocessos sobre direitos conquistados na nossa sociedade, especialmente, sobre avanços que nós, mulheres, conseguimos sobre o direito de se falar sobre as diferenças e desigualdades de gênero no espaço escolar, buscando entender o ser humano nas suas diferentes sexualidades e a entender a construção cultural que se *fez* (e *faz*) presente sobre ser mulher e ser homem. Esse fato e tantas outras situações remetem a retrocessos, que estabelecem padrões sobre o “ser feminina”, o “ser mulher” e a estereótipos de conduta, fazem com que olhemos a um passado, não tão distante, diga-se de passagem, onde as diferenças de gênero eram justificadas cientificamente e naturalizadas. Isso se assemelha, muito, com o nosso dia a dia no contexto escolar.

Muitas mulheres ainda são vítimas de um sistema machista, seja em casa ou no espaço público, onde as desigualdades de gênero recaem sobre o feminino de uma forma que mata, oprime e subjuga. A História tem um papel fundamental para a compreensão do passado e a aquisição de expectativas para o futuro, pois vemos diversas mulheres conquistando espaços que não eram originalmente seus e que hoje podemos usufruir sem que haja tanta repressão. O estudo da história das mulheres é fundamental para uma sociedade mais justa e igualitária.

Esta temática da pesquisa tem uma intrínseca relação com meu percurso epistêmico. Como pesquisadora, iniciei minha trajetória no ano de 2015, quando entrei no programa de iniciação científica do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás (UEG), como bolsista CNPq, sob a orientação do Professor Doutor Elson Marcolino da Silva. Pude aprender o quanto é imprescindível ter um olhar sensível, perceber as situações problemas e ir em busca de uma resposta, com estudos, investigação e foi nessa oportunidade ímpar que nasceu o sonho de finalizar a graduação e ir para o programa de Mestrado.

Todavia, ainda era tudo muito novo, afinal de contas, era meu primeiro ano de graduação, morando em uma cidade desconhecida, em que aquela menina vinda do interior, em busca dos estudos, estava eu descortinando a vida. Movida pelo apoio dos pais, que muito se esforçaram para que tudo isso acontecesse. Meus pais são trabalhadores rurais, que não tiveram oportunidade de se sentar em um banco da universidade. Minha mãe, vinda de uma família tradicional, resultante do sistema patriarcal, em que somente saía de casa se casada – e assim aconteceu, aos vinte um anos casou-se com meu pai, mudou da fazenda Bom Jardim para a fazenda Ponte Alta e logo deu a vida a mim e à minha irmã. Com uma sabedoria que não está escrita nos livros, lutou para não reproduzir aquele sistema, sempre relembra a nós e a meu pai o quanto os estudos são importantes, capazes de mudarem a realidade. Com a dedicação dos meus pais, eu e minha irmã viemos para Anápolis, considerada uma cidade grande, a fim de cursar o ensino superior e ambas trilharam o caminho da pesquisa.

Foi no percurso da graduação que tive contato com a obra “Dom Casmurro”, em decorrência da disciplina Fundamentos da Educação, em que o professor indicou tal leitura a fim de identificarmos a forma deslumbrante de Machado de Assis em escrever, fazendo com que nós leitores sentíssemos pertencentes àquele contexto. Surgiu, então, meu encanto pela figura Capitu, uma mulher forte que, por mais que surgissem desafios impostos daquela sociedade, não deixou de viver o que acreditava e sentia, exalando suas emoções através do olhar.

O ímpeto de estudar as mulheres começou a ser arquitetado como possibilidade de pesquisa no período em que me inscrevi como ouvinte na disciplina de Processos e Práticas de Letramento no Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT). A partir de então, comecei a formular o pré-projeto que se tornou meu objeto de estudo.

Muito embora saibamos da importância que estudos como esses carregam para a Educação e para as mulheres na nossa sociedade, saber mais sobre nossas antecessoras como são representadas, me impulsionou – especialmente, para mudar o aspecto das posições

binárias, encontradas no senso comum, em que mulheres estariam voltadas apenas aos afazeres domésticos e cuidados com a família. Motivei-me, como pesquisadora, a investigar tal temática ainda pouco refletida como deveria por todos.

Foram as similaridades com o período das obras que me fizeram repensar essas personagens do século XIX, em suas singularidades e totalidades, seus problemas diários, experiências sociais, ações, lutas e conquistas. Infelizmente, ainda se vê a mulher a partir de discursos marcados por naturalizações sociais e biológicas, pois vivemos em uma sociedade construída, historicamente, por heranças machistas e patriarcais.

Essas concepções se reproduziram *na e pela* literatura, marcando a historiografia e as gerações seguintes. Assim, o papel da mulher e suas funções foram se impregnando, hegemonicamente, na cultura da nossa sociedade. Nossa intenção com essa dissertação é mostrar que as mulheres tinham atuações sociais além do que era esperado e, em alguns momentos, faço analogias sobre como ações passadas refletem problemas atuais.

Sobretudo, parto da crença que, além de mulher, sou pedagoga e a profissão docente deve refletir sobre essas questões. Para tanto, como professora de educação infantil percebo a importância do ensino de literatura desde a tenra idade para o desenvolvimento do ser humano em sua integralidade.

O trabalho foi desenvolvido em três capítulos. No primeiro capítulo, abordamos o contexto histórico das duas obras literárias de Machado de Assis em âmbito socioeducacional; e apresentamos um breve percurso histórico da representação feminina, enfatizando o papel que essas mulheres desempenharam na sociedade do século XIX. No segundo capítulo, abordamos o contexto literário de duas personagens femininas machadianas no século XIX, referente ao momento histórico da cultura brasileira e ao contexto socioeducacional. Além disso, apresentamos a obra DC para destacarmos Capitu, evidenciando-a enquanto figura feminina (re)conhecida pelos olhos de ressaca e como uma mulher que sobressaiu ao tempo em que estava inserida. Em seguida, trazemos a figura Sofia, em QB, que, por sua vez, é uma personagem (re)conhecida pelos ombros de cera, que carrega. Encontramos semelhanças entre as personagens, uma vez que, nos momentos mais difíceis, se tornam concentradas reflexivas, capazes de disfarces rápidos, certas na invenção de expedientes, sobressaindo do tempo em que estavam. No terceiro capítulo, apresentamos Capitu e Sofia em relação com a mulher contemporânea, estabelecendo aproximações e distanciamentos entre duas personagens machadianas e a mulher contemporânea no contexto socioeducacional. Assim, em vias de conclusão dessa introdução, elaboramos o desenho desta dissertação:

Quadro 1: Cartografia da dissertação

| Título: A relação entre duas personagens femininas machadianas e a mulher contemporânea no contexto socioeducacional. | |
|--|---|
| Problema: Quais elementos da narrativa literária delineados, em duas personagens femininas machadianas, estabelecem uma relação com a mulher contemporânea no contexto socioeducacional? | |
| Objetivo Geral: Compreender os elementos da narrativa literária delineados em duas obras de Machado de Assis: “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” e sua relação com o contexto socioeducacional da mulher contemporânea. | |
| Objetivos Específicos | Estrutura da Dissertação |
| Contextualizar o tempo histórico das obras literárias analisadas, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba” de Machado de Assis, em âmbito socioeducacional. | Primeiro capítulo: O contexto histórico de duas obras literárias de Machado de Assis em âmbito socioeducacional. |
| Analisar as personagens femininas, Capitu e Sofia, contextualizando-as no momento histórico da cultura brasileira do século XIX. | Segundo capítulo: Capitu e Sofia: o contexto literário de duas personagens machadianas no século XIX. |
| Estabelecer a relação entre duas personagens machadianas e a mulher contemporânea no contexto socioeducacional. | Terceiro capítulo: A relação de Capitu e Sofia com a mulher contemporânea. |

Fonte: Elaborado pela autora

1 O CONTEXTO HISTÓRICO DE DUAS OBRAS LITERÁRIAS DE MACHADO DE ASSIS EM ÂMBITO SOCIOEDUCACIONAL

Neste capítulo, partimos da problematização da literatura como um canal de comunicação que, sendo capaz de representar determinada realidade, predominantemente, reproduz sobre a mulher representações oriundas da perspectiva da classe dominante. Dessa forma, consideramos válidas as contribuições oriundas do campo da História que permitem a articulação entre o conceito de representação e o papel do historiador frente ao objeto de análise.

Acerca do conceito de representação, recorremos a Chartier (1990). Conforme o autor, as representações se inserem “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”. Assim, produzem, de fato, “lutas de representações.” (CHARTIER, 1990, p. 17). Esse conceito, portanto, contrapõe a premissa de que o historiador teria acesso ao passado, reconstruindo-o com suas pesquisas. Complementarmente, de acordo com Pesavento (2004), as representações:

Construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade. (PESAVENTO, 2004, p. 39)

Nesse sentido, a noção de representação vislumbra o passado como algo inatingível, podendo ser tocado por meio das representações criadas sobre ele. Assim, lançando mão de um conceito da História, tentamos compreender como as mulheres do século XIX estão representadas nas obras, DC e QB. Além disso, evidenciamos a relevância desse movimento para uma reflexão interdisciplinar. Olhar historicamente para a trajetória das mulheres é refletir sobre fatores pertinentes à contemporaneidade do papel feminino no contexto escolar. É um giro no olhar, em que ocorrem as transformações da cultura e as mudanças nas ideias, por meio das tensões e contradições que se estabelecem em diferentes épocas, tempos e sociedades.

Em linhas complementares, é possível refletir sobre as representações do significado da palavra “mulher” que encontramos em dicionários. Destacamos que dicionários são elaborados a partir de construções históricas e culturais de dada sociedade e em determinada época, podendo ser atualizados, considerando-se as circunstâncias vigentes. Significa dizer que as definições apresentadas não estão completamente despidas das concepções sociais do contexto em que foram elaboradas.

Contudo, para este estudo, a definição apresentada servirá apenas como ponto de partida para visualizar a mulher enquanto sujeito, na perspectiva de alguém que recebe e desenvolve papéis dentro de uma organização social.

Há estudos acerca da representação do homem e da mulher a partir do Dicionário de usos do português do Brasil, escrito por Pontes e Santos (2014) que conceituam:

[mulher] Nf 1 ser humano do sexo feminino: mantido o limite para a puberdade para o homem aos quatorze anos e para a mulher, aos doze (AE); olhou para o centro do palco, vendo um corpo de mulher tombado no chão (BB) 2 mulher na idade adulta ou moça que atingiu a puberdade: Um homem e uma mulher, dentro de uma tenda, no meio do mato? (ANB); minha filha, já estás uma mulher (BN) 3 esposa: Acaso ela é minha mulher, minha esposa? (A); marido e mulher discutiam como chamar a menina a nascer (ANA) 4 parceira sexual do homem: às vezes pensava até em procurar outra mulher (AFA); conhecer aquela que seria a primeira mulher de sua vida (BB). (PONTES; SANTOS, 2014, p. 136)

Dessa forma, para os autores com o uso dos enunciados do verbete acima, é possível destacar os seguintes traços semânticos: 1. ser humano; 2. sexo feminino; 3. idade adulta; 4. entrada na puberdade; 5. esposa e 6. parceira sexual” (PONTES; SANTOS, 2014, p. 136). Conforme definição, podemos afirmar que o conceito de “mulher”, apresentada acima, induz ao entendimento de mulher como sendo ser humano do sexo feminino em idade adulta; que teve sua primeira menstruação; esposa e parceira sexual em potencial. Isto é, a definição de mulher é criada a partir dos seus aspectos biológicos, definidos inicialmente na Idade Média, tendo seu papel na estrutura familiar construído historicamente pelas necessidades sociais, que se pautavam na ideia de família como micro célula da sociedade.

Em conformidade com Perrot (1991), as mulheres foram deixadas por muito tempo às margens da história, entendidas como seres inferiores, quando comparadas aos homens, não criavam sua própria história e projetos de vida. Não sendo consideradas sujeitos com condições de interagir com a sociedade em que estavam inseridas, como indivíduos, criaturas com vontades e pensamentos próprios, não eram consultadas sobre seu destino, tampouco ouvidas quanto às suas dores e alegrias, simplesmente, viviam entre aqueles que as definiam.

Nessa perspectiva, o patriarcado consiste, pois, em um sistema de dominação e apropriação masculina sobre o corpo, a vida e o trabalho das mulheres, demandante do surgimento da monogamia feminina, já que do homem ela não é exigida. Daí resulta a família monogâmica, determinada pelo modo de organização da produção material, fundada sob dadas condições materiais/econômicas, não sendo resultante do amor sexual individual. É o “triunfo da propriedade primitiva, originada espontaneamente” (ENGELS, 2012, p. 87). (SANTOS, C., 2015, p. 33)

De acordo com Camila Santos (2015), quando a produção material da riqueza passou a ser realizada pela classe explorada, pelos escravos, a classe dominante precisou fazer com que estes buscassem a sua sobrevivência de modo individual; para isso foi extinguir os laços primitivos, os quais faziam da sobrevivência de cada indivíduo a condição necessária para a sobrevivência. Uma das determinantes da constituição da família monogâmica era o direito do homem em ter filhos para herdar a sua riqueza, não lhe cabia o cuidado com as crianças que não fossem suas, muito menos prover alimentação e moradia deles.

Ainda, na sociedade de classes, era impossível que a criação das crianças, a preparação dos alimentos, a organização da moradia tornasse atividades coletivas, destinando sob a responsabilidade da mulher, no âmbito privado de cada família. No caso, cabia aos homens prover suas mulheres e estas servirem aos seus maridos. Denotamos uma relação de poder em que a mulher tem seu trabalho doméstico inferiorizado em relação ao trabalho produtivo masculino, sendo considerado como uma mera contribuição à subsistência da família.

Em conformidade com a leitura de Camila Santos (2015), em Lessa (2012), a divisão social do trabalho se desenvolveu a partir do sexo feminino e masculino e por ocasião dessa divisão sexual do trabalho, a mulher, seja da classe dominada ou dominante, foi afastada da vida coletiva, ficando encarregada do trabalho reprodutivo e da satisfação das necessidades dos membros da família. Isso fez com que suas relações sociais limitassem à convivência com os mais próximos - empregados, escravos, filhos e esposo.

Essa situação incide sobre a configuração das individualidades na vida social, contribuindo para o desenvolvimento do que é ser feminino e do que é ser masculino: aos homens caberá pensar os problemas e decidir o futuro da humanidade; às mulheres, cuidar dos filhos, da alimentação e do lar.

1.1 Sociedade Portuguesa em uma relação brasileira

Sabe-se que quando a sociedade modifica ou sofre mudanças os comportamentos sociais são redefinidos. Bem como ocorreu com a sociedade portuguesa, que saiu do antigo regime para o liberalismo. A política e as reformas sociais pelas quais Portugal estava passando afetaram diretamente as classes sociais e, mais que isso, atingiram diretamente a sua família, dos princípios educativos femininos daquele tempo que, posteriormente,

embasaram toda a conduta das mulheres que contribuíram na construção de uma sociedade moderna.

Tanto os homens quanto as mulheres assumem novas atribuições, mudando suas representações, todavia, antes que isso ocorresse de fato, algumas mulheres anteciparam esse movimento, procurando entender o mundo no qual estavam inseridas. O que leva a crer que elabora esse processo é a formação recebida por essas mulheres, associada à possibilidade de supressão do papel, antes a elas definido, de esposa, mãe e/ou filha.

O cerceamento desse papel ou dessas atribuições sociais veio através do ingresso nos conventos, fosse por vocação ou por motivos variados. Vejamos, o convento representava uma “válvula de escape” uma alternativa, até mesmo a única, para que as mulheres desse período não vivessem aquilo que lhes eram destinadas, incluindo as obrigações matrimoniais, esse lugar supracitado possibilita acesso ao conhecimento, à música e à arte e o ‘livramento’ de um casamento, muitas vezes indesejado, das responsabilidades trazidas junto do casamento, da criação dos filhos ou da obediência aos pais, atribuições essas que obstaculizam o acesso à intelectualidade, à possibilidade de dedicar-se a outras coisas.

É possível dizer que os conventos contribuíram com a mudança da autoimagem das mulheres, à medida que, ainda que de forma restritiva, proporcionaram a elas um processo formativo em que lhes foi permitido reconhecer suas capacidades e potencialidades, bem como alargar seus horizontes.

Há, portanto, de acordo com Godoy e Costa (2018), uma relação entre convento, formação feminina e mudança na autoimagem das mulheres e, por conseguinte, uma possibilidade de redefinição dos comportamentos na sociedade. Redefinição essa que algumas mulheres, talvez as que estivessem mais preparadas intelectualmente, ganharam espaço na sociedade, porque antes iniciaram esse processo de modificação em sua autoimagem ainda que nos conventos, as ideias iluministas ofereceram grandes contribuições para essas modificações sociais e na redefinição de papéis e/ou comportamentos, à medida que embasaram a busca pelo progresso econômico e subsidiaram o movimento de consolidação da classe burguesa.

Os conventos foram uma das maneiras mais possíveis, não uma alternativa mais suave, mas uma possibilidade de acesso ao conhecimento. As mulheres depararam-se com os conventos e, como justificativa para a necessidade de acesso, às assembleias que começavam a existir já que estas exigiam inteligência social, arte da conversação, domínio da língua e vários outros conhecimentos.

Nesse movimento, a educação e a procura pelo conhecimento tornaram-se ferramentas para o alcance desses objetivos. Nesse sentido, a educação das mulheres também

foi vista como uma necessidade, já que eram elas as responsáveis pela formação das futuras gerações e, também, pela administração da economia doméstica. A mulher foi reconhecida como um sujeito importante desse processo, ainda que de forma tímida.

De acordo com Nunes e Barbosa (2012 apud GODOY, 2018), em Portugal, essas modificações sociais ocorreram por meio das reformas pombalinas, que estabeleceu um pano de fundo para conclamar modernidade, para a implementação das reformas estabelecidas pela política pombalina, na medida em que se pretendia fixar um parâmetro para igualar ou até superar o que acontecia na Europa culta, devolvendo a Portugal o prestígio e o reconhecimento da época dos descobrimentos.

Destaca-se que foram imbuídas pelos mesmos ideais iluministas, buscando colocar o reino e seus domínios em uma posição mais destacada na Europa, possibilitando à corte portuguesa adquirir condições econômicas que lhe possibilitasse conquistar elementos necessários para competir internacionalmente.

Considerando as condições sociais das mulheres no referido período, recorreremos aos escritos de Silvestre (2009), para esboçar um panorama geral da condição das mulheres ao longo dos tempos:

Em todas as sociedades e em todos os tempos, as leis, os preconceitos e os costumes tendem a restringir a vida das mulheres, limitando a sua instrução, e travando o desenvolvimento das suas aptidões naturais e subordinando a sua individualidade ao juízo de personalidades alheias. Essa situação aduzia à injustiça social, legal e econômica, repercutindo-se desfavoravelmente na vida coletiva e retardando o progresso socioeconômico em geral. (SILVESTRE, 2009, p. 47)

Na Europa, em específico, até fins do século XVIII, e ainda durante o século XIX, as mulheres eram consideradas seres inferiores, quando comparadas aos homens. Eram definidas ou caracterizadas como criaturas emotivas, sem muita racionalidade e sem capacidade de organização, sendo suas funções primeiras a reprodução e os cuidados com o espaço doméstico. Embora essa fosse a realidade mais provável é a mais comum, muitas mulheres se destacaram, como aponta Silvestre (2009) como filósofas, chefes, rainhas, guerreiras, artistas ou demonstraram capacidades que teoricamente eram apanágio apenas dos homens.

Ressalta-se a importância em observar que a história descrita sobre as mulheres, muitas vezes narrada pelo olhar masculino, aponta as mulheres que sobressaiam como exceções que surgiram por conta da classe social à qual pertenciam, porque, em função de seu posicionamento social, tiveram acesso à instrução e não como uma possibilidade, muitas vezes escondidas na sociedade por elas próprias.

Sabe-se que ao pertencer a uma classe mais favorecida, o acesso à instrução possibilita mais espaços de sociabilidade, foi assim e é, porém há exemplos de mulheres que não puderam fazer uso da sua classe social para se favorecer ou simplesmente não a possuíam e que, também, buscaram caminhos para conquistarem um espaço reconhecido na sociedade.

Há mulheres que, em sua condição limitada pela classe social e pela miséria, não atuaram no mesmo papel das aristocratas, mas no anonimato, apenas a história pôde não ter se ocupado delas. Contudo, é fato que as vozes dissonantes, como classifica Lopes (2005), existiram e de alguma forma, se espalharam, talvez não em grande número, mas em potencial, tanto que a defesa pela igualdade de direitos se iniciou no século XVIII, alargando-se posteriormente pelo século XIX, motivando as mulheres a lutarem pelos seus direitos.

Segundo Silvestre (2009), no pensamento dominante do período havia uma evidente separação entre os dois sexos no que dizia respeito ao público e ao privado, essa divisão seria resultante do imaginário da época que destinava às mulheres uma vida, ‘interior’ e, para os homens, a ‘rua’ e a política. Ainda, segundo esse autor, além dos princípios da organização política, havia outro discurso próprio daquela sociedade quanto aos ofícios e que mencionava a definição de papéis ou comportamentos na organização social que dizia: “Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos.” (SILVESTRE, 2009, p. 49).

Portanto, denota-se como resquício desses pensamentos, dado pelas contribuições das religiões, em que a mulher tem uma imagem espelhada do pecado, de alguém que só contribui se estiver sob a tutela de alguém e totalmente controlada, sobre essa imagem feminina, tida como representação do pecado original. Silvestre (2009) fomenta que a mulher será sempre uma representação antropomórfica do fruto proibido original, e por isso tradicionalmente deturpada, mas sem deixar de ser desejada.

Sabe-se que as tradições religiosas têm um papel fundamental na perpetuação de pensamentos e práticas que inferioriza a mulher na sociedade. Fazendo com que entendamos que seja um dos fatores nas Escrituras bíblicas que se difundiu, no contexto ocidental, a essa cultura da marginalização da mulher, porque nos textos Sagrados relacionados à Criação deparamos com Eva, a primeira mulher, que foi criada a partir da costela de Adão, o primeiro homem, que Deus teria criado primeiro; portanto, neste fato já existe uma tendência a priorizar a imagem masculina.

E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra. E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. (Gn 1, 26.27)

Ainda, dentro da passagem relacionada à criação é referido o pecado de Eva, em que ela desobedeceu às ordens de Deus, e motivado o homem a pecar e então, com esse ocorrido a mulher foi interpretada com característica de fraqueza, restando a ela obedecer ao homem, sinônimo de confiança e poder.

A seguir, houve o espaço privado do lar, o qual foi instalado para as assembleias movimentadas pela arte e cultura, a socialização, como um dos agentes da mudança do pensamento e da conduta feminina, mesclando o público e o privado, colocando, dessa maneira, a mulher como a idealizadora e executora dessa sociabilização e foi essa circunstância que alterou as relações entre as pessoas e abriram-se possibilidades para a mulher que até então não existiam.

Nesse sentido, ao final do século XIX, os modos de sociabilização acentuaram-se, como novos hábitos e novos comportamentos civilizacionais foram registrados, nos quais imperava uma mentalidade burguesa. De acordo com Silvestre (2009), essa mudança de comportamento foi influenciada pelo pensar dos burgueses, a qual passou a exigir de todos um nível mais elevado de conhecimento e uma necessidade de expor essa intelectualidade para ascensão e respeitabilidade social, alterando a mentalidade geral das pessoas e surgindo a necessidade das mulheres receberem uma instrução mais refinada, já que, além de executarem as assembleias, participando ativamente do evento, também eram as responsáveis pela primeira educação das crianças e pela administração do lar.

A forma selecionada para isso não foi a alternativa mais suave, mas a mais possível. Como possibilidade de acesso ao conhecimento, as mulheres se depararam com os conventos e, como justificativa para a necessidade de acesso, às assembleias que começavam a existir já que estas exigiam inteligência social, arte da conversação, domínio da língua e conhecimentos vários. Talvez nesse momento e a partir da percepção social de que as mulheres precisavam obter maior instrução, é que vozes masculinas também se levantaram a favor de um processo educacional voltado às mulheres.

1.2 O contexto educacional brasileiro

E, ao pensarmos nosso cenário, Brasil, na História nacional, tecemos reflexões sobre as variadas instituições de poder que agiram decisivamente em sua construção. Essas instituições desde suas fundações em solo brasileiro tiveram um papel imprescindível na confirmação e defesa dos interesses de seus respectivos governantes.

Em 1808, a família real migrou para o Brasil, e a partir disso ocorreu uma mudança significativa na estrutura da colônia brasileira, o que levou por determinado tempo a transferência da corte metropolitana para a colônia, e para a conservação de domínio. Dom João VI via nas instituições representantes fundamentais de seu poder centralizador. A vinda da família real ao Brasil marca também o início das instituições educacionais do país.

Com a chegada da corte portuguesa ao Brasil, inicia-se propriamente uma história institucional local. Data dessa época a instalação dos primeiros estabelecimentos de caráter cultural – como a Imprensa Régia, a Biblioteca, o Real Horto e o Museu Real – instituições que transformavam a colônia não apenas na sede provisória da monarquia portuguesa, como em um centro produtor de sua cultura e memória. (SCHWARZ, 1993, p. 23-24)

Compreende-se que, a partir da vinda da família real para o Brasil, as instituições de ensino e cultura vivenciaram um fortalecimento, eles vieram o Brasil como extensão de Portugal. Os homens de letras eram compostos em sua maioria por representantes da elite, ligados diretamente à monarquia, muitos deles formados em Coimbra, e outra parte deles em regiões da Europa, estavam envolvidos no modelo científico da época, onde as ideias pulsavam movidas pelas transformações econômicas, políticas e sociais do mundo moderno, a fim de aplicá-las no Brasil.

Ressaltamos que no ano da vinda da família real para o Brasil, o Rio de Janeiro foi transformado na nova sede da metrópole portuguesa, provocada pela invasão de Portugal, pelas tropas francesas de Napoleão, essa mudança foi uma estratégia para preservar a monarquia, as suas colônias e a integridade do império, levando a cidade a ser capital do Império e o centro polarizador de todo o processo político (CARDOSO, 2003).

De acordo com Cardoso (2003), as pessoas de todo o país eram atraídas para a cidade do Rio de Janeiro, sobretudo pelos estrangeiros que vinham como pesquisadores, naturalistas, comerciantes, professores, médicos ou mercenários nas tropas militares, motivados pelas possibilidades de ganho, pela curiosidade científica, pelo exótico e diferente. Em decorrência dessas mudanças, inclusive no seio político, D. João VI preocupou-se em transformar a nova sede da corte num centro de cultura, com acesso a um mundo de conhecimento e produção intelectual antes muito controlado pela metrópole.

É certo que a distinção clássica entre o público e o privado começou a se delinear com mais clareza no Brasil a partir da transferência e resultante instalação da Corte portuguesa no Rio de Janeiro, quando o funcionamento das instituições públicas começou a refletir o peso interno do aparato centralizador do Estado monárquico. E quando a chegada de novos contingentes populacionais com hábitos e costumes

inovadores, tanto quanto a abertura dos portos ao comércio exterior, influiu no traçado mais nítido da vida privada. (LYRA, 1999, p. 284)

Destacamos que, desde a segunda metade do século XVIII, já havia a distinção entre educação pública instituída pelo Estado, e educação privada, amparada predominantemente pelas ordens religiosas. Nesse sentido, com a transferência da Corte, a educação ganhou maior prestígio, no entanto, devemos salientar que o acesso aos estudos continuava prioritário para aqueles que, por sua posição na sociedade, podiam vir a ocupar cargos na administração pública.

Segundo Cardoso (2003), o interesse do Estado monárquico, colocado no reinado de D. João VI, estava direcionado para a formação de quadros dirigentes para a Administração e Exército, todavia, a situação política do reinado mudou de forma radical em 1820, quando eclodiu em Portugal a Revolução do Porto, de caráter liberal, fazendo com que gerasse grandes debates na corte, e também espalhou-se pelas ruas do Rio de Janeiro, através de panfletos, editoriais dos jornais e na forma de manifestações públicas, procriando um clima efervescente na política. Tal feito atingiu um público mais amplo, e não só aqueles vinculados às esferas de poder do Estado ou grandes senhores de terra e povos escravizados, o que faz entender que a intensa atividade pública então existente e que esteve bastante presente na conjuntura de estruturação do Estado liberal brasileiro, durante a primeira metade do século XIX. Por sua vez, de acordo com Lyra (1999, pp. 287 e 289):

As discussões políticas e intelectuais, antes realizadas em recintos fechados e em conversas secretas ou reuniões ocultas, alcançam as ruas das cidades mais populosas, sob o impulso do ideal de liberdade do homem e do anseio de participação nas diretrizes da sociedade que se organizava. [...] Tais manifestações envolveram parcela considerável da população urbana, seja em festividades religiosas ou celebrações dinásticas, seja engajada na vida política propriamente dita, aí considerada como vida pública, através de associações e/ ou movimentos reivindicatórios.

No ano de 1822, foi constituído o Estado Brasileiro na forma de Império liberal e a pauta de debates públicos incluíram temas como, por exemplo, a definição da nacionalidade brasileira, em uma sociedade escravista, como a nossa, parece contraditório vincular educação e cidadania. Entretanto, ao longo de 1823, a Assembleia Nacional Constituinte discutiu amplamente essa questão e, de modo geral, os deputados participantes dos debates sobre a educação nacional concordavam quanto à situação de penúria em que se encontrava o ensino público e quanto à necessidade de se expandirem as luzes aos cidadãos brasileiros, via educação (CARDOSO, 2003).

Em conformidade, com o supracitado, as discussões em torno da definição de quem seria ou não cidadão brasileiro, os constituintes indicaram algumas condições, tais como, a distinção entre cidadãos ativos, que seriam os donos de direitos políticos e civis, e os cidadãos passivos, que teriam direitos civis, mas não políticos, ou seja, a diferença entre essas duas situações seria exercida pelo voto.

No entanto, como a propriedade era o fundamento da cidadania, só era possível ser cidadão ao tornar-se proprietário. Desse modo, ficava excluída grande parte da população da sociedade política brasileira, sendo eles escravos e os homens livres pobres, como também excluídos do acesso à educação.

No Brasil, as últimas duas décadas do século XIX marcaram um período de grandes transformações sociais e políticas, tais como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República. No entanto, a mulher, conforme aponta Saffioti (2015), permaneceu alheia à agitação da opinião pública urbana da última década do Império em torno da abolição da escravatura.

Como o movimento abolicionista fermenta nos meios letrados, a mulher brasileira não pôde sequer ver nele a oportunidade para um enfoque crítico de sua condição existencial. Ao falar sobre casas rurais na Província de São Paulo, na segunda metade do século XIX, e parafraseando Nestor Goulart Reis Filho, que estudou a arquitetura regional brasileira do século XIX, e mostrou que a transformação arquitetônica era superficial, Schwarz (1997) descreveu sobre as paredes de terra, erguidas por escravos, pregavam-se papéis decorativos europeus ou aplicavam-se pinturas, de forma a criar a ilusão de um ambiente novo, como os interiores das residências dos países em industrialização. Em certos exemplos, o fingimento atingia o absurdo: pintavam-se motivos arquitetônicos Greco-romanos-pilastras, arquitraves, colunatas, frisas etc. Com perfeição de perspectiva e sombreamento, sugerindo uma ambientação neoclássica jamais realizável com as técnicas e 72 materiais disponíveis no local.

Em outros, pintavam-se janelas nas paredes, com vistas sobre ambientes do Rio de Janeiro, ou da Europa, sugerindo um exterior longínquo, certamente diverso do real, das senzalas, escravos e terreiros de serviço. Essa “fachada” estava presente no discurso contra a escravidão, que via o abolicionismo como solução para vários problemas dentro do âmbito familiar e não tinha em seu cerne uma preocupação com os escravos.

Destarte, trata-se de uma mentalidade burguesa, tudo o que se tentava instaurar no Brasil era influenciado pelos modos europeus, o que fazia com que os escravos mantivessem distância, já que não tinham lugar naquela sociedade que vislumbrava a ostentação

de luxos que imitassem outros povos. Dado assim, o Primeiro Reinado foi marcado pela crise econômico-financeira herdada do período colonial e pela instabilidade política.

Um tanto de características desse século, no que diz respeito ao Brasil, foram guerras, práticas excludentes, divergências de ideias, escravidão, resistências, lutas por direitos, discussões sobre implantação ou não de impostos, revoluções regionais, conflitos, crescimento das cidades, estruturação do ensino, projetos, movimentos expansionistas e sociais, participação política restrita, reformas políticas e disputa pelo poder.

Algumas reformas políticas brasileiras nesse período tiveram a proposta de descentralizar o poder, porém, os presidentes das províncias eram nomeados pelo governo central, fato esse que ocasionou descontentamentos e conseqüentemente trouxe à tona revoluções, revoltas, guerras e conflitos, liderados pelos próprios burgueses. O governo imperial conseguiu sufocar todas as revoltas ocorridas entre 1824 e 1850, na maioria das vezes sem fazer concessões aos revoltosos (KÜHN, 2002 apud ROSA, 2012).

Em relação às iniciativas culturais ocorridas no Brasil, destacamos: Criação da Imprensa Régia (1808); Biblioteca Nacional; Jardim Botânico do Rio e o Museu Real, que começou com materiais fornecidos pelo rei, recebeu coleções de José Bonifácio e coleções de zoologia ofertadas por naturalistas estrangeiros em viagem pelo Brasil; Missão cultural francês, em que vários artistas franceses eram convidados e influenciaram a criação da Escola Nacional de Belas-Artes.

O estabelecimento da Corte Portuguesa no Rio de Janeiro marcou uma nova época na vida da colônia brasileira, contudo, só alguns desfrutavam de melhoramentos e das inovações. No posfácio intitulado, Nos primórdios do feminismo brasileiro, da obra Direitos das mulheres e Injustiça dos Homens o cenário de Recife nas primeiras décadas do século XIX nos é apresentado da seguinte maneira, de acordo com Duarte (1989), citando Estêvão Pinto, que em Recife no século XIX melhoramentos eram feitos, tais como, a reforma do Trem Militar, novas estradas, o telégrafo semafórico da Torre do Espírito Santo, cujo farol acendeu-se em 1822, a criação de um gabinete topógrafo, reformas de edifícios públicos, a construção do Theatro de Santa Isabel, a ponte pênsil de Caxangá, e a inauguração do cemitério de Santo Amaro e da pequena linha férrea do Cabo (DUARTE, 1989).

No âmbito da educação, destacamos a criação da Academia Real da Marinha, que sucedeu em 1808 e a Academia Real Militar, criada em 1810, que após, no ano de 1832 foram anexadas, formando uma instituição de engenharia militar, naval e civil. Também estiveram a partir de 1808 Cursos médico-cirúrgicos, na Bahia e no Rio, visando a formação de médicos para a Marinha e o Exército; criação de diversos cursos avulsos de economia, química

e agricultura também na Bahia e no Rio; já os cursos jurídicos surgiram após a independência, em São Paulo e Recife, em 1827, só se tornando faculdades em 1854.

Compreendemos que com a transferência da corte para o Brasil, em 1808, geraram mudanças profundas no âmbito político e administrativo, desencadeando uma complexa organização administrativa, militar e judiciária e, para isso, foi implantada uma nova sede da monarquia portuguesa na América. Isto é, a vinda da família real significou o deslocamento do eixo econômico para o centro-sul do país, com o estabelecimento de importantes órgãos da administração central portuguesa nessa região.

Em decorrência a esse processo, organizaram-se cursos especializados, de caráter prático, voltados para necessidades mais pragmáticas da administração, tais como o Curso de Agricultura da Bahia (1812), a Aula de Comércio (1809), o Colégio das Fábricas (1809), a Companhia de Artífices no Arsenal Real do Exército (1810), entre outros (CASTANHO, s.d., p. 10).

Além desses cursos, criaram-se importantes estabelecimentos de ensino superior, como a Escola de Cirurgia da Bahia (1808), a Academia Médico-Cirúrgica do Rio de Janeiro (1808), a Real Academia dos Guardas-Marinhas (1808) e a própria Academia Real Militar (1810). Nesse sentido, o curso instituído na Academia Real Militar era também fruto do ideário ilustrado no campo educacional e do movimento geral de valorização do ensino técnico, iniciado em Portugal com a reforma da Universidade de Coimbra (FALCON, 1982; CABRAL, 2020).

Mesmo com essas mudanças ocorridas no Brasil Imperial, a condição da mulher permaneceu igual, em que o papel de ser mãe, esposa e dona de casa, mas mesmo que silenciadas, sem espaços, muitas atuaram em outros espaços, resistindo ao modo com que a sociedade estava colocada.

No século XIX, pensando na mulher que pertencia à camada senhorial, elas passaram por algumas modificações, à proporção que se intensificava o processo de urbanização. Uma vez que nenhuma alteração profunda se tivesse produzido em sua posição social, já não vivia reclusa na casa grande, pois o ambiente da cidade propiciava mais contatos sociais nas festas, nas igrejas, nos teatros.

A família patriarcal perdia sua dimensão rígida, permitindo à mulher desenvolver certo desembaraço de atitudes, porém, não se cuidava de sua instrução e sim, aumentava a ideia de educação doméstica, o cultivo da conservação, que permitiria à mulher ser agradável nos encontros. Ao mesmo tempo, a miséria e a prostituição grassavam fora dos sobrados e o regime escravocrata desintegrava-se a cada passo, no entanto, a mulher branca,

carente de instrução, dedicava-se exclusivamente à família, à Igreja e às festas, não atentando ao mundo em mudança (SAFFIOTI, 2015).

Nesse período, as condições do ensino eram precárias, muito ainda haveria de ser feito, pois dependia ainda de recursos financeiros que eram insuficientes. Freyre (2006, p. 506) destaca que:

É verdade que depois da Independência começaram a aparecer colégios particulares, alguns de estrangeiros- pedagogos ou charlatães; e a frequentá-los, filhos de magistrados e altos funcionários públicos, de negociantes e até de senhores de engenho. Imagine-se a saudade com que os meninos de engenho, acostumados a uma vida de vadiação – banho de rio, arapuca de apanhar passarinho, briga de galo, jogo de trunfo na casa de purgar com os negros e os moleques, chamego com as primas e as negrinhas – deixavam essas delícias para virem, de barcaça ou a cavalo, parando pelo caminho nos engenhos dos parentes e conhecidos dos pais, estudar nos internatos; ou mesmo nos externatos. (FREYRE, 2006, p. 506)

As mulheres não tinham liberdade como as dos homens, inclusive, muitas delas precisavam escrever anonimamente ou usar pseudônimos. Não encontramos mulheres sendo lembradas como escritoras brasileiras, educadoras e escritoras. Era um mundo voltado aos homens.

Quando fazemos alusão de um mundo voltado aos homens, remetemos o pensamento na sociedade patriarcal. Tendo em vista a história das mulheres, vemos que ela é marcada pelo estabelecimento e regência dessa ordem supracitada. Pois as mulheres, quando crianças já eram direcionadas ao ensino a serem mães e esposas, a qual a educação compreendida em: cozinhar, bordar, costurar, ou seja, realizar tarefas estritamente domésticas, uma vez que a elas foi negado o acesso à educação formal.

Elas eram vistas como frágeis, portanto, sujeitas às regras machistas. No século XIX, em meio às transformações decorrentes, sobretudo, da industrialização e da urbanização ocorridas nos Estados Unidos e na Europa, ideias civilizatórias foram fomentadas por grupos sociais que idealizavam a educação e a religião como estratégias na relação de poder, impor um comportamento individual e coletivamente aceitável. Nesse sentido, o sistema patriarcal legitimado ao longo da história pela religião cristã é o grande responsável pelas práticas sociais que naturalizam o papel da mulher, restringindo-a ao espaço da casa, e assim favorecendo o exercício do poder masculino em detrimento das mulheres, como podemos ver no trecho a seguir:

O mundo sempre pertenceu aos machos. [...]. Já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas quer impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre

elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher. (BEAUVOIR, 2009, p.99)

Nesse período, a sociedade brasileira também passou por diversas mudanças no processo de urbanização, compreendendo a consolidação do capitalismo e a ascensão da burguesia. De acordo com Louro (2004), as mulheres aparecem nas relações da chamada família patriarcal, restritas apenas à esfera doméstica.

A sociedade esperava da mulher um comportamento ideal, com uma educação cuidadosa, pautada na responsabilidade de reprodução, cumprindo com o papel de mãe. Nesse período, as mulheres estavam sujeitas à religião, à sociedade e aos homens, que detinham o poder total e controlavam o meio social, enquanto elas (as mulheres) permaneciam no espaço doméstico, em situações de dependência, ao pai e após o casamento, ao marido.

Observamos que, nesse período, esperava-se que a educação preparasse a mulher exclusivamente para o lar e jamais contribuiu para sua emancipação intelectual feminina, pois dentro dessa perspectiva a mulher precisava ser protegida e controlada por homens, já que era considerada como frágil. Louro (2004) lembra que o trabalho feminino não poderia afastá-las da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar.

A atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco e o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos escritórios era aceito como uma espécie de fatalidade e assim, percebemos sistemas muito excludentes, em que algumas pessoas não conseguiam ter acesso à educação, ao conhecimento, outras, possuíam suas produções teóricas excluídas na história.

Louro (2000, p 16) alerta que os grupos sociais que ocupam as posições centrais “normais” – de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc. têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros. Além disso, ao abordar sobre as mulheres, afirmou que “as formas como elas se representam ou são representadas, ou significados que atribuem às suas experiências e práticas são sempre atravessadas e marcadas por relações de poder” (p. 16), ou seja, as relações de poder estão explícitas na maneira que as meninas deveriam se comportar.

Louro (2004, p. 449) aponta que a atividade docente, no Brasil, começou com homens – “religiosos, especialmente jesuítas, no período compreendido entre 1549 e 1759” e que, em seguida, “foram homens que se ocuparam do magistério com mais frequência, tanto

como responsáveis pelas ‘aulas régias’ – oficiais – quanto professores que se estabeleciam por conta própria”.

1.3 Escola brasileira e a mulher

A escola pública, no Brasil, teve formato concebido por Portugal, como resultado de uma política reformista ilustrada, durante o reinado de D. José I (1750-1777) e capitaneada por seu poderoso ministro, o Marquês de Pombal. Foi executada em todo o reino luso com a chegada das Aulas Régias, as quais eram aulas avulsas que não estavam interligadas entre si, de forma que uma não dependia da outra. Elas vieram como um novo sistema de ensino que substituiu o ensino jesuítico.

Desse modo, a partir do alvará de 28 de junho de 1759, foi eliminado o sistema de ensino baseado nos princípios da Companhia de Jesus, os quais valeram por dois séculos, sendo, portanto, o Estado obrigado a garantir a educação gratuita à sociedade, estabelecer diretrizes e pagar os professores, os quais eram subordinados a uma política centralizadora.

Assim, de acordo com Cardoso (2003), a educação tornava-se leiga, levada por organismos burocráticos governamentais, não sendo mais na diretriz dos jesuítas, todavia, o ensino da religião católica nas escolas permaneceu obrigatório. Ressaltamos que, nesse período, a educação não era obrigatória e não estava destinada à população em geral, partindo da premissa que para o governo é difícil montar uma rede escolar em todos os territórios luso.

As Aulas Régias predominaram entre os anos de 1759 e 1822, elas foram o percurso político escolhido para harmonizar a tarefa de modernizar Portugal e preservar a monarquia absolutista. Suas características eram de caráter centralizador, não havendo autonomia pedagógica, existia dois níveis de ensino, sendo eles, Estudos Menores e Estudos Maiores, e é imprescindível destacar que o acesso à educação era voltado a uma parcela da população, revelando seu caráter excludente.

Dito de outro modo, as aulas régias marcaram o surgimento do ensino público oficial e laico, pois até então a educação formal em todos os seus níveis estava sob o controle da Igreja, que detinha grande influência sobre outras áreas da cultura, tais como as artes e a impressão de livros. A posição-chave ocupada pelos jesuítas e a crescente influência destes nos assuntos seculares contrariavam os pressupostos das reformas empreendidas por Pombal, que possuíam um caráter marcadamente secularizado e realista, inspirado pelo ideário ilustrado da época. O que estava em causa não era, portanto, a Igreja em seu sentido espiritual, mas seu papel no terreno cultural do contexto português da época (FALCON, 1982).

Esse sistema de ensino, segundo Cardoso (2004), era dividido em Estudos Menores e Estudos Maiores:

Os Estudos Menores eram formados pelas Aulas de ler, escrever e contar, também chamadas de primeiras letras como, aliás, ficaram mais conhecidas, e pelas Aulas de humanidades, que abrangiam inicialmente as cadeiras de gramáticas latina, língua grega, língua hebraica, retórica e poética, mas foram acrescidas ao longo dos anos com outras cadeiras. (CARDOSO, 2004)

Os Estudos Maiores eram posteriores aos Menores e eram oferecidos nas universidades. Para Albano e Stamatto (2008, p. 2), as “aulas régias buscavam dar às disciplinas uma utilidade para a vida cotidiana do homem”. Considerando que na época se pensava em uma educação direcionada para a nobreza, algumas medidas foram necessárias:

[...] pôs em evidência a necessidade urgente de se promover uma cultura de base, assentada na leitura, na escrita, no cálculo elementar, sem esquecer os conhecimentos relacionados às obrigações religiosas e civis, além de que, para aqueles funcionários que ocupassem posições de maior destaque dentro da estrutura administrativa, era conveniente uma qualificação literária maior do que a necessária à média do funcionalismo. (CARDOSO, 2004, p.181)

Compreendemos que as aulas régias eram aulas isoladas e destinadas a elite, como uma forma de educar com todos os princípios necessários àqueles que futuramente poderiam preencher cargos importantes nos mais diversos setores responsáveis pelo fortalecimento de Portugal.

Ainda nesse contexto, enfatizamos o uso da palavra escola, que era usada no próprio sentido de cadeira, ou seja, uma aula régia de gramática latina ou uma aula de primeiras letras, representava a uma cadeira específica, ou seja, a uma unidade escolar, uma escola. Cada aluno comparecia conforme queria, não existia articulação entre elas, pois as aulas eram dadas na casa do próprio professor.

Assim sendo, não era necessário haver especificamente um edifício escolar para que a escola existisse. Dessa maneira, a escola, enquanto lócus privilegiado de educação, era na casa do professor, no qual o espaço educativo, público era confundido com o espaço privado e onde o Estado, apesar de produzir uma legislação normativa minuciosa sobre o funcionamento escolar, na prática não chegava com tanta facilidade (CARDOSO, 2003).

Segundo Baltar (2001), foi só na metade do século XIX que os edifícios começaram a ser construídos para funcionarem como escolas públicas no Brasil, sendo as primeiras escolas construídas no país, a partir da década de 1870, situadas no Rio de Janeiro,

localizadas nas freguesias urbanas mais importantes e populosas, como Santana, Santa Rita, Santo Antônio, São José e Glória.

Em relação ao corpo docente, conforme Cardoso (2003), a admissão ao cargo de professor era realizada através de concurso público, sendo que o primeiro realizado no Brasil foi em Recife, em 20 de março de 1760. Menos de dois meses depois, em 7 de maio, o Rio de Janeiro realizou os seus primeiros exames, para professores régios de gramática latina, na residência do recém nomeado comissário, o desembargador João Castelo Branco.

Todavia, o início oficial das Aulas Régias no Rio de Janeiro só aconteceu em 28 de junho de 1774, marcado solenemente pela abertura da aula de filosofia racional e moral, do professor régio Francisco Rodrigues Xavier Prates. Havia então se passado exatamente 15 anos desde o alvará de 28 de junho de 1759, que implantou o novo sistema público de ensino em todo o reino português. Naquele tempo, os habitantes da cidade, bem como os demais da América Portuguesa, recorreram às aulas particulares ou à generosidade alheia para suprirem esse aspecto da ausência do Estado (CARDOSO, 2003).

Interpretava-se essa política por formas distintas, por exemplo, o descaso e a omissão quanto aos assuntos da educação pública, a necessidade de dividir a tarefa com a sociedade, a prática das subscrições populares para arrecadar fundos, o incentivo e a parceria com as sociedades e associações voltadas para a promoção da instrução.

De acordo com Cardoso (2003), o esboço a esse respeito é o Decreto de 30 de junho de 1821, que precisaria de ser compreendido com base nas mudanças liberalizantes provocadas pela Revolução do Porto e no qual “a Regência do Reino em nome de El-rei o Senhor D. João VI faz saber que as Cortes Gerais Extraordinárias e Constituintes da Nação Portuguesa” possibilitaram a qualquer cidadão o acesso ao ensino e a abertura de escola de primeiras letras, independente de exame e licença, estimulando a liberdade de organização do ensino fundamental, visando que para o governo não era possível bancar escolas em todos os lugares do Reino e também porque almejava assegurar a liberdade que todo Cidadão tem de fazer o devido uso dos seus talentos, não se seguindo daí prejuízos públicos. Decretavam, portanto:

Que da publicação deste em diante seja livre a qualquer cidadão o ensino e abertura de Escolas de primeiras letras em qualquer parte deste Reino, quer seja gratuitamente, quer por ajuste dos interessados, sem dependência de exame, ou de alguma licença. A Regência do Reino o tenha assim entendido faça executar. (DECRETO apud CARDOSO, 2003, p. 204)

Nesse sentido, entende-se que o decreto das Cortes isentava o Estado de responsabilidade apenas quanto ao ensino fundamental, em nome da liberdade do cidadão de fazer suas escolhas, como se a grande massa da população pobre que habitava o Brasil pudesse dispor, como regra geral, de qualquer educação custeada por seus próprios meios, atentamos que esse era o teor do discurso liberal.

Após a Independência, a Constituição promulgada em 1824 garantia, no art. 179, parágrafo 32, “a instrução primária gratuita a todos os cidadãos”. Porém, esse parágrafo só seria aplicado após a publicação, pela Assembleia Legislativa, da lei de 15 de outubro de 1827. Interiormente da política de ensino em termos de projeto nacional, a lei de 1827 criou um mesmo programa de estudos para todo o país nos estabelecimentos de primeiras letras, moldando uma escola nacional. Porém, ainda não era obrigatória, além de criar uma escola em cada freguesia do Rio de Janeiro. Portanto, evidenciamos que educação pública não significava educação popular, comprometida com a cidadania e a constituição da nacionalidade.

É de suma importância salientarmos que o perfil de mulher que habitou o Brasil do século XIX, manteve-se prisioneira, por muitos anos, em uma imagem ora verossímil ora estereotipada. Ou seja, a imagem era de uma mulher submissa e aterrorizada com o castigo masculino, a quem deveria obedecer, pois o homem era considerado superior, e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade. Durante os tempos coloniais, repetia-se como algo ideal, que havia apenas três ocasiões em que a mulher poderia sair do lar durante toda sua vida: para se batizar, para se casar e para ser enterrada.

Além disso, em conformidade com Araújo (2010 apud KIPPER, 2015), o programa de estudos destinado às meninas era bem diferente do dirigido aos meninos, mesmo com matérias comuns, eram ministradas separadamente, de forma ligeira e leve, porque o aprendizado restringia-se ao funcionamento do lar, que correspondia respectivamente em ler, escrever, contar, costurar e bordar.

Desse modo, o ensino para as mulheres compreendia na realização pelo casamento, tornando-as hábeis na arte de prender o marido e filhos como por encantamento. Outra coisa ministrada no período colonial era a sexualidade feminina, de acordo com Araújo (2010) havia muita preocupação em casar as meninas cedo, aos doze anos de idade, para não despertar sentimentos, considerados impróprios.

Por essa razão, desde muito cedo, a mulher teve seus sentimentos devidamente domesticados e abafados, função desempenhada principalmente pela igreja, que permitia casamentos tão precoces e através do confessor, onde eram monitorados os seus gestos, atos, sentimentos e até sonhos. Com o desejo e as sensações domados, vinha o

casamento, que podia ser com um homem bem mais velho, de trinta a setenta anos, daí então seu senhor passava a ser o marido e o casal, porém, continuava a sofrer interferência da Igreja mesmo no leito conjugal.

Esperava-se do casal moderação, freio dos sentidos e controle da carne, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos, com prazer ou sem prazer, com paixão ou sem paixão, a menina se tornava mãe, e mãe honrada, criada na casa dos pais e casada na igreja. Além disso, Araújo (2010) trata que na visão da sociedade nesse período, a maternidade era o ápice da vida da mulher, pois ela se afastava de Eva, imagem de mulher pecadora, e aproximava-se de Maria, imagem de mulher pura que pariu o salvador do mundo.

A sociedade brasileira passou por uma série de transformações, surgindo nesse cenário do tempo supracitado uma nova mentalidade, a burguesa, que reorganiza a vida familiar e doméstica, o tempo e as atividades femininas e, de certa forma, a sensibilidade e a forma de pensar o amor. Segundo D’Incao (2011), é nesse período que nasce uma nova mulher nas relações da chamada família burguesa, agora marcada pela valorização da intimidade e da maternidade.

Assim, podemos entender que a vida burguesa reorganizou as vivências domésticas, em que eram considerados uma riqueza um sólido ambiente familiar, lar acolhedor, filhos educados e a esposa dedicada ao marido e sua companheira na vida social. Nesse mesmo tempo, a casa também ganhou outra visão e função, deixou de ser apenas o lar da família para ser um espaço para a realização de saraus noturnos, jantares e festas, isso no contexto das famílias pertencentes à burguesia.

Dessa forma, a ideia de intimidade se ampliava e a família, em especial a mulher, passou a submeter-se à avaliação e à opinião dos outros. Para D’Incao (2011), é nesse momento que a mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social.

Se agora essa mulher era mais livre, logo a convivência social direcionou para maior liberdade às emoções, sabe-se que não só o marido ou o pai vigiavam os passos das mulheres, as maneiras de conduzir a vida era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram que aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada (D’INCAO, 2011).

No século XIX, o casamento também ganha outra visão, passando a servir como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status* entre as famílias ricas e burguesas e como consequência, mulheres casadas ganham uma nova função, de

contribuir para o projeto familiar de mobilidade social por meio de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana como esposas modelares e boas mães.

Por sua vez, é reforçada aqui o pensamento de que a mulher é um ser integralmente mãe dedicada e atenciosa, ideais esses que só podem ser atingidos dentro da esfera familiar. Além disso, os cuidados e a supervisão da mãe passaram a ser muito valorizados nessa época, ganhando força o pensamento de que é importante a própria mãe cuidar e educar os filhos e não os deixar simplesmente soltos sob influência de amas ou criadas (D'INCAO, 2011).

A mulher, além de ter que ser um exemplo de bons modos perante a sociedade, também era a responsável pelo sucesso de sua família e nesse aspecto também incluía as mulheres de classe mais baixa, as quais também eram treinadas para desempenhar o papel de mãe e para o exercício doméstico, educar os filhos, cozinhar, costurar e bordar. Muitas delas faziam doces e bordados por encomenda para ajudar no sustento dos filhos. No entanto, segundo D'Incao (2011), essas atividades não eram muito valorizadas e, muito menos, bem-vistas socialmente, pois na época, era comum o pensamento de que a mulher não precisava e não deveria ganhar dinheiro.

Nesse cenário, começaram a manifestar inúmeros textos de jornal, virtudes e defeitos femininos, colocados em formatos de poemas, provérbios, comentários, notícias e piadas, tal modo, referiam-se a uma figura feminina ora valorizada, ora criticada, mas o mais importante, novos modelos de mulher passam a ser divulgados (FERNANDES, 2010), como em 1888, quando, publica-se o texto “Dez mandamentos da mulher”:

1º - Amai a vosso marido sobre todas as coisas. 2º - Não lhe jureis falso. 3º - Preparai-lhe dias de festa. 4º - Amai-o mais do que a vosso pai e a vossa mãe. 5º - Não o atormenteis com exigências, caprichos e amos. 6º - Não o enganeis. 7º - Não lhe subtraiais dinheiro, nem gasteis este com futilidades. 8º - Não resmungueis, nem finjais ataques nervosos. 9º - Não desejeis mais do que um próximo e que este seja o teu marido. 10º - Não exijais luxo e não vos detenhais diante das vitrines. Estes dez mandamentos devem ser lidos pelas mulheres doze vezes por dia, e depois ser bem guardados na caixinha de toilette (DEL PRIORE, 2002, p.285 apud FERNANDES, 2010, p. 57)

Diversas notas como essas eram divulgadas nos jornais desde a segunda metade do século XIX, todavia, a partir da década de 80 tornaram-se mais frequentes, mulheres eram, portanto, instruídas para atuar no espaço privado e perante a sociedade, sendo primordial, antes de tudo, agradar a todos.

Gerando reação, portanto, não foi diferente quando houve a Proclamação da República, que impactou diretamente sobre as mulheres, momento a partir do qual os novos

modelos femininos passaram a ser reforçados. Muitas dessas representações pensadas para as mulheres sofreram mudanças e intensificação por conta das transformações que ocorreram nesse período. De acordo com Pedro (2010), representação ideal de mulher passou a ser cobrada nas camadas populares, tornando-se referência para o julgamento e aplicação de punições por parte do poder público, e como justificativa, por parte dos empresários, para o pagamento de baixos salários e tentativa de manter as mulheres excluídas do mercado de trabalho.

Podemos perceber que a sociedade não atribuía à mulher muitas alternativas de como deveria seguir sua vida. Muitas vezes, o casamento era a única porta para uma vida cômoda e respeitável. Tudo isso porque a mulher, por muito tempo, teve um papel de submissão e de inferioridade em relação ao homem. Além disso, vivia sob um regime patriarcal e limitada a uma vida doméstica, sem autonomia. Dentro da família quem mandava era o homem.

2 CAPITU E SOFIA: O CONTEXTO LITERÁRIO DE DUAS PERSONAGENS MACHADIANAS NO SÉCULO XIX

Como aventamos no capítulo 1, o século XIX foi marcado por grandes mudanças e transições. Tanto em aspectos públicos quanto privados, a vida social e os espaços demográficos passaram por transformações: o aumento das cidades, o Brasil deixa de ser significativamente rural e se urbaniza. Machado de Assis convive nesse período e como escritor ele marcou a literatura brasileira. D’Incao (2011) ressalta que, no início desse século, pouco se notava a transformação do Brasil rural para vida urbana. Desse modo, a apropriação dos ambientes não seguia, rígida e especificamente, regras. Resultando em uma desorganização social. Embora, vagarosamente, surgem leis de uso, demarcação e limites dos espaços urbanos, elas possuem como referências as ideias dos europeus agregados à sociedade brasileira.

Com isso, a busca pela modernização se deu aos moldes do que se desenvolveu na Europa. No entanto, conforme D’Incao (2011) e Castello (2008), a população no Brasil era menos favorecida economicamente, composta em sua maioria por ex-escravizados sem ocupação formal. No Rio de Janeiro, essa parcela se vê isolada nos morros – espaços informais de moradia – e, vivendo de forma insalubre, representa o contraste da realidade brasileira, cujo anseio pela modernização, em outras circunstâncias, não garantia o acesso aos direitos básicos de cidadania.

Joaquim Maria Machado de Assis, nascido no dia 21 de junho de 1839, morou com os pais em uma chácara localizada no Morro do Livramento, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Ainda criança, o escritor perde sua mãe, Maria Leopoldina Machado de Assis, de origem portuguesa, e sua única irmã. Seu pai, Francisco José de Assis, operário, casou-se novamente com uma lavadeira e, logo após seu casamento, também faleceu. Machado, com idade entre doze e treze anos, foi criado pela madrasta. (CASTELLO, 2008)

Aos quinze anos, o escritor publicou seu primeiro trabalho, um soneto no “Periódico dos Pobres” (1854). Em 1856, ele foi admitido como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional e exerceu o ofício até 1858, onde conheceu Manuel Antônio de Almeida, autor de “Memórias de um Sargento de Milícias” e que se tornou seu protetor. (CASTELLO, 2008)

De acordo com Castello (2008), Machado de Assis se tornou revisor e começou a frequentar o círculo literário de Casimiro de Abreu e José de Alencar. À época, ele já havia decidido ser escritor. Ingressou no grupo literário de Paula Brito, o tipógrafo responsável pela publicação do primeiro livro de Machado, uma tradução de “Queda que as Mulheres têm para os Tolos” (1861). Ao referirmos à tradução supracitada, ressaltamos o estudo

de Martins (1990), em que é possível perceber aspectos da abordagem do escritor a qual refletiu sobre suas personagens femininas. Desse modo:

Sob o título de “Queda que as mulheres têm para os tolos”, o Autor define aí sua filosofia acerca do relacionamento homem/mulher onde está, segundo os ditames da sociedade do século XIX, era apenas um meio utilizado pelo homem, através do contrato matrimonial, para ascender social e politicamente. (MARTINS, 1990, p. 99)

Para além desse aspecto destacado sobre a tradução de MACHADO DE ASSIS, Martins (1990) ressalta, ainda, que quando articulada com “Memórias Póstumas de Brás Cubas” – e a tríade de personagens, Virgília, Brás Cubas e Lobo Neves – faz-se possível indicar que:

É patente, na escritura machadiana, a refinada crítica feita pelo Autor à sociedade do século XIX, que relegava a mulher à condição de mero objeto, do qual se servia o homem, mediante o casamento, para ascender social e politicamente. Machado de Assis, entretanto, extrapola, colocando este ser/angélico/objeto na posição de fazer/diabrete/atuante, que utiliza as próprias regras da sociedade opressora, subjugando seu opressor virtual: o homem, fruto desta sociedade. A mulher, neste caso, é “diabrete” no sentido de um ser imbuído de sagacidade; e em Virgília a acuidade da águia é a característica-chave.

Virgília, o “diabrete angélico”, opta por Lobo Neves, pois crê na capacidade do mesmo, que se mostra mais promissor que Brás Cubas, a fim de alcançar seu objetivo de vida: ser poderosa e respeitada dama da nobreza. Logo, o primeiro pretendente, marcado pela veleidade, não poderia servir a seus propósitos ambiciosos, se comparado ao atuante – e de atuação manipulável – Lobo Neves. (MARTINS, 1990, p. 106)

Em vias complementares à leitura de Martins (1990), a pesquisa propõe ressaltar aproximações e distanciamentos em quadro nas obras DC e QB. Ademais, Martins (1990) conclui:

O texto de Machado de Assis confere à mulher, objeto de disputa de dois homens, características de ambos: o diabrete iguala-se em pensamento e inteligência ao homem de espírito, mas o angélico faz com que ela se perca na ambição do tolo.

Assim, embora em “Queda que as mulheres têm para os tolos” Machado de Assis justifique a atitude feminina como fruto da própria sociedade em que foi criada (“Efetivamente o estranho que ler as suas missivas, não tem a dizer; na mocidade o pai da menina escrevia assim; a própria menina não esperava outra coisa. Todos estão satisfeitos, até os amigos. Que querem mais?” [2, p. 971]), no mesmo ensaio o leitor se depara com um outro trecho que parece esclarecer, singularmente, a opção de Virgília:

“Hoje, graças a Deus, a verdade se descobriu: veio a saber-se que as mulheres escolhem com pleno conhecimento do que fazem. Comparam, examinam, pesam, e só se decidem por um, depois de verificar nêle a preciosa qualidade que procuram. Essa qualidade é ... a toleima!” (2, p. 966). (MARTINS, 1990, p. 107, grifo nosso)

Durante dez anos, Machado participou do *Partido Liberal* e colaborou com o *Jornal do Povo*, militando em diversas situações políticas da época. Na mesma época traduziu livros e colaborou, também, com o *Correio Mercantil*, a revista *O espelho*, o jornal *O Paraíba*, o *Diário do Rio de Janeiro*, a *Semana Ilustrada* e *O Jornal das Famílias*, entre outros órgãos literários. Em muitos desses periódicos assinava com pseudônimos como Job, Gil e Max, entre outros.

O escritor produziu para o teatro, a partir de 1880, mas nunca fez grande sucesso. Moisés (2001) sugere que isso se deve ao fato de os escritos machadianos servirem muito mais à leitura que à representação, por seus personagens carecerem da movimentação necessária ao espetáculo cênico.

As primeiras obras publicadas de sua autoria foram livros de versos e poesias, mas o autor não fez muito sucesso com essas produções. No ano de 1867, tornou-se ajudante do diretor do *Diário Oficial* e, no ano de 1869, publicou seu livro “Contos Fluminenses”. Nessa mesma época, casou-se com Carolina Augusta Xavier de Novais, irmã de seu amigo, o também escritor Faustino Xavier de Novais. O primeiro romance de Machado de Assis, foi “Ressurreição”, publicado em 1872, no ano seguinte foi nomeado o primeiro-oficial da Secretaria da Agricultura, onde trabalhou até final de sua vida, deixando o emprego do *Diário Oficial* (ABL, 2011).

Desse modo, com a transformação profissional, a vida financeira de Machado de Assis se tornou mais estável, o que possibilitou a mudança, juntamente da sua esposa para a rua Andradas, localizada no Rio de Janeiro. A começar da publicação de seu primeiro romance, a vida como escritor prosperou, que de acordo com Castello (2008), muito lentamente o casal Machado de Assis e Carolina se afastaram do Morro do Livramento. No ano de 1884, o casal passou a residir na famosa casa da Rua Cosme Velho, número 18. Carolina foi companheira de Machado de Assis por trinta e cinco anos, até a sua morte, ela foi leitora assídua e revisora das obras do marido.

Os primeiros romances de Machado de Assis compreenderam quatro obras, com regras do Romantismo, sendo a “Ressurreição” (1872); “A mão e a Luva” (1874); “Helena” (1876); “Iaiá Garcia” (1878). A partir de 1881, Machado de Assis entrou na fase Realista, período mais significativo de sua vida literária. O romance que deu início a sua nova linha literária foi “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1880); após, publicou “Quincas Borba” (1891); “Dom Casmurro” (1899); “Esaú e Jacó” (1904); e “Memorial de Aires” (1908). (ABL, 2011)

Destacamos que o Realismo foi um movimento artístico que buscou objetividade e olhar crítico sobre a sociedade do final do século XIX. Em que os realistas, tais como Machado de Assis representavam figuras humanas profundas, que fugiam aos estereótipos de herói, da amada ou do vilão. Além disso, tendo um olhar mais objetivo possível, a fim de representar a realidade de modo impessoal ou crítico, sempre afastando o olhar apaixonado dos objetos retratados. (MARINHO, s/d)

Diversas obras foram publicadas em forma de folhetins, antes de surgirem como livros, e, por essa razão, a escrita é influenciada diretamente pelo veículo em que a obra é publicada. Desse modo, constituíam de pequenos capítulos, ou seja, curtos e rápidos, tornando as obras atraentes aos olhos dos leitores. De acordo com Castello (2008), se não fosse a origem jornalística de Machado de Assis, provavelmente, não o conheceríamos tal como ele é referenciado hoje.

Ainda, em conformidade com Castello (2008), durante o início da carreira de Machado de Assis como poeta, contista e romancista, por volta de 1886, ele deu início à carreira como crítico literário. No entanto, esse exercício rendeu-lhe alguns desafetos entre seus colegas escritores; ele acreditava e lutava, porém, pelo aprimoramento da qualidade literária no país, que, em seu ponto de vista dele, necessitava da crítica para se alcançar.

Machado de Assis não era um regionalista, ele não primava por enaltecer os ideais românticos e culturais sobre o Brasil. Desde sua abdicação da função de crítico literário, modificou sua maneira de escrever, passando a uma fase em que seus trabalhos ficaram mais realistas, irônicos e pontuais. Ele ficou conhecido como o primeiro escritor brasileiro, com uma visão para o todo, considerando o que se passa no interior do ser humano, relatava em suas obras as dores, alegrias, amores, dúvidas e insegurança.

O escritor se faz presente atualmente, pois possuía a capacidade de transcender questões de foro íntimo do homem, mesmo que em suas obras fossem oferecidos relatos do cotidiano da época em que estava inserido. Nesse sentido, Machado de Assis ultrapassa tempo e espaço, ou seja, seus personagens tinham características atemporais.

Dentre suas obras, enfatizamos “Dom Casmurro” (DC), que é o objeto de estudo desta pesquisa. Esta obra foi publicada em 1899. Nessa história de DC, Bento Santiago, conhecido por Bentinho, conta sua vida, com ênfase na relação amorosa que vivenciou na companhia de Capitu, a qual traz à tona grandes questionamentos.

De acordo com Facioli (2008), certamente, DC é o livro mais estudado do escritor e foi um dos poucos trabalhos machadianos que não foram publicados inicialmente em forma de folhetim, como era costume. Ainda mais interessante é o fato de tratar-se da história

de um possível adultério, em um país tradicionalmente patriarcal. Assim, DC é considerada uma obra irônica, velada e não finalizada, sobre a qual cada leitor entende com suas perspectivas.

Ainda para enaltecer a representação da mulher na literatura, buscamos também compreender a Sofia, a qual é personagem feminina protagonista QB. Uma mulher que faz uso da sua inteligência e beleza para alcançar seus objetivos. Na tentativa de mergulhar no modo em que ele colocava as mulheres, sendo personagens em destaque e protagonistas e dando-lhes voz. Desse modo, podemos crer que Machado de Assis abordava, em seus escritos, detalhes da mudança que o país estava passando no século XIX, despertando em suas leitoras um mundo de possibilidades para que se vissem representadas e prontas para decidirem seus destinos.

De forma memorável, Machado de Assis foi de encontro com a sociedade burguesa do século XIX e percorreu um caminho contrário às regras sociais, traçando em seus romances perfis singulares para suas personagens femininas em DC e QB. Ele apresenta ao leitor os problemas da sociedade, por meio da representação escolhida para suas personagens, sendo figuras que rendem assuntos e acontecimentos na construção de suas obras. O escritor faz alusão as situações do tempo em que estava inserido, trazendo à tona em seus personagens representações das mulheres, médicos, escravos, seminarista, dentre outros que compunham a sociedade como um todo.

De acordo com Gledson (1986), Machado de Assis, como muitos outros romancistas do século XIX, desejava retratar a natureza e o desenvolvimento da sociedade em que viviam, o qual traz na literatura abordagens necessárias a respeito da sociedade e, assim, possibilita transformação social, ao fugir do padrão que lhe arrastou por décadas.

Uma vez que a literatura se emaranhou com a história e, assim, os acontecimentos da sociedade, do século supracitado, repercutiu em arte. O autor, Machado de Assis, por meio de seus escritos, toca o público, capturando-os da realidade e dando vida à imaginação, crendo que a literatura é feita por quem transpassa o tempo (GLEDSON, 1986).

Nesse sentido, refletimos sucintamente sobre a definição de literatura, recorrendo aos autores Aguiar e Silva (1998), a literatura é entendida por um conjunto da produção literária de uma época, que se particularizam e ganham feição especial quer pela sua origem ou pela sua temática ou pela sua intenção, tais como literatura feminina, literatura de terror, literatura revolucionária, literatura de evasão etc.

Partimos do entendimento da literatura como elemento do campo das artes, afinal, é uma produção artística, que engloba cenário, personagens e situações, aspectos associados à ideia estética e ao que diz respeito à arte verbal, uma vez que o seu meio de

expressão é, basicamente, a palavra. Portanto, a diferença fundamental entre a arte literária e as outras manifestações artísticas é a cultura, como palavra escrita ou impressa que se materializa em textos a partir da arte de escrever, transformando a linguagem utilizada e os seus meios de expressão (NICOLA, 1998). Complementarmente, Proença Filho (2007) discorre sobre essa questão:

Toda criação artística exige um suporte material. Como, entre outros, a tinta e a tela, na pintura; o mármore, a pedra, a madeira, o metal, na escultura. Trata-se, no caso, de produtos naturais. A literatura tem como suporte uma língua, um produto cultural. A realidade imediata não se diz em plenitude. A língua, na sua condição de concretização da linguagem da comunidade, restringe-se à simples representação de fatos ou situações particulares, observados ou inventados. A literatura se configura, tradicionalmente, quando, ao tratar desses fatos ou situações, dimensiona-lhes elementos universais. Se a linguagem verbal caracteriza uma "desrealização" da realidade ao transformá-la em signos-símbolos, a mimese poética leva ainda mais longe esse desrealizar-se, quando, a partir do fingimento do particular, atinge espaços da universalidade. O texto literário veicula uma forma específica de comunicação que evidencia um uso especial do discurso, colocado a serviço da criação artística reveladora. (PROENÇA FILHO, 2007, p. 31)

Entretanto, não se pode pensar que a literatura, ao ser considerada arte, se reduz a qualquer classe de textos publicados em determinados livros, pela razão de que nem toda obra apresenta caráter literário. Com base em Eagleton (2003), de certo modo, é possível definir a literatura como uma escrita imaginativa, no sentido de ficção, ou melhor, que não seja literalmente verídica. Todavia, ao pensar sobre o que se acredita ser literatura, denota-se que isto não atua, já que a própria distinção entre fato e ficção são, no âmbito literário, por vezes questionáveis. Assim, o autor pondera que:

O fato de a literatura ser a escrita "criativa" ou "imaginativa" implicaria serem a história, a filosofia e as ciências naturais não criativas e destituídas de imaginação? Talvez seja necessária uma abordagem totalmente diferente. Talvez a literatura seja definível não pelo fato de ser ficcional ou "imaginativa", mas porque emprega a linguagem de forma peculiar. [...] A literatura transforma e intensifica a linguagem comum, afastando-se sistematicamente da fala cotidiana. (EAGLETON, 2003, p. 2)

Por outro lado, o que define a literatura como texto literário é a função poética da linguagem, que acontece nas situações em que o objetivo do emissor está voltado para a própria mensagem, com as palavras encobertas de significação, podendo fazer uso do emprego de conotação, figuras de linguagem e de construção, além de não estar, necessariamente, submetido às regras da gramática normativa, ao contrário do texto não literário (NICOLA, 2008). Em outras palavras, as exposições literárias podem envolver conexão, transformação e/ou

ruptura em relação à tradição linguística, resultando na literatura se apresentar plenamente aberta à criatividade do artista.

Literatura, em sua trajetória teórica e prática, engloba uma constante invenção de novos meios de expressão, assim como uma nova utilização dos recursos recorrentes em certa época. Ou seja, mesmo nos momentos em que a imposição arbitrária a determinados princípios normativistas pareceu regular os procedimentos literários, a literatura, por sua própria essência, levou à ruptura de paradigmas e à abertura de novos caminhos, não há nenhum manual normativo indicando regras e princípios a serem seguidos para a construção do texto literário, pois o seu único espaço de criação é o da liberdade (PROENÇA FILHO, 2007).

Dessa maneira, a diferença do texto literário para o não literário encontra-se no fato de compreender tais diferenças, pois, “quem se aproxima do texto literário sabe a priori que está diante de manifestação da literatura.” (PROENÇA FILHO, 2007, p. 9). Nesse mesmo ideal, Candido (2000) trata a literatura como um fenômeno coletivo, na medida em que requer certa comunhão de meios expressivos, movimentando e exigindo afinidades mútuas e profundas que congregam os homens de um lugar e de um período.

Para se chegar a uma forma de comunicação, o processo envolve um remetente que envia uma mensagem, através de um código, a um destinatário. O que permeia entre os interlocutores é uma conexão que compreende, tanto um canal físico, quanto uma conexão psicológica, envolvendo aspectos culturais e sociais. Desta forma, a mensagem enviada é compreendida, pois refere-se a um contexto e a uma situação.

De acordo com Candido (2000), não há literatura enquanto não houver essa congregação espiritual e formal, manifestando-se através dos homens pertencentes a um agrupamento social e conforme um estilo. Não há literatura se não houver um sistema de valores que incorpore a sua produção e faça sentido à sua atividade, ou seja, enquanto não houver outros homens capazes de criar uma reverberação, visando estabelecer a continuidade que signifique a integridade e perpetuação do espírito criador na dimensão do tempo.

Ressaltamos, com base em Eagleton (2003), que a literatura não existe no vazio, não surge naturalmente, nem existe de forma natural e espontânea, pois ela é gerada a partir de um ato criativo do homem e de valores produzidos historicamente. Sendo a literatura uma linguagem carregada de variados significados, que são formados socialmente, ela não parte, apenas, de um desejo individual, mas com base nas concepções e pressupostos do coletivo.

A literatura pode ser objeto de transmissão de valores autênticos, cuja experiência estética está relacionada à própria experiência do indivíduo, expressando relações

dos homens entre si, e que, tomadas em conjunto, representam uma construção histórica e cultural, tendo como base a socialização dos impulsos íntimos e a memória coletiva dos sujeitos envolvidos.

Ressaltam-se aquelas obras literárias clássicas, que ultrapassam seu tempo, perdurando na memória coletiva e sendo atualizada por leituras seguintes. Todavia, essas são assim consideradas, não porque estejam conforme certas regras estruturais ou se ajustam a certas definições das quais o próprio autor provavelmente desconhecia, mas porque se mantém viva e irreprimível (POUND, 2006).

Razão pela qual, Machado de Assis se mantém meritório. Ele escreveu à época de uma sociedade marcada pela intolerância com as mulheres e usou esse fato para criar personagens resolutas e polêmicas, a fim de trazer um protagonismo crítico para sua construção literária. Machado de Assis revela mulheres de personalidades marcantes que abordam as diversas facetas da representação da mulher da época.

Salientamos que a mulher enquanto protagonista é abordada em diferentes obras, nas quais uma complementa a outra, dando ênfase à condição da mulher na sociedade vigente. Nesse sentido, Machado de Assis assumia em sua literatura uma personalidade de discordância aos atributos impostos às mulheres que eram austeros e repressores. Destacamos ser imprescindível tratar da alteridade acerca do homem e da mulher nessa época, de um lado, há supervalorização do homem e, de outro, há a minimização da mulher que, aos olhos do marido, era tida como propriedade, imputada a uma vida de submissão.

Ao que referia às mulheres nesse período, definia-se que eram frágeis e indefesas e por esse fato precisariam se sujeitar aos cuidados do homem protetores de sua condição. Essa atitude de imposição da submissão da mulher era acrescida do estereótipo dos moldes femininos, em que os valores morais das mulheres eram medidos pelo grau de engajamento em certos preceitos do papel feminino na sociedade e de como elas se portavam conforme as normas impostas pela sociedade patriarcal.

Nesse sentido, podemos estabelecer relações entre as personagens Capitu e Sofia, respectivamente nos romances DC e QB, e a resistência aos padrões impostos, considerando que Machado de Assis traz para seus romances a delicada situação das mulheres no período em que, apesar de viverem presas aos valores sociais, também, atuavam na construção daquela sociedade.

Dessa forma, ponderamos esses atos de resistência às ligações de personalidade que corroboram uma figura feminina na outra, denotando, igualmente, que as

representações dessas duas figuras machadianas podem fazer com que o leitor reflita nos modos de como se via a mulher.

2.1 Dom Casmurro: o romance da dúvida³

DC foi publicado, em primeira edição, em 1899, por H. Garnier em Paris e divulgado no Rio de Janeiro no ano seguinte. A capa original do livro faz parte da “Coleção dos Autores Célebres da Literatura Brasileira”. De acordo com Hallewell (2005 apud PENA, 2012), a impressão dessa coleção foi feita em Paris com a finalidade de possibilitar uma aparência respeitável e sofisticada à obra. Publicado em capa dura, a primeira edição de DC foi influenciada pelo design e pelos recursos tipográficos franceses. A malha diagramática da capa do livro é literalmente tipográfica, composta por tipos diferentes, vinhetas e molduras com ornatos delimitando o espaço, contemplando apenas as informações necessárias para o leitor identificar a obra, não fazendo alusão ao conteúdo do livro (HALLEWELL, 2005 apud PENA, 2012).

A história que perpassa as páginas desse livro é o romance entre Bentinho e Capitu, que ocorre no Rio de Janeiro, na metade final do século XIX. A narrativa é contada em primeira pessoa pela personagem Bento Santiago, o Bentinho. Por sua vez, Dom Casmurro se refere a um tipo de apelido dado a essa personagem. Faz-se interessante notar que, embora MACHADO DE ASSIS intitule o romance com essa figura masculina e faça dela o narrador, Bentinho não é o protagonista, mas Capitu.

Dom Casmurro é reconhecido como o romance da dúvida. Se alguns dizem do ciúme, preferimos dizer da dúvida, com o seu cortejo de angústia e ameaça de solidão, perpassando esperanças e alegrias, decepções e tristezas. Diríamos mais, que é por excelência o romance que exprime o conflito atroz e insolúvel entre a verdade subjetiva e as insinuações de alto poder de infiltração, geradas por coincidências, aparências e equívocos, imediata ou tardiamente alimentados por intuições. (CASTELLO, 1969, p. 150, grifo no original)

Evidenciamos a crise existencial de Bentinho, percebemos que suas narrativas se autodestroem pela impossibilidade de integração ao mundo contemplado e sublimado. Dessa forma, a seção seguinte tem como objetivo analisar a representação de Capitu no contexto do romance, tendo como premissa que os mitos concebidos, de adúltera e louca, são incorporados à noção de gênero feminino e lhe conferem um caráter natural. Para tanto, o autor busca

³ Fazemos alusão à passagem em Castello (1969, p. 150)

desmascarar a perspectiva misógina, que prescrevia algumas características como inerentes à mulher oitocentista, entendida como frágil, servil, dependente e doce.

Ressaltamos que os sentidos contidos no romance DC e na personagem Capitu são instáveis e mutáveis. Dessa forma, nossa leitura não pretende descobrir o que a obra contém e o que nos revela, mas recriar e atribuir novos significados. Ademais, compreendemos que Machado de Assis se preocupou com os temas críticos de sua época, abordando aqueles que prevaleciam e constituíam para o referido romance, ou seja, o Rio de Janeiro do século XIX e, sobretudo, as mulheres.

2.1.1 A dúvida: Bentinho e Capitu

Ao lermos o romance DC, logo identificamos que o texto não segue uma cronologia, pois se desenvolve de acordo com a memória da personagem que narra em primeira pessoa. Muitas vezes, podemos identificar o uso de tom dramático, fazendo com que o leitor se envolva na história. Ressaltamos que Bentinho e Capitu não são personagens que acrescentam um ao outro, de modo que possamos obter visão do todo. Pelo contrário, as construções desses personagens se efetivam através de um jogo de opostos, em que o homem desconstrói a mulher e vice-versa. Na verdade, a relação estabelecida ocorre sob o signo da ruptura, da decadência e não o da continuidade (PASSOS, 2003).

O romance é dividido em 148 capítulos curtos, na primeira parte do romance, Capitu é descrita seguindo o modelo de uma menina pobre que procura ascender socialmente, através de um casamento por interesse, uma vez que o matrimônio representava prestígio para as mulheres da sociedade vigente da época. Justificamos essa leitura com o trecho:

As mãos, a despeito de alguns ofícios rudes, eram curadas com amor; não cheiravam a sabões finos nem águas de toucador, mas com água do poço e sabão comum trazia-as sem mácula. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 53)

Nesse sentido, é possível identificar que Capitu, é uma moça pobre que tinha como objetivo alavancar sua posição social, entrando para a camada, em que se encontrava, financeiramente, a família de Bento Santiago. Fundamentamos essa leitura em trechos como:

No painel parece oferecer a flor ao marido. O que se lê na cara de ambos é que, se a felicidade conjugal pode ser comparada à sorte grande, eles a tiraram no bilhete comprado de sociedade. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 7)

Capitu, a princípio, não disse nada. Recolheu os olhos, meteu-os em si e deixou-se estar com as pupilas vagas e surdas, a boca entreaberta, toda parada. Então eu, para dar força às afirmações, comecei a jurar que não seria padre. Naquele tempo jurava muito e riço, pela vida e pela morte. Jurei pela hora da morte. Que a luz me faltasse na hora da morte se fosse para o seminário. Capitu não parecia crer nem descrever, não parecia sequer ouvir; era uma figura de pau. Quis chamá-la, sacudi-la, mas faltou-me ânimo. Essa criatura que brincara comigo, que pulara, dançara, creio até que dormira comigo, deixava-me agora com os braços atados e medrosos. Enfim, tornou a si, mas tinha a cara lívida, e rompeu nestas palavras furiosas:

— Beata! carola! papa-missas!

Fiquei aturdido. Capitu gostava tanto de minha mãe, e minha mãe dela, que eu não podia entender tamanha explosão. É verdade que também gostava de mim, e naturalmente mais, ou melhor, ou de outra maneira, coisa bastante a explicar o despeito que lhe trazia a ameaça da separação; mas os impropérios, como entender que lhe chamasse nomes tão feios, e principalmente para deprimir costumes religiosos, que eram os seus? Que ela também ia à missa, e três ou quatro vezes minha mãe é que a levou, na nossa velha sege. Também lhe dera um rosário, uma cruz de ouro e um livro de Horas... Quis defendê-la, mas Capitu não me deixou, continuou a chamar-lhe beata e carola, em voz tão alta que tive medo fosse ouvida dos pais. Nunca a vi tão irritada como então; parecia disposta a dizer tudo a todos. Cerrava os dentes, abanava a cabeça... Eu, assustado, não sabia que fizesse; repetia os juramentos, prometia ir naquela mesma noite declarar em casa que, por nada neste mundo, entraria no seminário. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 17)

É notório que a Capitu não gostou da notícia e que ficou furiosa, uma atitude natural para alguém quando está apaixonado, porém, Bentinho não expõe a entender isso e não esclarece em sua narrativa o ar da naturalidade, ao contrário, se assusta, diz que não reconhece à vizinha, dando ao leitor a impressão de que Capitu é agressiva e descontrolada. Uma situação exemplar de como se viam a representação feminina, de uma mulher que explora o homem e que o surpreende por alguma característica ou atitude negativa e até prejudicial. Enfatizamos que, nesse caso, é uma representação feminina engendrada pela perspectiva do narrador que vê o amor de sua vida como um ser que trama, que mente por dinheiro e por ascensão social.

Tem-se, portanto, uma visão que reitera o estereótipo de que a mulher é capaz de tudo para conseguir um bom casamento, por mais que seja criada como uma mulher independente, Machado de Assis não deixa de puni-la, nem de apresentá-la através de um homem mimado e fraco, que a persegue com uma ideia obsessiva. Por outro lado, Bentinho é descrito como “bom para a vida, puro e ingênuo, por isso mesmo aberto à inoculação do veneno da malícia e da dúvida, que atuará nele, quando a sua visão ideal do mundo principia a ser abalada. Capitu é a ambição calculada e a dissimulação pronta, rápida e segura [...]” (CASTELLO, 1969, p. 146).

Moisés (2001) simpatiza com a ideia de que Capitu e Bentinho em nada se assemelham e de que ela é responsável pela falência emocional dele. Para o crítico, no romance, o contraste das personagens é, não só óbvio, como de grande intensidade. Capitu e Bentinho não podem ser mais discrepantes, especialmente em inteligência, cálculo e dissimulação. Traços

que se reúnem em Capitu em alta dosagem, acrescido de certa imoralidade, frieza ou indiferença. Por sua vez, Bentinho assinala o diminutivo acusador que carrega em seu nome: ingênuo, crédulo, passivo e fraco.

Todavia, é o próprio Bentinho que vive uma permanente dissimulação, podemos denotar esse entendimento ao retomarmos a passagem sobre quando ele, sendo adolescente, moço e tímido, ouvia por detrás das portas.

Ia a entrar na sala de visitas, quando ouvi proferir o meu nome e escondi-me atrás da porta. A casa era a da rua de Mata-cavalos, o mês novembro, o ano é que é um tanto remoto, mas eu não hei de trocar as datas à minha vida só para agradar às pessoas que não amam histórias velhas; o ano era de 1857.

— D. Glória, a senhora persiste na idéia de meter o nosso Bentinho no seminário? É mais que tempo, e já agora pode haver uma dificuldade.

— Que dificuldade?

— Uma grande dificuldade. Minha mãe quis saber o que era. José Dias, depois de alguns instantes de concentração, veio ver se havia alguém no corredor; não deu por mim, voltou e, abafando a voz, disse que a dificuldade estava na casa ao pé, a gente do Pádua.

— A gente do Pádua?

— Há algum tempo estou para lhe dizer isto, mas não me atrevia. Não me parece bonito que o nosso Bentinho ande metido nos cantos com a filha do Tartaruga, e esta é a dificuldade, porque se eles pegam de namoro, a senhora terá muito que lutar para separá-los.

— Não acho. Metidos nos cantos?

— É um modo de falar. Em segredinhos, sempre juntos. Bentinho quase não sai de lá. A pequena é uma desmiolada; o pai faz que não vê; tomara ele que as coisas corresse de maneira que... Compreendo o seu gesto; a senhora não crê em tais cálculos, parece-lhe que todos têm a alma cândida. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 3)

Tais elementos levam o leitor a crer que Bentinho é um ingênuo e finge não saber que está apaixonado. Suas dissimulações não se resumem à passagem (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 3), quando adulto eram ainda mais elaboradas: simula perante a sociedade que visita Capitu quando vai à Europa,

Embarquei um ano depois, mas não a procurei. [...] Na volta, os que se lembravam dela, queriam notícias, e eu dava-lhes, como se acabasse de viver com ela; naturalmente as viagens eram feitas com o intuito de simular isto mesmo, e enganar a opinião. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 123)

Entende-se por esse capítulo a convicção em caracterizar a vizinha, Capitu, como sua ruína, todavia é apenas um artifício usado para mascarar suas próprias dissimulações. Por essa razão, a insistência em atribuir tantos adjetivos traiçoeiros à Capitu, como se fosse necessário persuadir os leitores: “na alma do leitor, à força de repetição [...]” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 30). Para, assim, garantir um resquício de verdade quanto à figura central feminina. Porventura, seja essa a razão que nomeia dois capítulos com “Olhos de ressaca”

(MACHADO DE ASSIS, 1994a). Senna (1998, p. 101) considera “que [o autor] empilha exemplos, quase à exaustão do comportamento ladino de Capitu, de sua capacidade de se recompor depressa em situações delicadas.”

Capitu é descrita como a parte forte da relação, pois ela é aquela que trama, que mente, que se descontrola; Bentinho é ingênuo, tímido, quase um animal de estimação controlado pela mãe e acuado por José Dias, o amigo da família que, por sua vez, é sofisticado e potente. Essa relação dialética de força é expressa em: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura muito particular, mais mulher do que eu era homem.” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 81).

Desde o início da narrativa, Bentinho é apresentado como um homem fraco e que, mesmo antes de nascer, já tinha o destino traçado por sua mãe, dona Glória. Vemos que, na medida em que a personagem cresce e se torna um adolescente, não há tentativas de contrariar as vontades da mãe de que se torne padre. Bentinho se transforma em um adulto incapaz de resolver seus problemas, se entregando à obsessão do ciúme e sendo um homem comandado e predisposto a seguir ordens.

Denotamos no que se refere à linguagem, Bentinho e Capitu expressam desencontros de objetivos. De um lado, tem-se um homem que se sente confortável em seguir ordens; de outro, tem-se uma mulher que, desde menina, sabe o que quer, carregando consigo clareza e objetividade sobre o que busca. Ela consegue adaptar sua linguagem, articulando os fatos aos passos de sua escalada. O que revela tais decisões de Capitu é sua exigência em sobreviver ao ambiente desfavorável, que não compreende, mas que anseia em adentrar.

A mulher nessa obra pode ser lida como o outro, como a classe não respeitada, como aquele que não está no poder e, portanto, não possui voz. A veracidade reside na linguagem: Capitu, ao descrever determinado fato, denotava um outro significado diferente do aparente. Em contrapartida, Bentinho modela a linguagem por um padrão de transparência evidente, em que nada parece estar sendo velado. Para Facioli (1982, p. 464), a personagem de Bentinho: “Guarda uma pureza de estufa, que é antes falta de convívio com coisas e pessoas, que virtude e ato de consciência.”

A maneira como Capitu se expressa e sua linguagem desvelam seus sentimentos e intenções. Ao passo que, Bentinho a interpreta como destituída de malícia, refletora de seu estado de inocência, ora da perspectiva adotada pelo narrador, que ressaltam a pureza de alma que Capitu possui, de acordo com os interesses postos em jogo. Uma série de acontecimentos se unem como partes de um quebra-cabeça para declarar a culpa de Capitu, fazendo com que o romance seja transformado em uma espécie de coleta de dados, com o fim claro da comprovação de uma pressuposição. Se o leitor deixar ser conduzido pela linguagem,

pode ser induzido a um julgamento equivocado, responsabilizando quem não devia, pois percebe aquilo que se queria dele e não ao que de fato teria acontecido. Facioli (1982, p. 465) ressalta que isso se deve ao fato de “a perfeição da montagem vítima também o leitor, envolvido pelo poder de ludfbrío que a linguagem destilou, forçando respostas canalizadas para aqueles resultados.”

Efetivamente, esse processo é centrado no poder no narrador, que forja a ilusão de uma determinada realidade e mostra como tudo é engendrado a partir de sua capacidade de manipular o universo narrado, de “onde se subtrai o real para fazer emergir o aparente, capaz de condicionar a interpretação dos fatos.” (FACIOLI, 1982, p. 465).

Visto isso, entendemos que Bentinho tinha um caráter estagnado e um espírito que o conduziu ao estado neurótico, tomando-lhe a razão e direcionando-o à fantasia e à superstição – constatamos isso no 133º capítulo (MACHADO DE ASSIS, 1994a). Sua confusão mental, fundada na dúvida, não permite que ele veja como mera coincidência a semelhança do filho com o amigo do seminário, o que, na verdade, seria fruto da capacidade de Ezequiel em imitar as pessoas. Para o narrador, não havia meios de inocentar Capitu, a suspeita, uma vez em sua mente, nada mais poderia fazê-la sair.

Em contraposição, a Capitu é a parte vivaz do romance, mulher cheia de graça, vigor e disposição, que enfrenta a própria tragédia com dose de aceitação, sem mesmo procurar convencer ninguém da sua inocência, apenas protestando como tal e entregando a Deus as suas amarguras.

— Confiei a Deus todas as minhas amarguras, disse-me Capitu ao voltar da igreja; ouvi dentro de mim que a nossa separação é indispensável, e estou às suas ordens. Os olhos com que me disse isto eram embaçados, como espreitando um gesto de recusa ou de espera. Contava com a minha debilidade ou com a própria incerteza em que eu podia estar da paternidade do outro, mas falhou tudo. Acaso haveria em mim um homem novo, um que aparecia agora, desde que impressões novas e fortes o descobriam? Nesse caso era um homem apenas encoberto. Respondi-lhe que ia pensar, e faríamos o que eu pensasse. Em verdade vos digo que tudo estava pensado e feito. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 122)

O aspecto confrontante dessa relação é que o Bentinho expressa o sentimento de ser fraco, perturbado e ameaçado. Capitu, por sua vez, é viva, bela, dotada de poder, haja visto uma falsa inversão da dominação falocêntrica, mascarada com a fragilidade de Bentinho. Ao analisarmos a obra, fica evidente a intenção do autor em enaltecer que a personagem feminina, pois Capitu ocupa o molde da dissimulação, expressos pelos seus traços de “olhos de ressaca” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 31) quando Bentinho faz menção na maneira com que José Dias havia definido a Capitu:

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera deles, “olhos de cigana oblíqua e dissimulada.” Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim. Capitu deixou-se fitar e examinar. Só me perguntava o que era, se nunca os vira; eu nada achei extraordinário; a cor e a doçura eram minhas conhecidas. A demora da contemplação creio que lhe deu outra idéia do meu intento; imaginou que era um pretexto para mirá-los mais de perto, com os meus olhos longos, constantes, enfiados neles, e a isto atribuo que entrassem a ficar crescidos, crescidos e sombrios, com tal expressão que... (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 32)

Além disso, Capitu é vista como o lado negativo de seu par, Bentinho, já que causa a ruína do matrimônio. Candido (1968, p. 79-80) indica que esses elementos “são [escolhidos] por força indicativos”, em que “cada traço adquire sentido em função de outro, de tal modo que a verossimilhança, o sentimento de realidade, depende, sob este aspecto, da unificação do fragmentário pela organização do contexto.”

A Capitu indica saber preservar toda sua paixão e mistério no narrador. Há muitas passagens no romance a caracterizando. No 32º capítulo, encontramos a famosa passagem que discorre sobre os “olhos de ressaca” de Capitu. A cena requintada e entendemos que há aspectos mitológicos, fazendo com que a moça seja transformada em uma deusa.

[...] Olhos de ressaca? Vá, de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não sei que fluido misterioso e enérgico, uma força que arrastava para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca. Para não ser arrastado, agarrei-me às outras partes vizinhas, às orelhas, aos braços, aos cabelos espalhados pelos ombros; mas tão depressa buscava as pupilas, a onda que saía delas vinha crescendo, cava e escura, ameaçando envolver-me, puxar-me e tragar-me. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 85)

Na passagem em questão, a “força” que provém dos olhos de Capitu é somente comparável à sua força enquanto mulher, a fim de verificar se a vizinha tinha realmente os “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” como lhe advertiu José Dias, Bentinho resolve mirá-los não imaginando o que iria enfrentar. No início da passagem, o narrador reconhece a cor e a doçura que tão bem admirava, mas depois sente que é incapaz de desviar o olhar. Outra forma de caracterizar Capitu é a que encontramos no 34º capítulo (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 34), que faz referência à entrada da mãe, Dona Fortunata, na sala imediatamente após o primeiro beijo de Bentinho e Capitu.

A narração da cena é longa, porque se inicia na casa da Capitu, ainda menina, e termina no quarto do jovem Bentinho relembando o momento do beijo:

[...] e ficamos assim a olhar um para o outro, até que ela abrochou os lábios, eu descí os meus, e... Grande foi a sensação do beijo; Capitu ergueu-se, rápida, eu recuei até à

parede com uma espécie de vertigem, sem fala, os olhos escuros. Quando eles me clarearam, vi que Capitu tinha os seus no chão. [...] Ouvimos passos no corredor; era D. Fortunata. Capitu compôs-se depressa, tão depressa que, quando a mãe apontou à porta, ela abanava a cabeça e ria. Nenhum laivo amarelo, nenhuma contração de acanhamento, um riso espontâneo. [...] Assim, apanhados pela mãe, éramos dois e contrários, ela encobrendo com a palavra o que eu publicava pelo silêncio. D. Fortunata tirou-me daquela hesitação, dizendo que minha mãe me mandara chamar para a lição de latim; o Padre Cabral estava à minha espera. Era uma saída; despedi-me e enfiei pelo corredor. Andando, ouvi que a mãe censurava as maneiras da filha, mas a filha não dizia nada. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 33-34)

Vemos que Bentinho fica completamente atordoado e por isso não se mexe nem profere palavra alguma, optando pelo silêncio em vez da denúncia. Por outro lado, Capitu consegue se recompor imediatamente e isso o assusta porque lhe parece estranho que a menina possua a capacidade de fingir, de mentir e de encobrir verdades. É, portanto, a imagem de mentirosa e dissimulada que o narrador transmite ao leitor, de que Capitu é rápida e hábil o bastante para sair de uma situação embaraçosa. O sentimento épico que se instala em Bentinho ao chegar em casa e sentir-se homem por ter beijado Capitu: “O gosto que isto me deu foi enorme. Colombo não o teve maior, descobrindo a América, e perdoai a banalidade em favor do cabimento; com efeito, há em cada adolescente um mundo encoberto, um almirante e um Sol de outubro.” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 34).

Essa passagem tem como propósito apresentar aos leitores que a sua futura esposa já possuía desde menina a semente da falsidade, o caráter pérfido. O que ele não apresenta, porém, de forma tão evidente, é a sua própria covardia, a incapacidade em lidar com situações adversas ou de aceitar que uma mulher se saia melhor do que ele em momentos delicados.

Ao descrever sobre sua atitude em relação à Capitu após a chegada do filho, Bentinho afirma que o menor gesto o afligia e que não descuidou da esposa: “[...] cheguei a ter ciúmes de tudo e de todos. Um vizinho, um par de valsa, qualquer homem, moço ou maduro, me enchia de terror ou desconfiança.” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 103). Seu grande temor era Capitu gostar de ser vista e mesmo sendo visto, também, não tinha olhos para outra. Em capítulo subsequente, encontramos Bentinho expressando seu sentimento por Capitu quando diz: “Naquele tempo, por mais mulheres bonitas que achasse, nenhuma receberia a mínima parte do amor que tinha a Capitu.” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 104)

Podemos identificar que, durante toda narrativa, a força de Capitu se transforma em algo perigoso e, por referir-se à primeira parte do romance, sabemos que o narrador está construindo a base para edificar sua teoria de ter sido traído por uma mulher que, segundo ele, já dava sinais de autoritarismo, controle da situação e engenhosidade. Evidenciam-

se a capacidade de Capitu em lidar com adversidades, ou então, de mostrar seus reais sentimentos num momento inesperado, e a apatia de Bentinho que, por não conseguir pensar em nada, opta por ficar paralisado, mudo e aturdido.

A partir da figura de linguagem dos olhos, em que vemos a Capitu representada pelo olhar, o romance traz um retrato feminino feito por um homem, que traça um perfil de santa e infiel. Assim, a ambiguidade depende da maneira como o marido vê Capitu. Ademais, como pontua Teixeira (1988, p. 123): “Além disso, sendo um retrato moral, jamais poderia ser preciso.” Uma vez que sua representação está vinculada ao ponto de vista do homem, que se julga enganado e traído, Saraiva (1993, p. 130) complementa: “A simulação, a reflexão e a curiosidade são características cuja repetição enfática elabora a imagem de Capitu, sendo sua importância salientada pelo fato de merecerem capítulos especiais.”

A simulação da figura feminina está ligada às manifestações do seu amor por Bentinho e do disfarce do sentimento, selecionamos alguns trechos que exemplificam essa leitura: “[...] Soltamos as mãos depressa, e ficamos atrapalhados. Capitu foi ao muro, e, com o prego, disfarçadamente, apagou os nossos nomes escritos.” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 14). Outro elemento, é a aptidão de Capitu em se recompor rapidamente, quando intrusos invadam o espaço da confiança, “Capitu compôs-se depressa.” (p. 34). Destacamos, também, sua capacidade de indução, quando propõe a Bentinho se rebelar contra a vontade da mãe, “Contei-lhe também que o Padre Cabral falara da minha entrada no seminário, apoiando a resolução de minha mãe, e disse dele coisas feias e duras.” (p. 37).

De acordo com Schwarz (1997), Capitu satisfaz todos os quesitos da individualização, justamente por não fugir da realidade para a imaginação e por não se dar ao luxo de fantasiar. De acordo com o autor, ela é forte o bastante para não se desagregar diante da vontade patriarcal, superior. Desse modo, “Embora emancipada interiormente da sujeição paternalista, exteriormente ela tem a de se haver com essa mesma sujeição, que forma o seu meio.” (SCHWARZ, 1997, p. 24-25).

Desse modo, pressupomos que o encanto de Bentinho por Capitu provém do fato de que Capitu transita no ambiente – o mesmo ambiente que a subjuguou – com intensa naturalidade. Todavia, a figura feminina de Capitu adentra esse meio social em uma posição sobretudo delicada, pois está ligada à personagem de Bentinho, que ora não poderia se casar – pois deveria se tornar padre – mas que, agora, representa o chefe da família. Desse modo, “Capitu é literalmente incapaz de agir conforme seus interesses, pois toda declaração de sentimentos verdadeiros será inevitavelmente interpretada como ambição.” (GLEDSON, 1991, p. 68).

Tendo em vista tal leitura, é possível inferir que, para Machado de Assis, o amor não é uma emoção que possa ser isolada das pressões sociais. O que constitui o dilema de Capitu: quando passa a integrar o seio da família de Dona Glória, não pode se abrir por medo de ser considerada interesseira. Do mesmo modo, seus impulsos, seu silêncio e suas aparentes contradições podem ser o resultado dessa situação ambígua ou da maneira como consegue existir num meio que não lhe pertence.

A suposta inocência – uma inocência que lemos como proposital, pois desempenha um papel e faz crer certa inocência, escapando do sentimento de culpa – de Capitu e Bentinho se baseia em uma ilusão. Todavia, Bentinho jamais se desapega de Capitu, acreditando que o amor pode superar todos os obstáculos. Sua falha reside no fato de não perceber uma escolha a ser feita: sente-se atordoado quando Capitu insulta sua mãe, mas evita o problema quando sua namorada o faz enxergar que precisa escolher. Desse modo, sendo incapaz de encarar a verdade ou a realidade, Bentinho se satisfaz com sua própria versão das duas figuras femininas. Desse modo, ele “se torna a vítima, bem como o criador de seu ponto de vista sobre a própria existência, e sobre a de outros – ponto de vista organizado, metafórico e aparentemente verdadeiro, mas falso.” (GLEDSON, 1991, p. 70). Inferimos que isso se relaciona à descrição de uma criação superprotetora para a personagem.

Em síntese, compreendemos que a condição feminina apresentada por Machado de Assis é evidente, está presa ao estabelecido, conserva o padrão, mas o faz em discurso reservado, no fluxo do pensamento, em que as personagens refutam, questionam os papéis que lhes são destinados na sociedade brasileira. Capitu é um exemplo de mulher que transcende a definição de esposa, mãe e, ao mesmo tempo, o estereótipo de mulher. Ela busca uma maneira de transpor o estabelecido; luta por emancipar-se, pois está cansada das obrigações sociais e familiares que lhes são impostas.

De fato, a heroína pode ser, também, um exemplo da humanidade aterrorizadora, porque permanece incognoscível ao ser apresentada através da visão doentia e perturbada de Bentinho. Este, como vítima de sua própria retórica e visão distorcida da realidade, está no plano da imaginação e pode ser encarado como um perdedor. Capitu representa a mulher emancipada, a que se coloca tanto no plano espiritual, quanto no sexual e se mantém ativa, embora não seja detentora da palavra, seu traço mais pertinente é uma independência quase intrínseca à sua natureza, uma maneira de não deixar ser subjugada.

Ou seja, Dom Casmurro apresenta o que Gayatri Spivak (1996, p. 252 apud GUALDA, 2007, p. 92) chama de subjetivização da mulher, que é aquela que demonstra a categoria de sujeito de sua vida. É um fato que Capitu carrega consigo leveza, espontaneidade,

que se coloca acima dos papéis que lhe eram reservados na cultura e na sociedade a qual pertencia.

Lembremos que toda a caracterização de Capitu elaborada por Bentinho parece fazer parte de um projeto narrativo interessado, que possui propósitos específicos. Nesse retrato, acrescenta-se a imagem de Capitu construída por José Dias, quem profere caracterizando-a por “olhos de cigana oblíqua e dissimulada” – ainda que, prontamente, corrigido por Bentinho – lançando, de forma profunda, o caráter enigmático e, talvez, destrutivamente sedutor pretende atribuir à companheira:

[...] Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem. [...] Era também mais curiosa. As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. [...] Tudo era matéria às curiosidades de Capitu, mobílias antigas, alfaias velhas, costumes, notícias de Itaguaí, a infância e a mocidade de minha mãe, um dito daqui uma lembrança dali um adágio dacolá... (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 81)

É preciso ressaltar, entanto: Bentinho pode falar o que bem entender, uma vez que ele detém a palavra como narrador. Não é nada original dizer que Capitu é uma figura feminina profundamente ambígua; ao contrário do narrador, cuja reclusa familiar afetou sua índole psicológica a ponto de torná-lo incapaz de se movimentar, de ver além da redoma de vidro em que foi mantido. Sua imaturidade emocional, causada pelo voto de sua mãe em torná-lo padre, mesmo antes de seu nascimento e pela influência de José Dias sobre todos na casa, permitiu a Capitu ganhar o predomínio num casamento socialmente desigual e bem pouco saudável. A história de Capitu é contada por outro que, além de não lhe dar voz, a constrói segundo sua ótica misógina.

2.2 Quincas Borba: um romance de interesses

A segunda obra, sobre a qual nos debruçamos (MACHADO DE ASSIS, 1994b), QB é mais uma das obras publicadas originalmente em folhetins, no periódico “A Estação”, entre 1886 e 1891 – ano em que, também, foi publicada integralmente pela editora Garnier, com substanciais diferenças em relação aos folhetins. No livro a personagem Joaquim (Quincas) Borba dos Santos é filósofo e elabora a teoria Humanistas, porém ele adocece e morre louco.

Humanitismo foi o nome da filosofia fictícia criada pelo Quincas Borba dos Santos, o Quincas Borba, figura masculina de Machado de Assis, é exposta com mais detalhes e profundidade no romance *Quincas Borba*, já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de uma

forma mais sutil. Para a compreensão de tal filosofia, vejamos um trecho do livro em que o mesmo (Quincas Borba) explica sua teoria ao Rubião:

— Não há morte. O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais feitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas.

— Mas a opinião do exterminado?

— Não há exterminado. Desaparece o fenômeno; a substância é a mesma. Nunca viste ferver água? Hás de lembrar-te que as bolhas fazem-se e desfazem-se de contínuo, e tudo fica na mesma água. Os indivíduos são essas bolhas transitórias. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 6)

O Humanitismo se constitui pela ideia do império da lei do mais forte, do mais rico e do mais esperto, dado que Antonio Candido (1995) escreveu que a essência do pensamento machadiano é uma das maldições ligadas a falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual.

A filosofia de Quincas Borba afirma que a substância da qual emanam e para qual convergem todas as coisas é Humanitas, e que a inveja não passa do nobre sentimento de contemplação, nos outros, das qualidades de Humanitas.

Ainda que o livro leve o título “Quincas Borba”, essa personagem não é a figura que protagoniza, mas seu herdeiro, Rubião. Com a morte de Quincas Borba, o personagem deixou toda herança ao amigo, Rubião, com uma condição específica, o dever de cuidar de seu cachorro, que leva o mesmo nome, Quincas Borba:

“Uma só condição havia no testamento, a de guardar o herdeiro consigo o seu pobre cachorro *Quincas Borba*, nome que lhe deu por motivo da grande afeição que lhe tinha. Exigia do dito Rubião que o tratasse como se fosse a ele próprio testador” [...] (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 11)

Vamos ao que importa nesse momento e ao que você, caro leitor deve estar pensando, quem é esse herdeiro? Pois bem, saber-se-á nesse instante ele é o personagem masculino de Machado de Assis, denominado por Rubião, professor na cidade de Barbacena, em Minas Gerais, um homem que carrega certa ingenuidade e uma boa dose de sorte, mas

deixamos com que você, leitor, tire sua própria conclusão. Usamos o termo sorte, porque Rubião foi o herdeiro de um amigo, chamado Quincas Borba.

Em posse da fortuna que acabou de receber, Rubião tomou a decisão de se mudar para o Rio de Janeiro, com intuito de construir uma nova vida. Durante a viagem de trem, rumo ao destino citado, ele conhece um casal, Cristiano Palha e Sofia. Sobre ela, a personagem descreve: “Sofia escutava apenas; movia tão-somente os olhos, que sabia bonitos, fitando-os ora no marido, ora no interlocutor.” (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 15). Rubião, durante a viagem, conta ao casal que havia recebido, há pouco, a herança de um amigo. Logo, o casal busca fazer amizade com o professor, enxergando-o como ingênuo, vislumbrando as vantagens que seu dinheiro poderia lhes proporcionar.

Desse modo, os três se tornam amigos íntimos, ao ponto de Rubião se apaixonar por Sofia, que usa seu charme para deixá-lo envolvido inteiramente por ela. Eles vão fazendo trocas de cordialidade, guiados pelos objetivos de ascensão que ela, Sofia, e o marido, Palha, vislumbravam. Para que isso acontecesse, pressupunham que o Rubião, quem possuía o dinheiro, não sabia administrar sua fortuna. Rubião, personagem protagonista da obra QB, confia em deixar ao cargo de Palha, que aos poucos assume por completo o controle financeiro da fortuna de Rubião. Sofia e Palha dispensam ao amigo toda atenção, ajuda e favores com intuito de ganhar confiança, para, então, se tornarem sócios em um empreendimento comercial.

Concomitante, Sofia alimenta os sentimentos de Rubião, despertando nele a ilusão de um adultério, sendo esposa de Palha. Toda via, seu real desejo, em comum com marido, era usurpar a herança recém adquirida pelo ex-professor de Barbacena, Rubião.

2.2.1 A tríade: Sofia, Palha e Rubião

Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos os três, a ver coisas para comprar. Estava tão bonita! Mas o que eu mais gosto dela são os braços e os ombros, que vi no baile do coronel. Que ombros! Parecem de cera; tão lisos, tão brancos! Os braços também; oh! Os braços! Que bem-feitos. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 14)

A figura de Sofia, criada por Machado de Assis, em QB é descrita como uma mulher vaidosa, desprendida de debruçar interesse em algumas tarefas pensadas para as mulheres de seu tempo. Muito embora, ela atende àquelas que são necessárias para sua ascensão social. Infere-se que Sofia gosta de ser vista e desejada, ainda que seja por pura vaidade em se sentir cortejada. Palha, seu marido, porém tenta a empurrar para o adultério, objetivando fins

lucrativos, com a segurança de que se ela o traísse seria apenas fisicamente, pois era convicto que o amor de Sofia pertencia a ele.

Entendemos que Sofia é composta por uma visão tríplice: pelo narrador, que exalta seus truques de sedução e encanto, aludindo ao adultério; de outra perspectiva, a Sofia que se comporta com aversão à pobreza e consegue ascender socialmente, orgulhosa dos seus dons físicos com os quais consegue aparecer no mundo dos ricos, usando o marido Palha para atingir o seu objetivo; e a Sofia construída pela imaginação de Rubião, a cobiçada mulher que pode satisfazer todos os seus desejos.

Em razão de suas habilidades, o narrador que, ao descrever o perfil feminino de Sofia, a envolve efetivamente em um jogo duplo de sedução, ora fazer e esconder, ora oferecer e rejeitar, ora avançar e recuar. São idas e vindas que se projetam em uma constante imprecisão. Esse jogo duplo caracteriza Sofia como uma mulher forte, determinada, dominante que ocupa um lugar impróprio para a mulher de seu tempo.

Dentro do contexto narrado, encontramos Sofia, esposa de Cristiano Palha que, se vista pelos disfarces adotados pelo narrador e aos olhos de um leitor desavisado, de modo a levar crer que ela teve um relacionamento quase íntimo com Rubião, o rico herdeiro de Quincas Borba. Um relacionamento que aconteceu diante do olhar e consentimento disfarçado do marido. Ela se aproveita de seu parceiro e do amigo para mergulhar no mundo de ostentação e de riqueza na sociedade carioca – seus maiores desejo, ambição e objetivo.

Ao considerar esse contexto, pelo viés do narrador, Sofia é entendida como calculista e interesseira, aquela que faz uso de todos os instrumentos à sua disposição, afiados pelo marido, para conseguir sua ascensão e participação no testamento. Como cita Faoro (2001, p. 17): “Com tais golpes e com tais armas alcança-se a ociosidade elegante, a riqueza sem escrúpulos, a irradiação do poder.” Desde a passagem do encontro de Sofia, acompanhada do marido Palha, com o Rubião, na estação de Vassouras, ela e Rubião se sentem atraídos um pelo outro. O que é evidenciado por meio da descrição de olhares e poucas palavras. Fato que, entretanto, poderia ser considerado um contato nada comum entre uma mulher casada e um homem solteiro no contexto em quadro. Rubião não se conteve em expressar o encantamento pela elegância e charme de Sofia.

Logo após o encontro no trem, Rubião passa a frequentar a casa do casal, mas com intenção de ver Sofia. Tal como, no capítulo 35º, em que o narrador desenha o perfil de Sofia:

As senhoras casadas eram bonitas; a mesma solteira não devia ter sido feia, aos vinte e cinco anos; mas Sofia primava entre todas elas. Não seria tudo o que o nosso amigo sentia, mas era muito. Era daquela casta de mulheres que o tempo, como um escultor vagaroso, não acaba logo, e vai polindo ao passar dos longos dias. Essas esculturas lentas são miraculosas; Sofia rastejava os vinte e oito anos; estava mais bela que aos vinte e sete; era de supor que só aos trinta desse o escultor os últimos retoques, se não quisesse prolongar ainda o trabalho, por dois ou três anos. Os olhos, por exemplo, não são os mesmos da estrada de ferro, quando o nosso Rubião falava com o Palha, e já sublinham nada; compõem logo as coisas, por si mesmos, em letra vistosa e gorda, e não é uma linha nem duas, são capítulos inteiros. A boca parece mais fresca. Ombros, mãos, braços, são melhores, e ela ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 668)

Ainda no mesmo capítulo, o narrador aponta para o poder que Sofia exercia sobre os homens e o prazer que seu marido tinha em exibí-la em público:

Era dado à boa-chira; reuniões frequentes, vestidos caros e joias para a mulher, adornos de casa, mormente se eram de invenção ou adoção recente, – levavam-lhe os lucros presentes e futuros. Salvo em comidas, era escasso consigo mesmo. Ia muita vez ao teatro sem gostar dele, e a bailes, em que se divertia um pouco, – mas ia menos por si que para aparecer com os olhos da mulher, os olhos e os seios. Tinha essa vaidade singular; decotava a mulher sempre que podia, e até onde não podia, para mostrar aos outros as suas venturas particulares.

[...]

A princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela [Sofia] acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 26)

A descrição dada pelo narrador à Sofia enaltece sua juventude, o corpo escultural e o ardor de paixão que ela infunde em seu amante, de modo que podemos inferir: sua descrição favorece o jogo da sedução. Destacam-se, também, os dotes físicos, que Palha, seu marido, fazia questão de exibir. Porém, é relevante destacar que Sofia faz uso intencional de seus atributos físicos, não para o simples jogo de sedução barata, ao contrário, ela faz com que seu poder erótico lhe dê o “status” social que seus objetivos pretendem competir com o masculino.

O modo como Sofia se expressa remete à Capitu, há semelhança entre elas. Conforme Bosi (1999), ao surgir momentos difíceis, ambas se tornam concentradas, reflexivas, atiladas, capazes de disfarces rápidos e certeiras na invenção de expedientes.

O relacionamento extraconjugal, que possivelmente Sofia mantinha com Rubião, não a fazia constrangida, visto que em todas as situações de embaraço ela se sobressaía, de modo dissimulado e se desvencilhava de situações naturalmente.

Essa compreensão pode ser vislumbrada na passagem do jardim, em que o Major Siqueira, amigo da família encontra Rubião e Sofia a sós, ela não se perturba e lívida arranja um jeito de sair ilesa do potencial flagrante:

O major mal podia conter o assombro. Tinha visto as duas mãos presas, a cabeça de Rubião meio inclinada, o movimento rápido de ambos, quando ele entrou no jardim; e sai-lhe tudo isto um padre Mendes... Olhou para Sofia; viu-a risonha, tranquila, impenetrável. Nenhum medo, nenhum acanhamento; falava com tal simplicidade, que o major pensou ter visto mal. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 30)

Situações como essa são frequentes em QB. Sofia se destaca, agindo com desenvoltura, friamente e com superioridade. Outro exemplo ocorre em uma das frequentes visitas de Rubião à casa dos Palha:

Curta foi a visita de Rubião. Às nove horas levantou-se ele discretamente, esperando qualquer palavra de Sofia, um pedido para que ficasse ainda algum tempo, que esperasse o marido que já vinha, um espanto que fosse: Já! mas nem isso. Sofia estendeu-lhe a mão, em que ele mal pôde tocar. Contudo, a moça, durante a visita, mostrou-se tão natural, tão sem azedume... Não teve seguramente os olhos longos e loquazes, como dantes; parecia até que não houvera nada, nem bem nem mal, nem morangos, nem lua. Rubião tremia, não achava palavras; ela achava todas as que queria, e, se era preciso olhar para ele, fazia-o diretamente, tranquilamente. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 53)

Tais atitudes de Sofia revelam a duplicidade de sua figura, ora parece sedutora e ardente para Rubião e ora apresenta tamanha estranheza que até ele se surpreende. Sofia é caracterizada como a senhora e dona da palavra, não obstante, tem-se o trecho: “Rubião tremia, não achava palavras; ela achava todas as que queria, e, se era preciso olhar para ele, fazia-o diretamente, tranqüilamente.” (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 53).

Todavia, ainda que Sofia tentasse ser gentil com Rubião, às vezes, não conseguia esconder o tédio que já estava sentindo com sua presença, afinal ela já havia alcançado seu objetivo de ser uma mulher rica. O Rubião, confiou ao Palha a responsabilidade de administrar seus bens, herdados de Quincas Borba. Entretanto, Palha, aos poucos, investe a herança que era do Rubião em seu nome e se torna um homem rico, cheio de bens.

Rubião, por sua vez, destinado aos delírios, à loucura e levado a um fim trágico, perdeu o que lhe foi deixado e a companhia da mulher que despertava seus profundos desejos. No capítulo 185º, Rubião é internado em uma casa de saúde e lá fica sob os cuidados do Dr. Falcão. Ao descrever o médico, tem-se: “- Era deputado o Dr. Falcão, deputado e médico, amigo da casa, varão sabedor, cético e frio.” (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 133). Acerca da internação de Rubião:

Rubião foi recolhido a uma casa de saúde. Palha esquecera a obrigação que Sofia lhe impôs, e Sofia não se lembrou mais da promessa feita à rio-grandense. Cuidavam ambos de outra casa, um palacete em Botafogo, cuja reconstrução estava prestes a acabar, e que eles queriam inaugurar, no inverno, quando as Câmaras trabalhassem, e

toda a gente houvesse descido de Petrópolis. Mas agora a promessa foi cumprida; Rubião deu entrada no estabelecimento, onde ficou ocupando uma sala e um quarto especiais, recomendado pelo Dr. Falcão e pelo Palha. Não resistiu a nada; acompanhou-os com satisfação, e entrou nos seus aposentos, como se os conhecesse desde muito. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 151)

Após sua recuperação, chegou a escrever uma carta ao Palha, “este Cristiano de Almeida e Palha, zangão da praça, que então contava vinte e cinco.” (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 25). Na carta, pedia ao Palha para visitá-lo, informando que se sentiria melhor e que queria sair do sanatório. Porém, Palha, propositalmente, por sua vez, adiou a saída de Rubião, recomendando que não deveria se precipitar em dar alta ao doente.

Por fim, Rubião é completamente excluído da vida com os convivas, pois já não pode mais fazer parte daquele círculo de amizades. Em dado momento Rubião vai para Barbacena se refugiar, buscar por suas origens e pelo equilíbrio que havia perdido. Como testemunha de seu fracasso, o cachorro que seu amigo, Quincas Borba, lhe confiou para prestar todos os cuidados que fossem precisos.

Rubião, logo que chegou a Barbacena e começou a subir a rua que ora se chama de Tiradentes, exclamou parando:

— Ao vencedor, as batatas!

Tinha-as esquecido de todo, a fórmula e a alegoria. De repente, como se as sílabas houvessem ficado no ar, intactas, aguardando alguém que as pudesse entender, uniu-as, recompôs a fórmula, e proferiu-a com a mesma ênfase daquele dia em que a tomou por lei da vida e da verdade. Não se lembrava inteiramente da alegoria; mas, a palavra deu-lhe o sentido vago da luta e da vitória.

Subiu, acompanhado do cão, e foi parar defronte da igreja. Ninguém lhe abriu a porta; não viu sombra de sacristão. Quincas Borba, que não comia desde muitas horas, colava-se-lhe às pernas, cabisbaixo, esperando. Rubião voltou-se, e do alto da rua estendeu os olhos abaixo e ao longe. Era ela, era Barbacena; a velha cidade natal ia-se-lhe desentranhando das profundas camadas da memória. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 155-6)

Por mais que Sofia estivesse inserida em uma sociedade tradicional, considerando os valores morais daquele período, ela é capaz de transgredir normas e circular por espaços sociais públicos, onde somente homens poderiam fazer carreira.

3 A RELAÇÃO DE CAPITU E SOFIA COM A MULHER CONTEMPORÂNEA

É importante salientarmos que, quando nos referimos ao estudo das representações do feminino, o termo feminino aqui empregado não se refere exclusivamente à mulher, “mas tem a ver com a mulher, ainda que apenas de certa maneira, apenas em certa instância.” (BRANCO, 1991, p. 15). O feminino sempre incomodou por causar controvérsia ou por se fazer calar, por insistir e define-se por uma não-presença, por ser algo da ordem do não-fálico, em outras palavras “sugere-se que o feminino não é a mulher, mas a ela se relaciona, sugere-se que o feminino é o não-masculino, mas a ele não se opõe.” (BRANCO, 1991, p. 27).

Em DC e QB as mulheres são descritas a partir de uma cultura patriarcal impregnada de valores que as desmerecem. Os deslocamentos dessas personagens do plano da subjacência do texto para a superfície do campo enunciativo é um caminho a percorrer, na tentativa de buscar os deciframentos da escrita machadiana e, acima de tudo, considerá-la uma das mais refinadas e respeitadas no universo literário.

O comportamento dessas duas personagens se faz pensar diretamente na representatividade das mulheres, na evolução dos direitos que conquistamos e que ainda estão sendo conquistados através de lutas e resistências como, a busca por igualdade de gênero e empoderamento e por poder olhar para si e para as demais mulheres em uma ótica de alteridade e respeito. Sob o ponto de vista da literatura, Capitu e Sofia são descritas por um olhar masculino, um narrador pertencente a uma sociedade patriarcal, em que o homem mantém o poder, que, predominantemente, possui autoridade e controle de suas propriedades e que vê a mulher como ser inferior e de seu domínio.

De acordo com Gledson (1991), DC e QB estavam puramente voltadas para o retrato da natureza da sociedade oitocentista, período em que Machado de Assis estava inserido e com isso, a sua trajetória ocasiona o elo de suas personagens femininas com a sociedade patriarcal vigente e de como a atuação delas eram era influenciada pelos moldes sociais. Entendemos, porém, que não apenas as personagens femininas, mas os demais; todavia, enfatizamos as figuras femininas nesse estudo. Ou seja, muito embora a mulher machadiana seja composta por tudo que ditava o caráter feminino no período senhorial do século XIX e fossem construídas nas margens patriarcais e como tal a sociedade queria representá-las, consideramos Capitu e Sofia mulheres a frente de seu tempo – assim como quem as criou.

Por meio da literatura de Machado de Assis, as personagens femininas protagonistas, Capitu e Sofia, se tornam mulheres autônomas, resistentes àquele modo patriarcal. Fazendo com que entendamos que Machado de Assis rompeu com as tradições e

flexibilizou o “eu” representado. Logo, parece natural que essas concepções apareçam em seus escritos. Se, no século XIX, as questões femininas estavam emergindo, Machado soube evidenciar o ideal de independência, por meio de sua literatura e questionar a posição da mulher em dado momento. Freitas (2001) afirma que:

Machado de Assis escrevia sobre mulheres e para mulheres. Os amores e frustrações femininos eram temas constantes, inclusive a prostituição e o adultério – anteriormente inaceitáveis na literatura. Um verdadeiro modernista, Machado não acreditava na honra baseada na castidade, tendo nas entrelinhas de seu discurso chamado atenção para as necessidades e os direitos da vida afetivo-sexual de suas leitoras. Argumentava que a mulher devia receber instrução e não ficar completamente confinada à vida doméstica, tendo direito ao amor e à Liberdade. (FREITAS, 2001, p. 16)

Isto é, a forma como as mulheres eram representadas era fruto da sociedade patriarcal que permeou o século XIX sob a influência de um ideal de independência que buscava mudanças, ainda que lentamente. Assim, Machado de Assis problematizou o que concerne ao universo feminino e, apesar de representar figuras femininas sob o código da submissão, seja a igreja, o marido e os pais, também, as representavam vivendo uma dualidade na luta pela transformação.

Nesse sentido, as mulheres machadianas, inseridas em um contexto conservador, deixam em seus pontos vistas marcantes as vozes implícitas das mulheres que buscavam liberdade e direitos. Ao contrário da mulher romântica, idealizada no contexto da época, as mulheres machadianas eram cheias de inteligência e sensualidade. O escritor as representa no molde da beleza, ao mesmo tempo, em que as mostram confiantes em seus desejos e para onde querem chegar. No protagonismo de suas personagens, muitos se encontram em um mundo restrito à esfera familiar, ao casamento e às castas sociais, embora muitas vezes resistentes a esses moldes.

Em suas obras, Machado correlata o universo feminino aos padrões patriarcais, a título de exemplo, os casos de Capitu e Sofia, nos quais as narrativas de vida envolvem questões sobre amor, casamento e moral. Assim, a ficção de Machado de Assis, mesmo que construída de forma crítica, não extrapola parâmetros sociais estabelecidos na época. Revela-se, sobretudo, como a mulher é capaz de realizar feitos inimagináveis para época e possuir em si uma sobrevivência social extrema.

As personagens femininas de Machado estão envolvidas em um contexto hierárquico de gênero, costumam trazer consigo um parâmetro das relações existentes na sociedade que envolvem o masculino e o feminino, em que o peso moral de ambos os gêneros

é completamente desigual e influenciado pela catequização de ideias, da mulher virgem, santa e sujeita aos preceitos do matrimônio.

Denotamos que o escritor supracitado usa a literatura para expor criticamente as facetas reais da sociedade carioca, muitas vezes enfatizando esses traços como fator determinante no destino do casamento e sua aceitação pela sociedade. Além disso, o escritor nos revela como as mulheres tinham em si o desejo de uma participação mais ativa na sociedade, transcendendo as fronteiras domésticas, sendo agentes políticas e de direitos, porém, devido ao contexto patriarcal, foram influenciadas em suas escolhas, desejos e destinos, sempre participando de um padrão social que as submeteu a uma adaptação moral patriarcal.

Ademais, para Xavier (2005, p. 21), “a marginalização da figura feminina machadiana, manifestada em sua ausência da vida política, econômica e social, dá-se em consequência de atavismos culturais: prepotência do homem, educação deficiente”. Quanto à vida doméstica, as personagens machadianas, em sua maioria, representam de forma fidedigna a mulher de meados do século XIX, como observa Xavier:

Nos romances machadianos há uma identificação da mulher com a vida doméstica e do homem com a vida pública. As mulheres são concebidas exclusivamente como irmãs, esposas, mães ou possuem uma vida ociosa ou são absorvidas em atividades domésticas. Assim como no sistema patriarcal, em todos os romances de Machado de Assis, de Lívia a D. Carmo, a mulher esteve ausente da assistência social, da política, da literatura, de outras zonas de atividade tida como masculina. (XAVIER, 2005, p. 24-25)

Dessa forma, Machado de Assis, ao criar suas personagens, consegue capturar com veracidade o contexto da época. Xavier (2005, p. 38) aponta, ainda, que, “no romance machadiano, raras são as exceções das mulheres que cursam escolas e nenhuma delas procuram uma formação intelectual científica.” Nos romances de Machado de Assis, há uma ênfase nas figuras femininas. No entanto, a mulher é, frequentemente, retratada como tendo maus traços de caráter, embora em alguns casos ela seja retratada como dotada de inteligência e cultura. A exemplo de Sofia, uma mulher ambiciosa e egoísta, capaz de cometer adultério ou aproximar-se perigosamente dele para satisfazer seus desejos pessoais.

As pequenas e significativas revoluções do discurso interior são o que dão brilho às personagens de Capitu e Sofia, refletindo a própria posição moderna de Machado que trouxe quebras de correntes e estruturas que cerceavam a liberdade e o direito de ser e existir das mulheres de então. Portanto, o papel feminino em Machado é constituído por uma crítica implícita, em que a interpretação enriquece os fatos como forma de expor o real, a fidelidade à

realidade torna a literatura machadiana e traz consigo as marcas temporárias das ideologias sociais no comportamento atual da sociedade.

Portanto, as personagens femininas de Machado desempenham um papel social significativo, pois permitem uma leitura profunda do comportamento dos membros da sociedade em que estão inseridos. Assim, sua literatura se revela como produto da observação da realidade transformada em arte. É o que acontece com a produção literária de Machado, quando escreve em linhas a projeção de sua mente, reproduz e interpreta a realidade simultaneamente.

Para compreensão das reflexões acima, vale a síntese de Alfredo Bosi (1999), que salienta que “contar coisas que acontecem aqui e agora e avaliá-las com predicados antigos ou dizê-las com imagens vivas na memória da cultura é procedimento comum na grande literatura”. Nesse sentido, as protagonistas de DC e QB, Capitu e Sofia respectivamente, apesar de estarem inseridas em contextos dominados pela submissão e por preceitos morais e religiosos, assumem o protagonismo de sua sorte ao satisfazer suas próprias vontades, independentemente dos imperativos sociais que deveriam orientar o seu comportamento social de mulher exemplar.

3.1 Um convite para o olhar

Tal como os modos em que o corpo feminino são expostos, a ele é imposto um padrão tido como modelador dos conceitos de ordem e normalidade social, assim como os diferentes modos como o corpo é representado, textualizado. Desta maneira, o sujeito considerado “desviante” a essas normas, vê-se constantemente deslocado do seu grupo social, de modo igual a Capitu e Sofia e quando não isso, acaba por esconder sua identidade sexual, em uma tentativa de fuga das consequências dessa exposição.

O corpo do sujeito é entendido como um lugar de produção de discursos, em que se cruzam memória, apagamentos e ideologia; elementos esses que possibilitam a materialização de dizeres, sendo esse sujeito atravessado pelo real da língua e da história, não tendo controle sobre o que diz ou pensa ser, pois essa é a sua condição: quanto mais livre imagina ser, mais é assujeitado pela ideologia – o que o condiciona enquanto sujeito, propriamente dito (ORLANDI, 2012).

Em conformidade, Perrot (2007) ressalta para o fato de que o corpo, masculino e feminino sempre foram marcas presentes na história humana. Portanto, a autora refere não do corpo como objeto, não um: “corpo imóvel com suas propriedades eternas, mas o

corpo na história, em confronto com as mudanças do tempo, pois o corpo tem uma história, física, estética, política, ideal e material, da qual os historiadores foram tomando consciência progressivamente.” (PERROT, 2007, p. 41).

Com presteza, há uma necessidade e apreensão de se falar sobre o corpo, ainda mais sobre a sexualidade desse corpo. Sabemos que essas condições são frutos de uma sociedade que via no objeto corpo em um primeiro momento a personificação do mal, depois como local de pecado; e hoje, como um elemento de status identitário, um modo de ser aceito ou não em determinadas condições sociais.

Isto posto, por um lado, existe a liberação para falar, por outro há o silenciamento, que é definido por Orlandi (1997, p. 30) como, “política do silêncio” e remete à compreensão do silêncio fundador, ou fundante, enquanto “princípio de toda significação.” (ORLANDI, 1997, p. 70) Logo, para Orlandi, vivemos numa sociedade que exige do sujeito que ele fale, que se manifeste, que sendo silenciado, não existe, é “sem sentidos”. Assim, esse sujeito: “renuncia ao risco de significação, da sua ameaça e se preenche: fala. Atulha o espaço de sons e cria a ideia de silêncio como vazio, como falta. Ao negar sua relação fundamental com o silêncio, ele apaga uma das mediações que lhe são básicas.” (ORLANDI, 1997, p. 37)

Ademais, a contemporaneidade demanda do sujeito que ele mostre quem de fato ele é, o que gosta, por onde circula; seus desejos, suas ansiedades, seu comportamento privado, afinal, o corpo é mostrado como condição necessária e fundamental do ser humano no meio social.

Nesse seguimento, como o texto significa em sua pluralidade, não sendo apenas um objeto empírico, mas simbólico, o corpo também é discurso e assim, “enquanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo que é um processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso.” (ORLANDI, 2012, p. 85). De acordo com Pêcheux (1997, p. 24), a ideologia “tem como função fazer com que os agentes da produção reconheçam seu lugar nestas relações sociais de produção”, logo, esse sujeito não é origem ou fonte do dizer, antes o é pelas condições de sua exterioridade.

Posto isto, entendemos aqui que o corpo do sujeito é textualizado, marcado, exigido e colocado à mostra, sinalizando para sentidos e memórias. No deslocamento dos sentidos, pela maneira como o faz, o sujeito (se) significa de diversos modos, no atravessamento simbólico e do político.

Nesse sentido, se “toda interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem [...]” (ORLANDI, 2012, p. 9); consideramos as peças textuais como

lugares de produção de discursos, uma vez que diante delas somos levados a interpretar, questionar e produzir sentidos às imagens, ou melhor, aos textos. Ademais, temos na análise dessas imagens diferentes gestos de interpretação, pois, nas diferentes linguagens, ou formas delas, e suas respectivas materialidades, temos modos de significação totalmente diversos. No entanto, passível de erros, falhas ou equívocos, já que os sentidos sempre podem ser outros, deslizando para outros, não sendo evidentes e nem transparentes assim como a língua.

No caso das obras literárias, ao entendermos como uma representação ou criação humana pressupõe-se a flexibilidade, a multiplicidade, a sua instabilidade e é nesse sentido que se produzem os sentidos e a interpretação. Da mesma maneira, pintamos, compomos, escrevemos, cantamos e reside nessa aparência, puramente, precisa de representação e significação humana, que o corpo significa no espaço, por onde os sujeitos circulam e aos quais estão filiados, numa interpelação do indivíduo em sujeito, entendendo as representações do corpo como texto.

O corpo social é parte constitutiva de corpo e sujeito, se não fosse assim, não seria fundamental a noção de atravessamento do sujeito pelo real da língua e pelo real da história, sendo, portanto, parte de seu processo de significação, como jogo de linguagem, a literatura é o lugar onde se articulam o simbólico e o político, no qual o sujeito é entendido não apenas em seu movimento empírico, mas em sua mobilidade material na história e na sociedade.

Salientamos que as obras literárias, tais como DC e QB, permitem-nos uma análise, levando-se em consideração a tríade: autor/obra/público; essa é nossa possibilidade de interpretação. Em vista desse entendimento, não apenas interpretamos as obras literárias aqui mencionadas, mas trabalhamos com seus limites, suas incompletudes, sendo que ao redor de um texto circulam outros tantos que o constituem, que são sentidos produzidos por esses gestos de leitura, numa relação com o sujeito que interessa à análise, pois a constante entre esses faz ressoar a memória, o já dito; na constituição de um dizer que vai aquém e além das palavras, já que o sentido não está nelas. Assim, a literatura, entendida enquanto textos, portanto como objetos simbólicos, fazem parte do processo de constituição desses mesmos sujeitos, provocando o curso da linguagem, seu funcionamento, logo seu deslize, sua condição de vir a ser outro, em discurso.

As protagonistas de DC e QB, Capitu e Sofia, apesar de estarem inseridas em contextos dominados pela submissão e por preceitos morais e religiosos, assumem o protagonismo de sua sorte ao satisfazer suas próprias vontades, independentemente dos imperativos sociais que deveriam orientar o seu comportamento social de mulher exemplar.

No século XVII, a metáfora foi associada à imaginação, à fantasia e até mesmo à falsidade. Com o passar do tempo, os filósofos acreditavam que as metáforas e as analogias serviam como auxílio psicológico para descobertas científicas. Com base em Max Black, corroboramos: “as metáforas se unem e produzem uma relação cognitiva e emocional entre si, além de nos dizer algo real sobre ambos os assuntos, ou seja, toda metáfora é uma comparação literal ou é capaz de uma tradução literal em prosa.” (BLACK, 1966, p. 9).

De outro modo, Richards (1938, p. 93) garante que “nos valendo de uma metáfora, temos duas considerações a respeito de coisas diferentes e cujo significado é o produto de suas interações.” Desse modo, a noção de metáfora não pode ser simplesmente reduzida a comparações literais como sugeriu Black (1966), pois há perda de significados da mesma maneira que a interação entre os dois elementos deixa de existir.

O uso da metáfora em DC se define em certos estados de alma do narrador, que traduz em imagens concretas o jogo escondido do pensamento ou do sentimento que se desenvolve em seu âmago. A obra é fundamentalmente ambígua, constituída por vários significados que convivem em um só sentido. Com isso, denotamos em relação à construção de Capitu, que Machado de Assis optou por imagens fortes para se referir a ela com a figura feminina mais enigmática do romance: ele escolheu os olhos, aqueles capazes, segundo a tradição literária, de captar a essência das pessoas, desde a suposição de que os olhos são os espelhos da alma.

No entanto, as imagens que tornaram Capitu popular não a caracterizam propriamente, pois referem-se a ela, em definições propostas por dois personagens masculinos, José Dias e Bentinho. Em que José Dias a considera falsa, interesseira e, por isso, diz que seus olhos são “de cigana oblíqua e dissimulada”; por sua vez, Bentinho se arrebatava por ela e, por essa razão, os chama de “olhos de ressaca”. Em nenhum dos casos temos os olhos propriamente ditos, apenas as impressões que estes causam em diferentes personagens.

As representações do romance por meio de imagens, metáforas e símbolos, sob variados aspectos, deixam evidenciar a emotividade do Bentinho, que se prende a um contraste de valores e isso é notório no 31º capítulo (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 31), em que confessa que Capitu era mais mulher do que ele era homem. Tendo em vista o porte físico de Capitu, ele descreve, ainda, “morena, olhos claros e grandes, nariz reto e comprido, tinha a boca fina e o queixo largo” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 13); complementarmente, do ponto de vista moral, ele a descreve como uma incógnita, pois seu retrato foi esboçado por um homem que nunca a entendeu. Sobre isso, Teixeira (1988, p. 131-2) ressalta: “Mas é possível

que fosse apenas uma mulher que soube encantar o marido a ponto de prejudicar seu equilíbrio diante da vida.”

Comprendemos que o romance traz um retrato feminino feito por um homem, responsável por traçar o perfil das duas mulheres de sua vida – a mãe e a esposa – através de dois conceitos simplistas e redutores: a santa e a infiel. Tem-se, portanto, a ambiguidade, a depender da maneira como o marido vê Capitu. Como sinaliza Teixeira (1988, p. 123): “Além disso, sendo um retrato moral, jamais poderia ser preciso.”

Em conformidade com Schwarz (1997), Capitu satisfaz todos os quesitos da individualização, pois não escapa da realidade para a imaginação e não se dá ao luxo de fantasiar, possui característica forte o bastante para não se desagregar diante da vontade patriarcal, superior. Como pontua Schwarz (1997, p. 24): “Embora emancipada interiormente da sujeição paternalista, exteriormente ela tem de se haver com essa mesma sujeição, que forma o seu meio.” Ratificamos a leitura de que o encanto por Capitu ocorre por ela ser capaz de transitar, intensa naturalidade, o ambiente que ela superou; e que ela se encontra em uma posição delicada ao se apaixonar pelo, então, chefe da família. Desse modo, “Capitu é literalmente incapaz de agir conforme seus interesses, pois toda declaração de sentimentos verdadeiros será inevitavelmente interpretada como ambição.” (GLEDSON, 1991, p. 68).

Ponderando sobre esses aspectos, não há como negar que em Machado de Assis o amor e pressões sociais estão associados. Capitu exemplifica a mulher que transcende a definição de esposa, mãe e, ao mesmo tempo, corresponde ao estereótipo vigente. Ela busca uma maneira de transpor o estabelecido; luta por emancipar-se, pois está cansada das obrigações sociais e familiares impostas; e quer experimentar algo que saia do eu representado. De fato, a heroína pode ser também um exemplo da humanidade aterrorizadora, porque permanece incognoscível ao ser apresentada através da visão doentia e perturbada de Bentinho.

Esse, como vítima de sua própria retórica e de visão distorcida da realidade, permanece no plano da imaginação e pode ser encarado como um perdedor. Capitu representa a mulher emancipada, a que se coloca tanto no plano espiritual, quanto no sexual e se mantém ativa, nunca passiva, apesar de não ser detentora da palavra como o narrador. Seu traço mais pertinente é a independência quase intrínseca à sua natureza, ou sua capacidade de não se deixar subjugar. Há uma leveza, uma espontaneidade em seu espírito que a coloca acima dos papéis que lhe eram reservados na cultura e na sociedade a que pertencia.

Por sua vez, indubitavelmente, os olhos de Sofia tinham uma linguagem tão avassaladora quanto os de Capitu; eles representam a sensualidade sutil. O Machado de Assis

nas duas obras aqui analisadas, explicita a transposição de desejos dos olhos para todas as partes do corpo. Como é possível ver na menção a seguir se referindo à senhora Palha.

Os olhos, por exemplo, não são os mesmos da estrada de ferro, quando o nosso Rubião falava com o Palha, e eles iam sublinhando a conversação... Agora, parecem mais negros e já não sublinham nada; compõem logo as causas, por si mesmos, em letra vistosa e gorda, e não é uma linha nem duas, são capítulos inteiros. A boca parece mais fresca. Os ombros, mãos, braços, são melhores, e ainda os faz ótimos por meio de atitudes e gestos escolhidos. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 26)

As mensagens sublinhadas pelo imaterial dos olhos de Sofia se refletem no desejo avassalador de Rubião, cuja a intensidade, posteriormente, leva à loucura: “Rubião ia devorando a moça com os olhos de fogo e segurava uma das mãos para que ela não fugisse.” (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 30). Ele foi, igualmente, levado pela beleza dos ombros que ela deixava a mostra:

Foi ela que me recomendou aqueles dois quadrinhos, quando andávamos, os três, a ver coisas para comprar. Estava tão bonita! Mas o que eu mais gosto dela são os ombros, que vi no baile do coronel. Que ombros! Parecem de cera; tão lisos, tão brancos! Os braços também; oh! os braços! Que bem-feitos. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 2)

Outra característica constante nas personagens femininas em análise é a dissimulação, ingrediente que se constitui em encanto e ao mesmo tempo em freio imposto pelos tabus e padrões sociais de comportamento aos instintos e manhas naturais deste gênero (MEYER, 2008). Vemos que em Sofia, Machado de Assis (1994b) não parece se despojar dos seus preconceitos de homem, colocando-a como fiel representante da sociedade patriarcal, mas alimentando-a com os desejos de emancipação que surgiam no espírito das mulheres do final do século XIX.

Sofia tinha a alma livre e o corpo preso aos deveres sociais, por isso a dissimulação vai se aprazando em uma das mais constantes aliadas para fugir às situações incômodas, disfarçando os sentimentos e mantendo a sua reputação. Como é possível ver em:

Olhou para Sofia; viu-a risonha, tranquila, impenetrável. Nenhum medo, nenhum acanhamento; falava com tal simplicidade, que o major pensou ter visto mal. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 30)

Então um receio assaltou a mulher, se haveria efetivamente falado, murmurado alguma palavra, um nome qualquer, — o mesmo que escrevera na água. E logo, espreguiçando os braços para o ar, fê-los cair sobre os ombros do marido, cruzou as pontas dos dedos na nuca, e murmurou meio alegre, meio triste: — Sonhei que estavam matando você. (p. 131)

Hábil, sabendo domar-se a tempo, Sofia dissimulou o despeito [...] (p. 128)

Sofia readquiriu o bom uso das boas palavras, a arte maviosa e delicada de captar os outros [...] (p. 153)

De acordo com Souza (2005), a vestimenta feminina recebe em Machado de Assis, DC e QB, uma perspectiva diferente da masculina, que estabelece a relação do indivíduo com o mundo, os valores, a opinião e, de certo modo, instituem a identidade. A vestimenta aparece apenas como um fator que acelera o impulso erótico, exacerba-o através da negação constante entre o empecilho da roupa e o desvendamento da nudez. Assim, em QB, Sofia aparece em pleno exercício da sedução, quase rompendo os limites entre as roupas e a nudez, uma vez que seu marido renunciava ao recato, decotando-a para nutrir sua vaidade, mostrando as venturas particulares e provocando a satisfação a outros homens.

À princípio, cedeu sem vontade aos desejos do marido; mas tais foram as admirações colhidas, e a tal ponto o uso acomoda a gente às circunstâncias, que ela acabou gostando de ser vista, muito vista, para recreio e estímulo dos outros. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 26)

Trajava de azul escuro, mui decotada, - pelas razões ditas no capítulo XXXV; os braços nus, cheios, com uns tons de ouro claro, ajustavam-se às espáduas e aos seios, tão acostumados ao gás do salão. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 59)

O retrato machadiano, objetivo e enxuto, limita-se a informar o essencial sobre a vestimenta de Sofia, privilegiando o enfoque dos atributos da dama por ela escondidos e descobertos pelos olhos desejosos do sexo oposto. As formas soberbas da senhora Palha são, imediatamente, percebidas pelos homens que a veem através de um sugestivo convite ao desejo. Como é possível ver em:

Rubião admirou-lhe ainda uma vez a figura, o busto bem talhado, estreito embaixo, largo em cima, emergindo das cadeiras amplas, como uma grande braçada de folhas sai de dentro de um vaso. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 28)

Ela, em verdade, estava nos seus melhores dias; o vestido sublinhava admiravelmente a gentileza do busto, o estreito da cintura e o relevo delicado das cadeiras; era foulard, cor de palha. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 129)

Há uma interação entre o corpo e a roupa, dispensando-se o inútil, o excessivo, para que o feminino se apresente como oferta simbólica ao sexo oposto (SOUSA, 2005) – que vê o momento como iniciação amorosa. Ressaltemos que, em Sofia, representa apenas um detalhe, quase insignificante, que encobre as formas frescas e robustas, intensamente admiradas nos salões:

Ostentava, sem orgulho, todos os seus braços e espáduas. Ricas joias; o colar era ainda um dos primeiros presentes do Rubião, tão certo que, neste gênero de atavios, as modas conservam-se mais. Toda a gente admirava a gentileza daquela trintona fresca e robusta, alguns homens falavam (com pena) das suas virtudes conjugais, da profunda adoração que ela tinha ao marido. (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 154)

Em conformidade com Sousa (2005), observa-se que Machado de Assis se refere às vestes femininas como uma metáfora da posse amorosa, haja visto que Palha apresenta domínio total sobre o corpo de Sofia, utilizando-o não só como símbolo de beleza e sedução como, também, para ostentar sua prosperidade. Por outro lado, Sofia se deixa dominar ao ponto de imprimir no próprio corpo e vestido o sentido da propriedade privada: “— Cor de palha, acentuou Sofia rindo, quando D. Fernanda o elogiou pouco depois de entrar: cor de palha como uma lembrança deste senhor” (MACHADO DE ASSIS, 1994b, p. 129). Dissolve-se, então, a ideia de que Sofia é um ser totalmente inatingível, que constitui em uma mulher lutando pela autoconservação no que há de penoso e difícil na existência humana, aprendendo a ajustar seus gestos e sentimentos aos padrões de uma sociedade em que o cinismo e a perspicácia são necessários à vida.

Dentro dessas características, vamos ao encontro do efeito do olhar, que, de acordo com Senna (1998), a figura Sofia vai assumindo aos olhos de Rubião, do narrador e demais personagens a beleza, a sedução e o magnetismo necessários para envolver e seduzir os homens, cabendo-lhe o dever de se manter imaculada, resistindo aos clamores do desejo.

Como não podia deixar de ser, em se tratando de Machado de Assis, o narrador caracteriza a figura Sofia pelos olhos, que são ridentes, inquietos e convidativos. Curiosamente, os três adjetivos empregados têm conotação de movimento (RIBEIRO, 2008). Salientamos que “ridente” indica aquele que ri, diverte-se, aproveita, satiriza, por sua vez inquieto significa a oposição à imobilidade, o estado de turbulência, aflição ou ansiedade, pressupondo uma busca constante por algo que lhe suprisse o espírito. O termo convidativo que pode significar ação, referência, modo de ser, derivando-se do verbo convidar e indica uma relação com aquele que os vê, que se transformaria em objeto da ação. Sofia convida para o nada, não oferece nada a quem nada representa.

Tendo em vista o poder que exalam através do olhar, nas duas personagens femininas de Machado de Assis, entendemos que o corpo humano, especificamente, o corpo feminino é sempre objeto de representação simbólica de valores e atributos, que contribuem para a construção de processos identitários dos sujeitos, constituindo-os em sua posição sócio-histórica.

Nesse viés, é possível notar traços em comum na personalidade de Capitu e Sofia, haja vista que ambas são descritas como mulheres fortes, independentes, destemidas, cientes do que almejavam. Ademais, uma vez que a representação na literatura de uma “nova mulher”, mais “independente” e “poderosa”, rompe com a ideia já materializada no imaginário social de que o poder pertence ao homem e desloca essa possibilidade do lugar da mulher atual, que, por sua vez, ocupa espaços dentro e fora de casa, na literatura elas atuam no público e no privado, significando. Desse modo, podemos dizer a relação língua, sujeito e história, sinaliza para a multiplicidade de sentidos, num movimento da memória, atualizando-os, na medida em que rompe com aquilo que, pela repetição já havia se tornado uma materialidade no imaginário social.

3.2 Capitu e Sofia: século XIX ou século XXI?

Capitu e Sofia são duas mulheres machadianas, que apresentaram atitudes únicas, dentro dos contextos em que estavam inseridas. Haja vista que foram contadas pelos narradores machadianos, em uma visão masculina sobre o feminino. Ambas cumpriram diversas funções e, por mais que silenciadas por seus narradores, assumiram orgulhosamente a condição de mulheres e se afirmam como sujeitos de seus discursos, i.e., mesmo nas situações mais hostis, souberam decidir por si mesmas e, com determinação e audácia, souberam assumir o que consideravam seu direito, mostrando uma clara intenção de que não queriam mais viver sob a proteção de seus maridos, mas viver aquilo que acreditavam.

Ressaltamos que essas figuras femininas são mulheres distintas em seus espaços sociais, onde foi dado ao homem o poder de decisão, de vontade e, especialmente, o poder de palavra e por essa razão, Capitu e Sofia, cada qual com sua especificidade, mostraram-se marcantes, pois conseguiram romper os laços de quem as dominava e, principalmente, tornaram-se sujeitos de seus próprios discursos, demonstrando com gestos e expressões a capacidade de decidir, desafiar e transgredir as regras impostas pela sociedade patriarcal.

Machado de Assis, ao criar e personalidade Capitu, traz, sutilmente, o tema da inserção da mulher na sociedade, desde sua infância, seus conflitos, a exclusão de sua autonomia e a exclusão por sua liberdade. Uma vez que Capitu não endossa o papel de uma mulher reclusa, ela, portanto, ousa. No romance, Capitu ousou em se permitir ser sagaz, ágil, bela e sensual; tais atributos deixaram Bentinho desconcertado, admitindo que: “Capitu era Capitu, isto é, uma criatura mui particular, mais mulher do que eu era homem” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 30). Para o narrador, ela era como um pássaro que saía da gaiola, que

almejava integrar-se à sociedade e que, espontaneamente, chamava a atenção. Uma proverbial “menina mulher” que não se prendeu às limitações convencionais, essas que ditavam o destino das mulheres:

O estereótipo de Capitu como mulher independente e ativa diante dos códigos sociais de sua época planifica a personagem a ponto de esperarem dela as atitudes que de fato toma. Capitu torna-se mais complexa, no entanto, se comparada a Bentinho e ao seu ‘alter ego’ narrador, Dom Casmurro, transcende a figura da mulher moderna: passamos a torcer por ela, mesmo sem saber direito o que ela fez ou não. (SANTIAGO *et al.*, 2010, p. 5)

Em sua personalidade forte e atraente – transbordante de curiosidades, angústias, deseje aflições – a figura de Capitu é, por excelência, uma questionadora, não se permitindo permanecer no silêncio opressor que muitas mulheres se submetiam, queria saber mais do mundo, tinha sede de aprender.

Quando jovem, era leitora em um tempo em que o hábito da leitura não correspondia, diretamente, ao interesse a escolaridade para as mulheres. Pouquíssimas frequentavam a escola com o intuito de aprender o letramento, concomitante aos saberes impostos pelo contextos: afazeres domésticos e maternos. Capitu, diferentemente, se destacava e surpreendia o narrador.

O que servia de conforto para muitas mulheres dessa época, para Capitu era desconfortante. Para ela, ler e escrever não era suficiente, pois havia curiosidades internas, em superar os conflitos e se perceber capacitada. O que nos leva a crer que, também, é uma mulher do século XXI. Desejando saber um pouco de tudo, não pretendeu aprender fazer rendas na escola, mas aprender latim. De que modo, portanto, aprender latim seria relevante para o argumento da pesquisa? Para Capitu, não havia sentido nessa interdição, receber negativas não significava uma barreira. Dessa forma, ainda que sutilmente, ela se mostra resistente à carga patriarcal:

As curiosidades de Capitu dão para um capítulo. Eram de vária espécie, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lhe ensinasse. Se não estudou latim com o Padre Cabral foi porque o padre, depois de lhe propor gracejando, acabou dizendo que latim não era língua de meninas. Capitu confessou-me um dia que esta razão acendeu nela o desejo de o saber. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 30)

No século XIX, as mulheres não tinham autonomia para ir além dos parâmetros restritos que a sociedade costumava lhes atribuir. Por essa razão e pela determinação

em conquistar o que desejava, Capitu, na adolescência, era vista de maneira equivocada. Não só ela, mas quaisquer mulheres da realidade, que não iam de acordo com esses costumes.

A Prima Justina, personagem agregada aos Santiago, considerava Capitu maliciosa, apesar dos elogios que fazia à moça. José Dias, também agregado à família, fazia críticas constantes à personalidade de Capitu e acreditava que ela agradava por puro interesse. Os comentários do agregado sobre a moça evidenciam a maledicência sobre mulheres que não se encaixavam no padrão esperado pelo patriarcado: “Capitu, apesar daqueles olhos que o diabo lhe deu... Você já reparou nos olhos dela? São assim de cigana oblíqua e dissimulada. Pois, apesar deles, poderia passar se não fosse a vaidade e a adulação.” (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 24).

Desse modo, Capitu, sendo dona de si, contrariava os costumes da época e, apesar de ser uma moça pobre, escolheu se casar por amor com um rapaz de condição diferente da dela, de família abastada. Ela se opõe, portanto, aos casamentos geralmente arranjados, o que evidencia a resistência por parte da figura feminina. Assim, vemos a mulher sendo representada por Machado, o casamento arranjado e o julgamento por suas escolhas individuais. Não obstante, Machado nos mostra, cruamente, a influência de fatores externos, de escolhas que não são próprias, que moldam a forma com que as mulheres vêm reproduzindo esses comportamentos enraizados numa sociedade burguesa e com ranço patriarcal.

Ainda que filtrada pela narrativa de Bentinho, a ação de Capitu – que tanto desgosta o ciumento marido – permite aos leitores certa compreensão do protagonismo feminino na sociedade do século XIX. A personalidade de Capitu chega a nós, apenas, por meio de conceitos tendenciosos de Bentinho, que tentava difamar sua imagem, pois tudo para ele tornara-se motivo de desconfiança, procurando sempre maldade na conduta da esposa.

Bentinho manipula a história e cria para si ilusões e convicções. Ele desconfia da integridade da mulher e isto é evidente quando colocado em questão a sua visão distorcida de uma realidade em que sua masculinidade é atingida. Embora o astucioso narrador queira ocultar e mesmo distorcer os fatos, as páginas de DC falam muito sobre a fragilidade masculina:

Venho explicar-te que tive tais ciúmes pelo que podia estar na cabeça de minhamulher, não fora ou acima dela. É sabido que as distrações de uma pessoa podem ser culpadas, metade culpadas, um terço, um quinto, um décimo de culpadas, pôr em matéria de culpa a graduação é infinita. (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 98)

Ademais, o romance traz inúmeros episódios em que Bentinho se mostra controlador e abusivo com a esposa, tentando legitimar tais atitudes no comportamento de

Capitu, que contrariava a construção social da mulher submissa e recatada. Depois da morte de Escobar, a partir de um comentário de Capitu sobre os olhos de Ezequiel, Bentinho começa a enxergar semelhanças entre o filho e o amigo. Capitu, que sempre buscou por liberdade, age naturalmente, não vê maldade ou margem para que Bentinho desconfiasse de algo. Capitu se surpreende quando, de forma maldosa, o marido acusa a esposa de perfídia. Ela se revela perplexa no trecho:

O quê? – perguntou ela como se ouvira mal.

Que não é meu filho.

Grande foi a estupefação de Capitu, e não menor a indignação que lhe sucedeu, tão naturais ambas que fariam duvidar as primeiras testemunhas de vista do nosso foro.

Só se pode explicar tal injúria pela convicção sincera; entretanto, você, que era tão cioso dos menores gestos, nunca revelou a menor sombra de desconfiança. Que é que lhe deu tal ideia? Diga- continuou vendo que eu não respondia nada-, diga tudo; depois do que ouvi, posso ouvir o resto, não pode ser muito. Que é que lhe deu agora tal convicção? Ande Bentinho, fale! Fale! Despeça-me daqui, mas diga tudo primeiro.

Há coisas que não se dizem.

Que se não dizem só metade; mas, já que disse metade, diga tudo.

Tinha-se sentado numa cadeira ao pé da mesa. Podia estar um tanto confusa, o porte não era de acusada. Pedi-lhe ainda uma vez que não teimasse.

Não, Bentinho, ou conte o resto, para que eu me defenda, se você acha que tenho defesa, ou peço-lhe desde já a nossa separação: não posso mais! (MACHADO DE ASSIS, 1994a, p. 121)

Capitu se mantém em silêncio diante das acusações do marido, que resolve se afastar dela e do filho, exilado. Após a morte da mulher e do filho, Bentinho passa a refletir a respeito da personalidade da esposa, deixando escapar, das linhas que redige, a figura de um homem egoísta e frágil, inseguro, que não soube lidar com a complexidade de uma mulher independente e dona de si. Bentinho finge admitir que a malícia pudesse estar presente apenas nos olhos dele. O triste desfecho da narrativa deixa aspectos intrigantes, pois Bentinho acusa Capitu de traição sem querer existir a possibilidade de defesa por parte dela. Só ela e Escobar poderiam dizer o que houve entre eles. Contudo, o amigo de Escobar também está morto.

Capitu, para além de um nome fascinante, representa uma mulher atemporal, livre, inteligente, perspicaz e sensual. Resistente aos padrões e costumes sociais do século XIX, mesmo existindo em um contexto machista, opressor e enfrentando adversidades da lógica patriarcal. Capitu luta por seu amor de todas as formas, mas sofre e é condenada pela desconfiança. É uma figura que foi eternizada na literatura, cheia de nuances e sensibilidades.

A Capitu leva, até mesmo, a mulher contemporânea a questionamentos sobre sua vida, seus comportamentos, suas carências e se vale a pena aniquilar-se por alguém, seja ele(a) quem for. Há, em Capitu, a constante busca interior, o inconformismo, mas que acaba indo ao encontro de um parceiro, mesmo que isso signifique anular-se e ser abandonada em seu

relacionamento. Capitu representa resistência e luta em um século em que esses temas eram escassos.

3.3 O contexto educacional da mulher do século XXI

Tendo em vista os apontamentos tecidos até esse momento, passamos ao debate acerca da mulher situado no século XXI e, em específico, no contexto da educação. Dessa forma, esperamos ser possível endereçar o objetivo de “estabelecer aproximações e distanciamentos entre duas figuras machadianas e a mulher contemporânea no contexto da educação”, tal como apresentado na Introdução. Para isso, retomamos o papel da BNCC (BRASIL, 2018), pois ela é o documento, de abrangência nacional, que permeia, justamente, o contexto sobre o qual nos debruçamos. Em outras palavras, consideramos que a BNCC é responsável por guiar, de forma conceitual e pedagógica, os objetivos, capacidades e aspectos de organização das disciplinas escolares que compõem o sistema educacional no Brasil; entre elas, a literatura e seus elementos narrativos. Portanto, a BNCC permite que façamos reflexões acerca do papel da literatura, do ensino de literatura e do caminho para o ensino superior como fios condutores no desenvolvimento de criticidade necessária para, sobretudo, avaliar o contexto educacional da mulher no século XXI com vista à igualdade de gênero.

De forma geral, os documentos orientadores para educação, como a BNCC e seus antecessores, destacam o valor da literatura como um meio de promover o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade e da consciência cultural nos estudantes. Ademais, eles enfatizam a importância da leitura e da análise de textos literários como uma forma de enriquecer os vocabulários dos alunos, melhorando suas habilidades de escrita e estimulando sua imaginação e empatia. De acordo com a BNCC, a literatura deve ser ensinada como disciplina por direito próprio, assim como integrada em outras áreas do currículo. Ipiranga (2020) se debruça na análise da relação entre ensino, leitor, escola e literatura e, pontualmente, sintetiza:

O que se verifica, na análise das habilidades e competências do campo artístico-literário, é uma mudança na compreensão da própria literatura na escola e das funções de professor e de aluno. O primeiro passa a mediador, e o segundo, a protagonista no processo. Quanto ao conteúdo, ele, por si só, não corresponde a uma vivência plena do estudado, uma vez que se trata de uma abstração de experiências já concretizadas em boa parte no passado. Para que se traga para a sala um caráter vivencial e ativo do conteúdo, deverá haver uma integração com projetos, nos quais o aluno saia da condição de espectador/leitor e transforme-se em protagonista/escritor, ponto essencial da BNCC. Os projetos educacionais ganham vez nessa disposição e deverão ser organizados em função da dinamicidade entre as disciplinas a partir de núcleos significativos que podem ser compreendidos em várias dimensões: política, sociológica, econômica, literária e histórica. Os papéis de professor, aluno e escola acabam sendo mais espaços interativos, ou seja, o imperativo não é o conhecimento específico da literatura, mas a formação de uma **comunidade de leitores**. (IPIRANGA, 2020, p. 111-2, grifos do autor)

A noção de “comunidade de leitores” corrobora o objetivo de “dar lugar à sua dimensão humanizadora, transformadora e mobilizadora” indicada pela BNCC, para o ensino de literatura (BRASIL, 2018, p 138). Ademais, coaduna com os objetivos, ora aventados no documento:

Compreender os processos identitários, conflitos e relações de poder que permeiam as práticas sociais de linguagem, respeitando as diversidades e a pluralidade de ideias e posições, e atuar socialmente com base em princípios e **valores assentados na democracia, na igualdade e nos Direitos Humanos, exercitando o autoconhecimento, a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, e combatendo preconceitos de qualquer natureza** (BRASIL, 2018, p. 481, grifo nosso).

Tendo em vista os “valores” descritos pela BNCC, refletimos sobre suas influências e reverberações no desenvolvimento do pensamento crítico acerca da mulher contemporânea inserida no contexto escolar. Sobretudo, consideramos que o desenvolvimento do pensamento crítico através da literatura pode desempenhar um papel significativo na abordagem das questões de desigualdade de gênero, promovendo maior consciência, empatia e compreensão de diferentes perspectivas e experiências. Ao ler e analisar textos literários, como são as obras DC e QB, os estudantes e professores são convidados a ampliar suas perspectivas e desafiar estereótipos e preconceitos de gênero. Esse exercício possibilita aprender a questionar o *status quo* e a pensar criticamente sobre normas sociais e culturais. Este tipo de educação pode ajudar a promover uma sociedade mais inclusiva e igualitária, na qual os indivíduos são valorizados por suas qualidades e contribuições únicas, independentemente do gênero.

Além disso, o estudo da literatura pode proporcionar um espaço seguro e não ameaçador para que os estudantes e professores explorem e reflitam sobre suas próprias experiências e crenças, assim como as de outrem. Isto pode ajudar a construir uma comunidade – especialmente, uma **comunidade de leitores** (IPIRANGA, 2020, p. 112) – mais empática e respeitosa, e promover uma maior compreensão e aceitação da diversidade, como denota a própria BNCC (BRASIL, 2018). Sobretudo, advogamos que o desenvolvimento do pensamento crítico através da literatura desempenha um papel importante no enfrentamento de questões de desigualdade de gênero, promovendo maior consciência, compreensão, com vistas a uma sociedade que, cada vez mais intensamente, se distancia dos preconceitos e limitações impostos pela sociedade patriarcal do século XIX – tal como representada nos conflitos das figuras femininas de Capitu e Sofia em Machado de Assis (1994a; 1994b).

A educação da mulher passou por mudanças e melhorias significativas nos últimos dois séculos. Com base nas análises tecidas anteriormente sobre Capitu e Sofia, faz-se

possível pontuais exemplos de transformações significativas no que concerne à educação da mulher nos séculos XIX e XXI: Se por um lado, parece plausível apontar que no século XIX o acesso das mulheres à educação, aos poucos, se ampliava. Entretanto, ele era limitado em comparação com o dos homens. À época, foram criadas escolas e faculdades para meninas, e algumas mulheres puderam frequentar a universidade (WESTIN, 2020). Por outro lado, como nos lembra Louro (1997), essa educação disponível para as mulheres era usualmente limitada em disciplinas como literatura, história e ciências domésticas, com pouca ou nenhuma ênfase em matemática e ciência, consideradas masculinas. Ademais, tal como as figuras femininas machadianas representaram, as mulheres enfrentaram uma discriminação significativa baseada no gênero no século XIX, e foram frequentemente excluídas de certas oportunidades educacionais e de carreira com base em seu gênero.

No século XXI, por sua vez, é possível contabilizar grandes diferenças, tal como a garantia ao acesso universal à educação. Contemporaneamente, com exceção de países em que regimes ditatoriais tipicamente inclinados às ideologias conservadoras e fascistas, meninas e mulheres têm garantia de acesso universal à educação e podem frequentar a escola e a universidade ao lado de meninos e homens⁴ (UNESCO, 2020). Ademais, diferente do século XIX, o direito universal à educação garante, igualmente, acesso à ampla gama de disciplinas e opções de carreira, incluindo matemática, ciência, tecnologia, engenharia, dentre outras, que compõem a BNCC, como é o caso do sistema educacional brasileiro. Como afirma Trezzi (2022):

De fato, a nossa legislação é poderosa no que se refere aos direitos sociais, dentre os quais se destaca o direito à Educação. A partir da última Carta Magna, outras leis foram incorporadas, ratificando esse direito, como o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8069/90) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) e, recentemente, os Planos Nacionais de Educação 2000-2010 (Lei nº 10.172/01) e 2014-2024 (Lei nº 13.005/14). Apesar de todo o aparato legal, seguimos, sem considerar o problema da pandemia de Covid-19, com cerca de um milhão de crianças e adolescentes em idade escolar fora da escola (ANUÁRIO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO BÁSICA, 2021). Vale ressaltar que esse índice vem sendo reduzido, gradualmente, nos últimos anos. O censo escolar de 2015 apontava cerca de 3 milhões de crianças e de adolescentes entre 4 e 17 anos fora da escola. (TREZZI, 2022, p. 947)

⁴ Nos últimos 25 anos, houve um aumento significativo no número de meninas matriculadas na educação primária e secundária. Em 2018, o número de meninas e meninos matriculados era igual, enquanto em 1995 havia cerca de 90 meninas para cada 100 meninos. Isso foi impulsionado pelo aumento na Índia e na Ásia do Sul. A matrícula de meninas na educação terciária também triplicou. No entanto, ainda há disparidade de gênero em 74% dos países com dados disponíveis. De 56% em 1995, a porcentagem de países com paridade de gênero na educação aumentou para 65% no ensino primário, 51% no 1º nível secundário e 24% no 2º nível secundário. As taxas de conclusão do ensino primário aumentaram mais rapidamente para meninas do que para meninos em 56 países com dados disponíveis e em um terço dos 86 países com dados disponíveis, as meninas tinham maiores chances de concluir o ensino primário (UNESCO, 2020, p. 1-2).

Destacamos que o século XXI pode ser considerado cenário de esforços para combater a desigualdade entre os sexos⁵. Como indica a BNCC (BRASIL, 2018), há valores que mencionam esforços contínuos para abordar a desigualdade de gênero na educação e no local de trabalho, incluindo iniciativas destinadas a aumentar a representação das mulheres em campos dominados por homens e promover a igualdade de gênero na educação e no emprego.

Muito embora esses exemplos demonstram haver progressos na educação das mulheres nos últimos dois séculos, ainda há trabalho a ser feito para alcançar a plena igualdade. Sobretudo, as melhorias na educação das mulheres nos últimos dois séculos ajudaram meninas e mulheres, alunas e professoras, a terem maiores oportunidades e um futuro mais brilhante.

Não obstante, nos últimos dois séculos, há relevantes exemplos de educadoras brasileiras: Nísia Floresta (1810 – 1885) viveu em uma época em que as mulheres não tinham acesso à educação; ainda assim, foi educadora, escritora, feminista e abolicionista; fundou uma escola para meninas no Rio de Janeiro e reivindicou que as mulheres tivessem acesso às mesmas oportunidades que os homens. Anália Franco – educadora, escritora e poetisa – viveu no período de transição do Império para a República no Brasil; ela ensinou e criou mais de 100 instituições de ensino, incluindo escolas, asilos, creches, liceus femininos e bibliotecas. Nise da Silveira (1905 – 1999) foi uma das primeiras mulheres a se formar em medicina no Brasil. Maria Victoria Benevides – educadora, socióloga, cientista política e militante – é uma referência em educação para os direitos humanos e democracia e que, durante o Ato Institucional nº 5, estudou numa universidade pública e discutiu abertamente sobre política e democracia. Macaé Evaristo representante da luta pela “educação integral” atenta à diversidade brasileira: “Para ela, a educação só consegue avançar em termos de inclusão e qualidade quando é capaz de entender e atender sujeitos na sua integralidade, acolhendo comunidades e territórios” (6 EDUCADORAS..., 2019).

Em especial, é importante ressaltar Magda Soares, grande nome na Pedagogia e integra minha própria base de formação. Desde as primeiras disciplinas, em meu percurso acadêmico, lemos sobre os métodos de alfabetização definidos por Magda Soares. No Brasil, ela é reconhecida como uma das maiores especialistas em letramento do Brasil. A educadora

⁵ A primeira grande lei educacional do Brasil de 1827 determinou que meninos e meninas estudassem separados e tivessem currículos diferentes, com as meninas tendo acesso a um currículo limitado em comparação aos meninos. Senadores, à época, discutiram a proposta antes de ser aprovada e alguns defendiam que as meninas não deveriam ter acesso a muito conhecimento, argumentando que elas não tinham capacidade intelectual para compreender matérias mais avançadas e que o papel das mulheres era o de cuidar da casa e do marido. Essas opiniões refletem a sociedade machista e preconceituosa da época (WESTIN, 2020).

Magda Soares faleceu aos 90 anos, em 1º de janeiro de 2023, deixando às mulheres educadoras e professores no século XXI um impactante legado para o campo de conhecimento da Educação.

A partir dessas reflexões, retomo aspectos de meu próprio percurso acadêmico, em que destaquei a maneira como “Dom Casmurro” e a figura feminina em *Capitu* me influenciaram, culminando em um projeto de pesquisa sobre as representações de mulheres na literatura. No memorial tecido na introdução dessa dissertação, revelo a motivação em investigar essa temática, com vistas a mudar a percepção sobre as mulheres, ora apenas responsáveis pelas tarefas domésticas e cuidados com a família – um exemplo vivenciado por mim como mulher e observado criticamente como pesquisadora. Reflito sobre as personagens femininas do século XIX, *Capitu* e *Sofia*, e suas singularidades, problemas, lutas e conquistas, reconhecendo, infelizmente, haver discursos naturalizados e machistas na sociedade do século XXI.

Os aspectos patriarcais na sociedade brasileira moldaram a estrutura familiar nuclear no Brasil, promovendo o domínio e a autoridade masculina dentro da família. O modelo tradicional da família brasileira é patriarcal, tendo o homem como chefe de família e o responsável pela tomada de decisões. As mulheres foram relegadas aos papéis de esposa e mãe, com autonomia limitada e oportunidades de educação e trabalho fora de casa. Esta estrutura patriarcal foi reforçada por normas culturais e legais, assim como pela Igreja Católica. Com o tempo, mudanças na sociedade brasileira, como a urbanização, a industrialização, movimentos pelos direitos da mulher e acesso universal à educação, desafiaram essa estrutura nuclear da família, entretanto ela permanece profundamente enraizada na cultura brasileira e continua a moldar as relações e expectativas sobre a mulher no século XXI.

Desse modo, tal como a experiência pessoal que relatei em memorial, o acesso ao ensino de literatura e ao ensino superior representam vias para melhorias na vida das mulheres, pois são espaços de reflexão crítica sobre a estrutura familiar nuclear e são momentos de contato com a alteridade, como foi com as figuras femininas de *Capitu* e *Sofia* – que despertam reflexões sobre a influência da ideologia patriarcal na vida da mulher nos últimos dois séculos.

Dessa forma, consideramos que o acesso à educação, em especial à literatura, e ao ensino superior podem levar a melhores perspectivas de autonomia, o que pode representar independência financeira e poder de barganha dentro da família nuclear. As figuras femininas do século XIX, como são os casos em *DC* e *QB*, precisam desafiar os papéis tradicionais de gênero para participar dos processos de tomada de decisão dentro de suas famílias naquele contexto. O acesso à educação, básica e superior, garantidas no século XXI, proporciona às

mulheres conviver em novas redes sociais e comunidades, possibilitando formar novos relacionamentos, ganhar novas perspectivas e encontrar apoio para suas metas e aspirações.

Igualmente, é importante destacar que o acesso universal à educação proporciona o senso de autoestima e empoderamento, fortalecendo as mulheres ao desafiar atitudes e comportamentos patriarcais. Ademais, por estarem mais propensas a assumir papéis de liderança em suas comunidades, profissões e governos, as mulheres em contexto educacional no século XXI podem ajudar a criar uma sociedade mais igualitária em termos de gênero. Quebrar barreiras do patriarcado, possuir mais controle sobre suas vidas e construir relacionamentos igualitários dentro de suas famílias representam ações e aspirações que, paulatinamente, se tornam realidade ao longo de dois séculos.

Em síntese, como educadoras contemporâneas no Brasil, estamos comprometidas em promover a igualdade de gênero e justiça social, e trabalhamos para desafiar normas patriarcais e estereótipos na sociedade. Sobretudo, a mulher do contexto educacional no século XXI valoriza a inclusão, diversidade e colaboração e incentiva seus alunos a desenvolverem suas habilidades de pensamento crítico, ao mesmo tempo em que promove um ambiente de aprendizagem seguro e de apoio. Ela também integra uma perspectiva feminista em seu ensino, destacando as contribuições de mulheres e grupos marginalizados para vários assuntos, e abordando questões como violência baseada em gênero, direitos reprodutivos e remuneração desigual.

(IN)CONCLUSÕES

Examinando as duas obras, elaboradas e narradas por Machado de Assis, deparamo-nos com o questionamento: como as mulheres eram representadas no século XIX? Constatamos que as personagens seguem algumas das expectativas sociais à época; todavia, destaca-se o porquê delas irem além, transgredindo valores morais da época.

Ressalta-se que a escolha pelas personagens Capitu e Sofia se estabelece pela metáfora que o autor usou para garantir lugar de fala. A primeira é marcada pelos olhos de ressaca e a segunda pelos ombros de cera. Características que elas faziam uso para articular e expressar seus desejos, uma vez que, genericamente, eram figuradas sem vez e voz. Nesse sentido, tem-se a literatura respondendo à realidade através de personagens que exerceram grande relevância para entendermos como as mulheres viviam no século XIX.

Vemos, nos dois romances, a sociedade patriarcal sendo apresentada, que, inevitavelmente, reserva à mulher o lugar da sombra silenciosa ou mero acessório ao marido. As duas figuras femininas machadianas foram entendidas como transgressoras. Desse modo, sendo tolhidas de seu lugar de fala, naquela sociedade, elas se comunicam pelo olhar, ombros e gestos ligeiros descritos em determinadas situações.

Esse aspecto é evidente em DC e QB através da imposição da figura do autor-narrador, que detém a palavra e impõe seu ponto de vista. Razão pela qual, é importante ressaltar que o leitor estabeleça uma relação de desconfiança ao adentrar às obras e ler as personagens, recriando em sua imaginação, mantendo uma relação saudável de desconfiança, reelaborando e refazendo a trama diferentemente. Assim como fizemos nesse estudo, enxergando as personagens como transgressoras de seus tempos, exprimem o querer existir livremente de acordo com o que acreditam e vão em busca do que desejam, por mais que vivam em uma sociedade patriarcal.

Embora homem, Machado de Assis escrevia sobre mulheres e para mulheres. Tanto amores quanto desilusões no contexto feminino eram temas sucessivos, inclusive o adultério ou dúvidas a esse respeito, que naquela época consistia em um tema reprimido, tanto na literatura quanto na sociedade.

Machado de Assis problematizou o que concerne ao universo feminino e, apesar de representar figuras femininas sob o código da submissão, a representação convivia com uma dualidade na luta pela transformação, pois deixam em seus pontos vistas marcantes as vozes implícitas das mulheres que buscavam liberdade e direitos, em um contexto conservador.

Com inteligência e sensualidade, Capitu e Sofia, a literatura machadiana se revela como produto da observação da realidade transformada em arte, pelas marcas e impressões de ideologias sociais no comportamento atual da sociedade. Ambas assumem o protagonismo de sua sorte ao satisfazer suas próprias vontades, independentemente dos imperativos sociais que deveriam orientar o seu comportamento social de mulher, tida como “exemplar”.

Em vista desse entendimento, não apenas interpretamos as obras literárias aqui mencionadas, mas trabalhamos com seus limites e incompletudes, como objetos simbólicos de duas figuras femininas atemporais, em discursos deslizantes. No deslocamento dos sentidos, os corpos sensualizados de Capitu e Sofia são “incorporados” de subjetividades em um protagonismo feminino e suas vestes são “revestidas” de imagens atravessadas pelo desejo de despir-se do corpo preso aos deveres sociais em busca de uma alma livre.

Nas análises, em entrelinhas do discurso machadiano, nas obras DC e QB, o autor chama a atenção para um perfil feminino, representado por mulheres inteligentes, marcantes e intensas, mesmo com retaliações sociais das amarras convencionais, no sentido de provocar leitoras reflexivas para a possibilidade de liberdade em pensamentos, posicionamentos e ações.

Com um giro no olhar, em que ocorrem as transformações da cultura e as mudanças nas ideias, por meio das tensões e contradições que se estabelecem em diferentes épocas, tempos e sociedades, o estudo propôs uma reflexão interdisciplinar, com um olhar historicamente para a trajetória das mulheres, na reflexão sobre fatores pertinentes à contemporaneidade do papel feminino no contexto educacional. A educação e o ensino da literatura representam formas de engajamento no desenvolvimento profissional contínuo e na aprendizagem ao longo da vida, tendo em vista as tendências atuais e melhores práticas na educação, particularmente, aquelas relacionadas à pedagogia feminista.

De modo a delinear, portanto, o que compreendemos ser a mulher no século XXI, alguns aspectos-chave podem ser pontuados: Primeiro, ela tem um forte compromisso com a igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas. Ela trabalha para desafiar as estruturas e sistemas patriarcais que limitam as oportunidades e os direitos das mulheres. Isto poderia envolver, no contexto da educação, a incorporação de materiais didáticos sensíveis ao gênero e a promoção de práticas de ensino inclusivas em suas salas de aula. Em segundo lugar, ela dá prioridade às experiências e perspectivas das comunidades marginalizadas, incluindo as mulheres de cor e as mulheres de baixa renda. Ela reconhece as

interseções de gênero com outras formas de opressão e trabalharia para aumentar a conscientização destas questões entre seus alunos.

Em terceiro lugar, como educadora, ela encoraja o pensamento crítico e o pensamento independente em seus alunos, fornecendo-lhes as ferramentas e habilidades necessárias para analisar e desafiar as narrativas dominantes e as estruturas de poder. Isto pode envolver a incorporação de discussões de teorias críticas em suas aulas que facilitem um diálogo aberto e respeitoso entre os estudantes. Em quarto lugar, ela trabalha para promover um ambiente de aprendizagem seguro e de apoio para todos os estudantes, incluindo aqueles que identifiquem situações assédio ou discriminação com base em seu gênero, orientação sexual ou outras características. Isto pode envolver a criação de espaços seguros para os estudantes expressarem suas opiniões e experiências e trabalhar para abordar quaisquer incidentes de assédio ou discriminação que possam surgir.

Em conclusão, uma mulher educadora contemporânea no Brasil é uma forte defensora da igualdade de gênero e do empoderamento de mulheres, prioriza as experiências de comunidades marginalizadas, encoraja o pensamento crítico e promoveria um ambiente de aprendizagem seguro e de apoio.

Ao questionarmos os elementos da narrativa literária em DC e QB e nas duas figuras femininas machadianas Capitu e Sofia, estabelecemos aproximações e distanciamentos com a mulher contemporânea no contexto da educação através, principalmente, do papel fundamental que o ensino de literatura possui para o desenvolvimento de movimentos igualitários e do pensamento crítico acerca das mulheres nesse espaço. Compreendemos que os elementos da narrativa literária nos permitem encarar e reavaliar os avanços e novas rotas no percurso de enfrentamento ao patriarcado e suas influências na vida de mulheres, alunas e educadoras. Sobretudo, ao contextualizar o tempo histórico em DC e QB e ao analisar as figuras femininas, contextualizamos a cultura brasileira do século XIX, especialmente, no que concerne às restrições nas escolhas feitas por mulheres e evidenciamos como a sociedade, em torno delas, pressionava seus comportamentos – que deveriam se limitar ao que era esperado para as mulheres.

Com essas reflexões, foi possível, por fim, tecer aproximações e distanciamentos entre essas figuras machadianas e a mulher contemporânea no contexto da educação seguindo o fio condutor da educação como elemento-chave. Finalmente, consideramos que o percurso da dissertação, permeado pela educação, pela literatura e pelo ensino de literatura, revela a (in)conclusão, pois evidenciou a necessidade de continuar a

discussão sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, não só no contexto educacional, como em todos os outros.

REFERÊNCIAS

- 6 EDUCADORAS brasileiras que você precisa conhecer. **Porvir: Inovações em Educação**. 8 mar. 2019. Disponível em: <https://porvir.org/6-educadoras-brasileiras-que-voce-precisa-conhecer/>. Acesso em: 9 fev. 2023
- ABL, Academia Brasileira de Letras. **Espaço Machado de Assis**. Rio de Janeiro, 2011. Disponível em: www.machadodeassis.org.br. Acesso em: 9 fev. 2023
- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Almedina: Coimbra, 1988.
- ALBANO, Paula Lorena Cavalcante; STAMATTO, Maria Inês S. A história ensinada e as aulas régias na capitania do Rio Grande (1808 – 1821). **Mneme – Revista de Humanidades**. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em: http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pdf_st1/paula_albano_st1.pdf.>. Acesso em 22 nov. 2022.
- ANDRÉ, Marli Elisa Dalmazio Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2005.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BLACK, Max. **Models and metaphor**. Ithaca, New York: Cornell Dami Press, 1966.
- BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: O enigma do olhar**. São Paulo: Editora Ática, 1999a.
- BRANCO, Lúcia Castello. **O que é escrita feminina**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CABRAL, Dilma. **Academia Real Militar**. 23 jun. 2020. Disponível em: <http://mapa.an.gov.br/index.php/dicionario-periodo-colonial/126-academia-real-militar>. Acesso em: 21 fev. 2023.
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis (1968). *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Duas cidades, 1977, p. 28-32.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. Estudos de Teoria e História Literária. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CARDOSO, Tereza Fachada Levy. A construção da escola pública no Rio de Janeiro imperial. **Revista brasileira de história da educação**. [S.l.], n. 5. 2003.
- CARDOSO, Tereza Fachada Levy. As aulas régias no Brasil. *In*: STEPHONOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e memórias da educação no Brasil: Vol. I. Séculos XVI – XVIII**, 2004, p.179-191
- CASTANHO, Sérgio. **Educação e trabalho no Brasil colônia**. Disponível em: <https://goo.gl/8Qo1Ki>. Acesso em: 10 junho de 2021.

CASTELLO, José Aderaldo. **Realidade e Ilusão em Machado de Assis**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1969.

CASTELLO, José Aderaldo. Viajante Interior. *In: Biblioteca Entrelivros*: edição especial Machado de Assis. São Paulo: Duetto, 2008.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

CESAR, Ana Cristina. Literatura e Mulher: essa palavra de luxo. *In: CESAR, Ana Cristina. Crítica e tradução*. São Paulo: Ática, 1999. p. 224-232.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

COSTA, Carlos Roberto. A Mulher e a ilustração entram na Redação: 1850 a 1865. *In: A Revista no Brasil no século XIX – A história da formação das publicações do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.

D'INCAO, Maria Angela. Mulher e Família Burguesa. *In: DEL PRIORE, M. (org.) e PINSKY, C. B. (coord.) História das Mulheres no Brasil*. 10ª Ed., São Paulo: Contexto, 2011.

DUARTE, Constância Lima. Literatura e Feminismo no Brasil: primeiros apontamentos. *In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.) Mulheres no Mundo etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia/Editora Universitária, 2005.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura**: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FACHIN, Odilia. **Fundamentos de metodologia**. 5.ed (rev.) SP: Saraiva, 2006.

FACIOLI, Valentim. Amor e Bruxaria. *In: Biblioteca Entrelivros*: edição especial Machado de Assis. São Paulo: Duetto, 2008.

FACIOLI, Valentim. Várias histórias para um homem célebre. *In: BOSI, Alfredo et al. Machado de Assis*. São Paulo: Ática, 1982.

FALCON, Francisco José Calazans. **A época pombalina**: política econômica e monarquia ilustrada. São Paulo: Ática, 1982.

FAORO, Raymundo. **Machado de Assis**: a pirâmide e o trapézio. São Paulo: Globo, 2001.

FERNANDES, Liomar Vanderlan. **A migração poética: as metáforas do mito de Lilith em composições de Rita Lee**. 2010. 128 p. Dissertação (mestrado) em Ciências da Linguagem — Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2010. Disponível em: <https://docplayer.com.br/84049272-Universidade-do-sul-de-santa-catarina-liomar-vanderlan-fernandes-a-migracao-poetica-as-metaforas-do-mito-de-lilith-em-composicoes-de-rita-lee.html>. Acesso em: 22 fev. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed/Bookman, 2009.

FREITAS, Luiz Alberto Pinheiro de. **Freud e Machado de Assis: uma intersecção entre psicanálise e literatura**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2006.

GÊNESIS. Português. *In*: **Bíblia**. (online). Disponível em: <https://www.bibliaonline.com.br/acf/gn/1>. Acesso em: 21 jan. 2023

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Atlas, São Paulo, 2002.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Atlas, São Paulo, 2008.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: ficção e história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GLEDSON, John. **Machado de Assis: impostura e realismo. Uma reinterpretação de Dom Casmurro**. Tradução de Fernando Py. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

GODOY, Gislaine Aparecida Valadares de. **Princípios educativos para mulheres dos séculos XVIII e XIX: contribuições da marquesa de Alorna**. 2018. Tese (Doutorado) — Universidade Estadual de Maringá - Doutorado em Educação, Maringá, 2018.

GODOY, G. A. V.; COSTA, C. J. As representações do feminino no período compreendido entre os séculos XVII ao XIX pela ótica das imagens filmícas. **Historiæ**, [S. l.], v. 8, n. 2, p. 155–170, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/7316>. Acesso em: 22 fev. 2023.

GUALDA, Linda Catarina. **Representações do feminino em Dom Casmurro e The Turn of the Screw**. 2007. 209 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2007. Available at: <<http://hdl.handle.net/11449/94121>>.

IPIRANGA, Sarah. O papel da literatura na BNCC: ensino, leitor, leitura e escola. **Revista de Letras**, v. 1, n. 38, p. 106-114, 12 fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.36517/revletras.38.1.9>. Acesso em: 8 fev. 2023.

KIPPER, Denise. **As mulheres nas obras de José de Alencar: considerações sobre o perfil de mulher do século XIX em senhora e lucíola**. 2015. 23p. Trabalho de conclusão de curso (graduação) — Universidade Federal da Fronteira Sul - Curso de Letras - Português e Espanhol, Cerro Largo, 2015. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/229/1/KIPPER.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2023.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

LESSA, Sérgio. **Abaixo a família monogâmica**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LOPES, Ana Maria Costa. **Imagens da mulher na imprensa feminina de oitocentos:** percursos de modernidade. Lisboa: Quimera, 2005.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: Vozes, 1997

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. *In:* PRIORI, Mary del (Org.); BASSANEZI, Carla (Org.). **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2004. p. 443-481.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LYRA, Maria de Lourdes Viana. O público e o privado no Brasil imperial. *In:* HISTÓRIA: FRONTEIRAS - ANAIS DO XX SIMPÓSIO NACIONAL DA ANPUH, 1999, Florianópolis. **História:** Fronteiras - Anais do XX Simpósio Nacional da ANPUH. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 1999. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1547483138_e7ee66bfd4aa30dfcdaa7333cc9c4a0.pdf. Acesso em: 11 fev. 2023.

MACHADO DE ASSIS. Dom Casmurro. *In:* **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Aguiar, 1994a. v. 1, p. 1-128.

MACHADO DE ASSIS. Quincas Borba. *In:* **Obras Completas.** Rio de Janeiro: Aguiar, 1994b. v. 1, p. 1-128.

MARINHO, Fernando. **Realismo:** contexto histórico, características, autores e obras - Português. Disponível em: <https://www.portugues.com.br/literatura/realismo.html>. Acesso em: 22 fev. 2023.

MARTINS, Maria Angélica Seabra Rodrigues. A sanção da toleima: em "Marquesa, porque eu serei marquês". **Significação:** Revista de Cultura Audiovisual, [S. l.], v. 17, n. 8-9, p. 99-107, 1990. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.1990.65502. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/65502>. Acesso em: 11 jan. 2023.

MOISÉS, Massaud. **Machado de Assis: ficção e utopia.** São Paulo: Cultrix, 2001.

NICOLA, José de. **Literatura Brasileira:** das origens aos nossos dias. São Paulo: Scipione, 1998.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso:** princípios e procedimentos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio no movimento dos sentidos.** Campinas: Unicamp São Paulo, 1997.

PASSOS, Gilberto Pinheiro. **A poética do legado:** presença francesa em Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Annablume, 1996.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al. 2ª edição, Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 1997.

PENA, Iara Tabosa. "**Olhos do espírito**": uma leitura das capas de Dom Casmurro de Machado de Assis. 2012. xii, 136 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura)—Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. Tradução Angela M. S. Correia. São Paulo: Contexto, 2007.

PERROT, Michelle. Sair. In: PERROT, Michelle; DUBY, Georges (Dir.). **História das mulheres no ocidente: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991. v. 4, p. 503-540.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PONTES, Antonio Luciano; SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos. A representação do homem e da mulher no dicionário de usos do português do Brasil. **Linha D'Água**, [S. l.], v. 27, n. 2, p. 123-140, 2014. DOI: 10.11606/issn.2236-4242.v27i2p123-140. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/84308>. Acesso em: 11 fev. 2023.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2006.

PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Editora Ática, 2007.

RIBEIRO, Luís Filipe. **Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis**. 2ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: Fundação Biblioteca Nacional, 2008.

RICHARDS, Ivor Armstrong. **Philosophy of rhetoric**. Oxford: Oxford University Press, 1938.

ROSA, Graziela Rinaldi da. **Transgressão e moralidade na formação de uma "matrona esclarecida"**: contradições na Filosofia de Educação nisiana. 2012. 350 p. Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/3152>. Acesso em: 21 fev. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTIAGO, Camila dos Santos; SILVA, Cláudia Melo; FARIAS, Milaine Santos; MOTA, Ronara Vieira do Nascimento. **Mulheres machadianas: submissão e resistência. III SEPEXLE – Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras**, 2010, Ilhéus. Caderno de Resumos do III SEPEXLE – Seminário de Pesquisa e Extensão em Letras. Ilhéus, 2010.

SANTOS, Camila Maria dos. **Exploração e opressão da força de trabalho feminina e sua luta pela emancipação**. 2015. 145 p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social. Programa de Pós-graduação em Serviço Social — Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2015. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/bitstream/riufal/4609/1/Exploração%20e%20opressão%20da%20força%20de%20trabalho%20feminina%20e%20sua%20luta%20pela%20emancipação.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2023.

SANTOS, Katiana Souza. **Relações de gênero na segunda metade do Século XIX na perspectiva de Maria Firmina dos Reis**: análise do romance Úrsula. 2015. 134 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2015.

SARAIVA, J Juracy Assmann. **O Circuito das Memórias em Machado de Assis**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 1993.

SCHWARZ, Roberto. **Ao Vencedor as Batatas**: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro. São Paulo: Duas Cidades, 1997.

SENNÁ, Marta de. **O olhar oblíquo do Bruxo**: ensaios em torno de Machado de Assis. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVESTRE, Paulo Armando da Cunha. **Vivências do feminino no final de oitocentos**: representação da mulher em alguns romances e periódicos da época. 2009. Dissertação Mestrado (Estudos Portugueses e Interdisciplinares apresentada à Universidade Aberta). [s. n., s. l.]. 2009. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.2/1377>. Acesso em: 11 fev. 2023.

SOUZA, Gilda de Melo. **A ideia e o figurado**. 34 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2005.

TEIXEIRA, Ivan. **Apresentação de Machado de Assis**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

TREZZI, Clóvis. O acesso universal à Educação no Brasil: uma questão de justiça social. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, 23 set. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0104-40362022003003552>. Acesso em: 9 fev. 2023.

UNESCO. 2020. **Relatório de Monitoramento Global da Educação 2020**: Uma nova geração: 25 anos de esforços pela igualdade de gênero na educação. Paris, UNESCO.

WESTIN, Ricardo. Para lei escolar do Império, meninas tinham menos capacidade intelectual que meninos. **Agência Senado**, v. 65, 3 mar. 2020. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/nas-escolas-do-imperio-menino-estudava-geometria-e-menina-aprendia-corte-e-costura>. Acesso em: 9 fev. 2023.

XAVIER, Therezinha Mucci. **A Personagem Feminina no Romance de Machado de Assis**. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Galo Branco, 2005